

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

**A REPETIÇÃO COMO ORGANIZADORA
DO TÓPICO DISCURSIVO NA CONVERSAÇÃO
ENTRE AFÁSICOS
E NÃO AFÁSICOS EM SITUAÇÃO INTERATIVA**

- Versão Final -

Doutoramento / 3.º Ciclo em Ciências da Linguagem
Especialização em Linguística Textual

Rita de Cássia Silva Tagliaferre

Orientação

Prof.^a Doutora Maria da Felicidade Araújo Morais

Prof.^a Doutora Edwiges Maria Morato



Vila Real, 2015

Tese apresentada à Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro para obtenção do Grau de Doutora em Ciências da Linguagem – Especialização em Linguística Textual.

Dedicatória

Dedico este trabalho ao meu pai, Antônio de Castro Silva, *in memoriam*. Infelizmente, não pode acompanhar este momento da minha vida, mas estará sempre em meu coração e em meu pensamento. À minha mãe, Ana Maria da Silva, pelo amor eterno. Ao meu esposo, Cristiano Tagliaferre, e à minha filha, Maria Clara, pelo amor e carinho.

Agradecimentos

A Deus, fonte de toda sabedoria, pelos dons recebidos.

À Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, em especial à Escola de Ciências Humanas e Sociais, pela oportunidade que me foi dada de realizar este trabalho.

À Universidade Estadual de Campinas, por intermédio do Instituto de Estudos da Linguagem, por acreditar no sucesso da parceria com a UTAD.

À professora doutora Maria da Felicidade Araújo Morais, pela orientação paciente e pela amizade construída nesses quatro anos, imprescindíveis para a concretização deste trabalho.

À professora doutora Edwiges Maria Morato, coorientadora deste trabalho, por acreditar em minha capacidade de pesquisa, pelas preciosas orientações, pelo carinho e amizade de sempre.

À professora doutora Margareth de Souza Freitas Thomopoulos por ter-me apontado o caminho da pesquisa em Neurolinguística.

Aos professores doutor Manuel Gonçalo Sá Fernandes e doutora Maria Helena Pessoa Santos, pelo apoio no transcorrer das disciplinas cursadas na UTAD.

Ao meu esposo, amigo e companheiro de todas as horas, Cristiano Tagliaferre, pelo amor, companheirismo, atenção e ajuda incondicional na concretização de nosso projeto de vida.

À Maria Clara, minha filha, tesouro que me fortalece a cada dia, pela compreensão em minhas constantes ausências, pelo amor, por todos os momentos de felicidade que me tem proporcionado.

Aos meus familiares, em especial à minha mãe, Ana Maria da Silva, ao meu pai, Antônio de Castro Silva (*in memoriam*), aos meus irmãos, Estelita (irmã-mãe e amiga), Dulce e João Paulo, e aos meus sobrinhos – especialmente, à Mariana Gouveia, que em minha ausência se deslocava por quilômetros para ajudar a cuidar de minha filha –, por acreditarem que iria “chegar longe”, como dizia o meu pai.

À Jessica Macedo, a mais nova integrante da família, pela amizade e carinho de sempre.

À Nilza Novais e à Ana Paula Novais, por cuidarem tão bem de minha casa e de minha família.

À Poliana e à Alcione, alunas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, UESB, pela preciosa ajuda com as transcrições.

Aos sujeitos afásicos, que participam do Centro de Convivência de Afásicos (CCA), por terem colaborado com a pesquisa, permitindo a concretização deste estudo.

Aos amigos do grupo de pesquisa Cognição, Interação e Significação, COGITES, pelas valiosas trocas de textos e discussões.

À Silvana Perotino, minha querida amiga de Campinas, por me receber em sua casa em minhas curtas viagens.

Finalmente, a todos os que contribuíram direta ou indiretamente para a concretização deste trabalho.

Resumo

No presente trabalho, analisamos o estatuto linguístico-interacional da repetição na linguagem de afásicos e não afásicos destacando as formas e as funções da repetição como fator de organização do tópico discursivo. O *corpus* desta pesquisa foi coletado no Centro de Convivência de Afásicos (CCA) que funciona no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL-UNICAMP, Brasil). É um espaço de interação entre afásicos e não afásicos, em que, por meio de encontros semanais, atualizam-se as diversas práticas com a linguagem, mobilizando recursos pragmáticos, textuais e discursivos, tornando significativas as rotinas de vida dos sujeitos afásicos. É nosso objetivo discutir a tese de que a repetição está ao serviço da organização do discurso na linguagem dos sujeitos afásicos, cumprindo funções similares às que realiza no discurso de não afásicos. Nesse sentido, os resultados dessa investigação podem contribuir para os estudos neurolinguísticos sobre as afasias. Na senda de Marcuschi, interpretamos como repetição a recorrência de segmentos discursivos iguais ou similares em um mesmo evento comunicativo. Nesta perspectiva, a repetição é um fenômeno de ordem textual-interativa, vinculado aos processos normais de interação, gestão e progressão conversacional, característica essencial da interação verbal, bem como da produção linguística resultante dessa interação, seja esta dialógica ou monológica. Consideraremos o tópico discursivo atendendo às suas propriedades fundamentais, a centração e a organicidade – a primeira, relativa ao conteúdo, aquilo “acerca de que se fala”; a segunda, relativa à organização, ao “como se fala”. Partindo da hipótese de que os sujeitos afásicos não deixam de ser competentes do ponto de vista pragmático, os resultados evidenciam que a repetição corresponde a necessidades específicas da comunicação: os afásicos repetem porque a repetição cumpre funções no discurso, não propriamente em decorrência da afasia. A estratégia metodológica consiste na investigação longitudinal e qualitativa das ocorrências das repetições nas práticas conversacionais de sujeitos afásicos e não afásicos, privilegiando suas implicações para a emergência, a manutenção e a reorganização comunicativa dos

tópicos discursivos. Compreendemos que, por meio dessas práticas, o afásico se insere nas mais diversas atividades sociais e que ações inclusivas como essas diminuem seu isolamento social. Assim, mesmo com as dificuldades impostas pela afasia, esses sujeitos são capazes de interagir de forma dinâmica nas mais diversas situações conversacionais. Percebemos, através de nossas análises, que os afásicos não perderam sua competência textual-interativa com a patologia, reconhecem e contribuem para a configuração textual-interativa da conversação e que a repetição, tanto no contexto patológico como no não patológico, funciona como organizadora do tópico discursivo em andamento, contribuindo assim para a coerência do texto.

Palavras-chave: afasia, repetição, tópico discursivo, interação.

Abstract

In this study we will analyze the linguistic and interactional status of repetition in the language of aphasic and not aphasic people emphasizing the shapes and functions of repetition as a factor of organization of the discursive topic. The *corpus* of this research was collected in the Center of Coexistence of Aphasic Subjects (CCA) which works in the Institute of Studies of Language (ISL-UNICAMP - Brazil). It is a space for interaction between aphasic and non aphasic subjects, where through weekly meetings they put into practice the various practices with the language, mobilizing the pragmatic, textual and discursive resources, making significant the routines of life of the aphasic subjects. In this sense the aim is to contribute to the neurolinguistic studies defending the thesis that repetition is at the service of the organization of the speech in the language of aphasic subjects. In the way of Marcuschi, we understand the repetition as equal or similar discursive segments produced two or more times on the same communicative event. In this perspective, repetition is a phenomenon of textual-interactional order, not a phenomenon detached from the normal processes of interaction, management and conversational progression; it is an essential feature of verbal interaction, as well as the linguistic production resulting in this interaction, either in dialogical or monological form. We will take the discursive topic based on its fundamental properties, the centration and the organicity – the first one is concerning to the content, “what is talked about”, the second one is relative to the organization, to “how it is spoken”. Thus, on the assumption that the aphasic subjects do not stop being competent in the pragmatic point of view, the results show that repetition corresponds to the specific needs of language, the aphasic subjects repeat because the specificity of language allows, not because of aphasia specifically. The methodological strategy consists of longitudinal and qualitative investigation of the events of repetitions in conversational practices of non aphasic and aphasic individual, focusing on their

implications for the maintenance, the emergency or the communicative reorganization of discursive topics. We understand that through these practices the aphasic subject is inserted in various social activities and that inclusive actions as these decrease the social isolation of the aphasic subject, even with the difficulties imposed on the situation of the aphasic subjects, these individual are able to interact dynamically in different conversational situations. We realized through our analysis that the aphasic subjects have not lost their textual-interactive competence with the pathology, recognize and contribute to the textual-interactive configuration of conversation and that repetition both in the pathological context as in the not pathological one, functioning as organizer of the discursive topic in progress, thereby contributing to the coherence of the text.

Keywords: aphasia, repetition, discursive topic and interaction.

Índice Geral

Introdução	1
Capítulo 1 – Afasia	5
1.1. Tipos de afasia	6
1.1.1. Afasia de Broca	8
1.1.2. Afasia de Wernicke	9
1.1.3. Afasia Global	11
1.1.4. Afasia de Condução	13
1.1.5. Afasia Transcortical Motora	14
1.1.6. Afasia Transcortical Sensorial	15
1.1.7. Afasia Anômica	16
1.2. Classificação tradicional das afasias: Síntese	17
1.3. A repetição na tradição afasiológica e na Neurolinguística	18
Capítulo 2 – Tópico discursivo e Análise da Conversação	28
2.1. Percurso teórico da Análise da Conversação	28
2.2. Tópico discursivo	30
2.3. Organização tópica	37
Capítulo 3 – Repetição	40
3.1 Aspectos teóricos	40
3.2 Perspectiva interacional da repetição	54
Capítulo 4 – O Centro de Convivência de Afásicos (CCA)	58
4.1. Fundamentação teórico-metodológica do CCA	58
4.2. A dinâmica dos encontros	60
4.2.1. Expressão teatral	61
4.2.2. Programa de linguagem	62
4.3. Participantes do CCA	63
4.3.1. Sujeitos afásicos	63
4.3.2. Sujeitos não afásicos	69
4.4. Descrição do corpus	72
4.4.1. Sistema de notação –AphasiAcervus	72
4.5. Procedimentos Metodológicos	76
4.6. Aspectos formais da repetição	77
4.7. Aspectos funcionais da repetição	79

Capítulo 5 – Análise dos dados.....	84
5.1. Enquadre interativo do corpus – discussão sobre a festa de final de ano do CCA.....	84
5.2. Recorte do corpus – Funções textual-discursivas da repetição	112
5.2.1 Coesão por referenciação.....	112
5.2.2. Coesão sequencial.....	118
5.2.3 Correção.....	123
5.2.4. Expansão.....	126
5.2.5. Hesitação	128
5.2.6. Intensificação.....	130
5.2.7. Reforço	132
5.2.8. Esclarecimento.....	134
5.2.9. Reafirmação.....	136
5.2.10. Contraste.....	138
5.2.11. Contestação.....	140
5.2.12. Incorporação	142
5.2.13. Interação por responsividade	144
5.3. Aspectos formais da repetição	147
5.3.1. Produção	147
5.3.2. Segmentos.....	154
5.3.3. Distribuição	160
5.3.4. Configuração	163
Capítulo 6 – Discussão dos resultados e considerações finais	167
6.1. Discussão dos resultados	167
6.2. Considerações finais.....	176
Referências Bibliográficas	181
Apêndice.....	195

Índice de Figuras

Figura I - Área de Broca.....	8
Figura II - Área de Wernicke	10
Figura III - Afasia global.....	12
Figura IV - Afasia de condução	13
Figura V - Afasia Transcortical Motora	15
Figura VI - Afasia Transcortical Sensorial	16
Figura VII - Afasia Anômica	17
Figura VIII – Dinâmica dos encontros do CCA.....	61

Índice de Quadros

Quadro I – Classificação tradicional das afasias.....	17
Quadro II – AphasiAcervus (2011).....	73
Quadro III – Aspectos formais da repetição.....	79
Quadro IV – Aspectos funcionais da repetição.....	83
Quadro V – Quadro Tópico.....	169

Lista de siglas utilizadas

- AC – Análise da Conversação
- AS – Pesquisador não afásico do sexo feminino
- AVC – Acidente Vascular Cerebral
- CCA – Centro de Convivência de Afásicos
- CD – Pesquisador não afásico do sexo feminino
- EC – Sujeito afásico do sexo feminino
- EM – Pesquisador não afásico do sexo feminino
- EG – Pesquisador não afásico do sexo feminino
- GM – Pesquisador não afásico do sexo feminino
- HM – Pesquisador não afásico do sexo feminino
- L – Linha
- LM – Sujeito afásico do sexo masculino
- M – Matriz
- MG – Sujeito afásico do sexo feminino
- MN – Sujeito afásico do sexo feminino
- MS – Sujeito afásico do sexo masculino
- NS – Sujeito afásico do sexo feminino
- QT – Quadro Tópico
- R – Repetição
- RT – Pesquisador não afásico do sexo feminino
- SI – Sujeito afásico do sexo feminino
- SP – Sujeito afásico do sexo masculino
- TCE – Traumatismo Craniano Encefálico
- VM – Sujeito afásico do sexo feminino

Introdução

Dentre os mecanismos envolvidos na organização textual interativa dos inquiridos registrados no *corpus* do Centro de Convivência de Afásicos, há que ressaltar a repetição, nosso objeto de investigação, enquanto organizadora do tópico no contexto das afasias.

Mais do que uma simples característica da linguagem oral, a repetição é uma das estratégias de formulação textual mais presentes na oralidade. Por ser uma estratégia de grande maleabilidade funcional, assume um variado conjunto de formas e funções, contribuindo, assim, para a organização do discurso e a monitoração da coerência, favorecendo a coesão e a geração de sequências mais compreensíveis, dando continuidade à sequenciação e à retomada do tópico, auxiliando nas atividades interativas. Como se constata, a repetição contribui para um texto menos denso com um maior envolvimento interpessoal, fazendo-se necessária numa gramática de textualização no processo interacional (Marcuschi 2002: 105).

Pautando-se na concepção de que a repetição está a serviço da organização tópica, os sujeitos realizam as atividades de interação em um espaço discursivo orientado com o objetivo de alcançar metas e, a partir dessas metas, é plausível observar como os interlocutores se situam em relação a seus papéis sociais, seus modos, suas atitudes, seus objetivos, reações assumidas durante o processo interacional (Jubran 2007).

Nessa perspectiva, salientamos que as formas de organização textual realizadas pelos sujeitos em situação de interação estão estreitamente relacionadas ao conhecimento de mundo, às crenças e ao domínio das estratégias socioculturalmente determinadas, que favoreçam a eficácia da interação face a face, na tentativa de manter a interação social por meio da polidez e da negociação de diferentes situações comunicativas, como os turnos, os tópicos e as estratégias normativas que os auxiliam para a formulação e compreensão textual (cf. Koch 1997 e 2001; Mondada 2001; Morato 2004; Jubran 2007; Salomão 2014).

Nesse sentido, o texto, em qualquer que seja a situação comunicativa, não depende estritamente da estrutura textual, pois os objetos do discurso encontram-se na maioria das vezes implícitos, cabendo ao interlocutor explorar seus conhecimentos textuais, enciclopédicos e interacionais. Partindo dessa concepção de texto, vemos que o tratamento da linguagem, quer em termos de produção, quer de recepção, caracteriza-se por meio da interação locutor-ouvinte-leitor, que se manifesta nos conhecimentos e das estratégias cognitivas. Dessa forma, as condições enunciativas de cada sujeito devem ser levadas em conta, pois se manifestam mediante suas próprias escolhas consideradas como adequadas à situação comunicativa.

A partir desses pressupostos, discutiremos, neste trabalho, a repetição enquanto organizadora do tópico discursivo em situações conversacionais envolvendo afásicos e não afásicos a fim de observar como essa estratégia está diretamente relacionada ao tópico discursivo por meio das propriedades de contração e de organicidade. Em um contexto interacional, independentemente da manifestação linguística da repetição, esse processo só pode ser devidamente configurado se associado à elaboração de um tópico, pois é por meio do segmento tópico que se pode entender as analogias e as relações entre as construções linguísticas. Desse modo, a repetição, seja ela oracional, sintagmática ou lexical, funciona como centralizadora e organizadora da função tópica.

Objetiva-se observar como se organiza o tópico discursivo entre os sujeitos afásicos e não afásicos que participam do CCA, analisando as ocorrências das formas e das funções da repetição enquanto organizadora da estrutura tópica “acerca de que se fala” (cf. Brown e Yule 1983; Marcuschi 1986; Andrade 1998; Jubran 2006; Galembeck 2006 e 2013).

Pretendemos com este estudo contribuir para a discussão da tese de que a relação entre cognição e linguagem não ocorre somente por fatores mentais e cerebrais, como enfatizado pela Afasiologia tradicional (cf. Goldstein 1948, Jakobson 1981, Luria 1977), mas também no âmbito textual-interativo. Partimos do posicionamento de que os sujeitos afásicos em situações de interação demonstram competências de ordem comunicativa, pragmática, cognitiva e social. Assim, considerando a competência linguística sob uma perspectiva sociocognitiva, postulamos, com apoio em evidências

trazidas por discursos de sujeitos afásicos em situação interativa, que tal competência não se perde ou se destrói necessariamente nas afasias (Morato *et al.* 2008: 38). Nosso domínio empírico são especificamente práticas de linguagem cotidiana que ocorrem no CCA do Instituto de Estudos da Linguagem, da UNICAMP.

Justifica nossa abordagem a peculiaridade do *corpus*, pois demanda um olhar atento para a repetição enquanto organizadora do tópico por parte dos sujeitos afásicos, bem como os aspectos pragmáticos e contextuais envolvidos diretamente nas situações conversacionais. Objetiva-se então, face à análise linguístico-interacional da repetição, trazer luzes não apenas para um melhor entendimento do fenômeno no contexto afasiológico, como também para as relações entre aspectos patológicos e não patológicos a ele atinentes.

Do ponto de vista estrutural, esta tese foi organizada em seis capítulos. No primeiro deles, serão apresentados o percurso teórico das afasias, a conceituação e/ou tipologia, os principais precursores, bem como o relevo dado à repetição na tradição afasiológica e na Neurolinguística.

O tópico, que colabora para a complexidade do fenômeno da repetição na linguagem de afásicos, ganha desenvolvimento no capítulo dois. Adentraremos também no domínio da análise da conversação, pois os nossos dados fazem parte de um evento conversacional, mais especificamente da interação face a face entre afásicos e não afásicos que frequentam regularmente o CCA. Assim, pode-se dizer que o domínio empírico deste trabalho é a conversação, especificamente aquela que constitui o cenário básico da aquisição e do uso da linguagem humana (cf. Clark 1996): a interação face a face. Esta constitui o uso básico e primordial da linguagem e, em cada situação conversacional, os interlocutores mantêm suas exigências para cumprir seu papel na interação (cf. Koch 1990 *et al.*; Marcuschi 1986; Preti 2002; Galembeck 2010).

No que diz respeito ao *corpus* deste trabalho, como os encontros do CCA são previamente direcionados, ou seja, em todos os encontros há uma rotina a ser seguida, como as atividades de linguagem ou de expressão teatral, que são previamente preparadas pelos pesquisadores, há uma relação entre a instauração e desenvolvimento dos tópicos e a estrutura de participação nessas interações. Sob a configuração de tal

gênero, o papel dos sujeitos não afásicos é o de introduzir determinados tópicos no decorrer da interação e, a partir desses tópicos, fica a cargo dos afásicos a instauração de novos tópicos e o acatamento de seu desenvolvimento.

O terceiro capítulo será dedicado ao construto teórico e metodológico sobre a repetição, um fenômeno que vem assumindo grande importância nos estudos linguísticos e, nas últimas décadas, tem recebido a atenção de vários pesquisadores, como Marcuschi (1986, 1990, 1991, 1992, 1999 e 2002), Bessa Neto (1991), Koch (1997, 2001), Lagrotta (2001), Ramos (1983), Norrick (1987), Tannen (1987 e 1989), Johnstone (1987), Salomão (2014), dentre outros.

No capítulo quatro, dedicar-nos-emos à descrição do CCA, fundamental para nossa pesquisa, pois nosso *corpus* é constituído de interações que ocorreram semanalmente no decorrer do ano de 2008. A primeira parte desse capítulo será dedicada à descrição do CCA: como surgiu, sua importância para os sujeitos afásicos e para os pesquisadores e as bases teórico-metodológicas que lhe deram origem. Apresentaremos também a dinâmica dos encontros, isto é, como acontecem as atividades de linguagem. Traçaremos a caracterização de cada integrante que participou do grupo no período em que foram produzidos os dados.

No capítulo cinco, descreveremos o *corpus* e os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa.

Finalmente, no capítulo seis, desenvolveremos a análise do *corpus*, bem como a discussão dos resultados. Na sequência, apresentaremos nossas considerações finais sobre a pesquisa.

Capítulo 1 – Afasia

Concebida por nós como uma questão de linguagem, um problema essencialmente discursivo, não redutível aos níveis linguísticos *stricto sensu*, a afasia envolve o funcionamento da linguagem e os processos cognitivos a ela associados; abarca, dessa maneira, as práticas linguísticas e discursivas que caracterizam as rotinas significativas humanas.

Mais especificamente, a afasia pode ser definida como uma alteração de linguagem oral e/ou escrita causada por um comprometimento cerebral adquirido (cf. Coudry 1988, Morato 2001, Carter 2003). Geralmente é acompanhada de alterações de outros processos cognitivos e sinais neurológicos, como a hemiplegia (paralisia de um dos lados do corpo), a apraxia (distúrbio da gestualidade), a agnosia (distúrbio do reconhecimento), anosognosia (falta de consciência do problema por parte do sujeito cérebro-lesado).

Por outras palavras, a afasia é uma perturbação da linguagem em que pode haver alteração de mecanismos linguísticos em todos os níveis, tanto no seu aspecto produtivo (relacionado à produção de fala), quanto interpretativo (relacionado à compreensão e reconhecimento de sentidos), causada por lesão estrutural adquirida no Sistema Nervoso Central, em virtude de acidentes vasculares cerebrais (AVC), traumatismos crânio-encefálicos (TCE) ou tumores (Morato 2001: 154).

O estudo das afasias tem permitido, de forma geral, um enorme avanço no entendimento da cognição humana. No que se refere aos estudos linguísticos, por sua vez, estes têm viabilizado um melhor entendimento acerca das relações entre cérebro, linguagem e cognição.

Essa possibilidade de entendimento acerca dessas relações é o que tem instigado a reflexão linguística no campo interdisciplinar dos estudos sobre as patologias linguístico-cognitivas, assim como as relações entre o normal e o patológico. Isso se explica devido ao fato de as afasias não representarem apenas uma ruptura com o que

pode ser considerado normal na língua, mas, sim, uma continuidade que nem sempre é vista dentro dos processos não patológicos (Morato 2010: 12).

Há que esclarecer que não se trata de afasia a alteração de linguagem que se manifesta nas psicopatologias (como a esquizofrenia ou o autismo), nas deficiências mentais e auditivas, nas demências, ou mesmo nas amnésias. O afásico, que experimentara uma eficácia no uso da linguagem em sua vida antes da patologia, passa a não dispor com tanta destreza dos recursos da linguagem para participar da interação com seus interlocutores. No entanto, como sujeito, permanece monitorando suas ações linguísticas a fim de atingir seus objetivos comunicativos e interacionais.

Por envolver, *grosso modo*, a relação entre linguagem e cérebro, dois objetos extremamente complexos, as afasias apresentam-se em variadas faces, que serão apresentadas a seguir.

1.1. Tipos de afasia

O estruturalismo dividiu as afasias em dois grandes grupos: não fluentes (motoras), fluentes (sensoriais). As do primeiro grupo têm como principais características os problemas de expressão (alterações fonético-fonológicas, estereotípias, perseverações, disprosódias, parafasias, principalmente fonológicas, fala telegráfica, agramatismo, falta de iniciativa verbal, alteração de linguagem escrita e apraxia buco-lábio-lingual), que são causados por lesões adquiridas na parte anterior do córtex cerebral (Morato 2001:153).

As afasias fluentes caracterizam-se por apresentarem problemas de compreensão, ausência de déficits articulatórios e alteração nos aspectos semânticos da linguagem (anomias, dificuldades de evocar ou selecionar palavras, maiores dificuldades com a linguagem escrita, parafasias, principalmente semânticas, circunlóquios e confabulações). Nesse tipo de afasia, atribuída a lesões adquiridas na parte posterior do córtex cerebral, são mais frequentes os problemas perceptivos e gestuais (Morato 2001: 153).

Os estudos linguísticos das afasias como o intuito de testar ou comprovar teorias datam a metade do século XX. Assim, a Afasiologia tornou-se uma importante fonte de dados para o desenvolvimento da teoria linguística. No entanto, somente a partir da década de 60 do século passado os linguistas passaram a se interessar pela análise mais abrangente do fenômeno afásico. “Os primeiros afasiólogos médicos ou linguistas enxergavam a linguagem ‘pela fresta estreita de descrições gramaticais e modelos redutores’” (cf. Coudry 1988: 35-45 *apud* Morato 2001: 152).

Como não havia uma ciência da linguagem que dessem conta dos processos patológico afeitos a ela, os primeiros afasiologistas como Jakobson (1960-1984) e Luria (1977) foram obrigados a levar em conta o “bom senso e a intuição na linguagem em contextos patológicos”. O início dos estudos das afasias no campo da Neurologia afastou tudo que “envolvia seus aspectos socioculturais, ideológicos, afetivos, devido à ‘exótica’ inclinação filosófica que o estudo das afasias suscitava e que era rejeitada à época em função da ideia de ciência que se estabelecia” (Morato 2001: 152).

A distinção entre língua falada e língua escrita, referência no nascimento da linguística como ciência com a publicação, em 1916, do *Curso de Linguística Geral*, obra de Saussure editada por seus alunos, conduziu os estudos da afasia em direção ao estudo da língua, vista como sistema fechado, autônomo, homogêneo, dissociada das atividades que com ela fazem os falantes. “Esta concepção de língua ajustava-se aos estudos afasiológicos iniciais, que a consideravam uma espécie de representação do pensamento, ou da memória, ou da percepção”. Sendo assim, a afasia acabou sendo definida “não como um problema de linguagem”, mas essencialmente como um “problema de aspectos internos, subjetivados, representacionais, em suma, como um problema de ‘linguagem interna’” (Françoze 1987: 7 *apud* Morato 2001: 153).

Dentre os pesquisadores que desenvolveram teorias sobre as relações cérebro-linguagem, no contexto das afasias, podemos destacar Gall (1758-1828), Jackson (1860-1880), Broca (1861-1969), Wernicke (1874), Goldstein (1878-1965), Jakobson (1960-1984), Head (1926), Marie (1906) e Luria (1977)¹. As observações desses autores

¹ Os precursores mais relevantes no desenvolvimento dos estudos afasiológicos são apresentados por Morato (2001); Tubero (2010); Bujosa i Homar (1981).

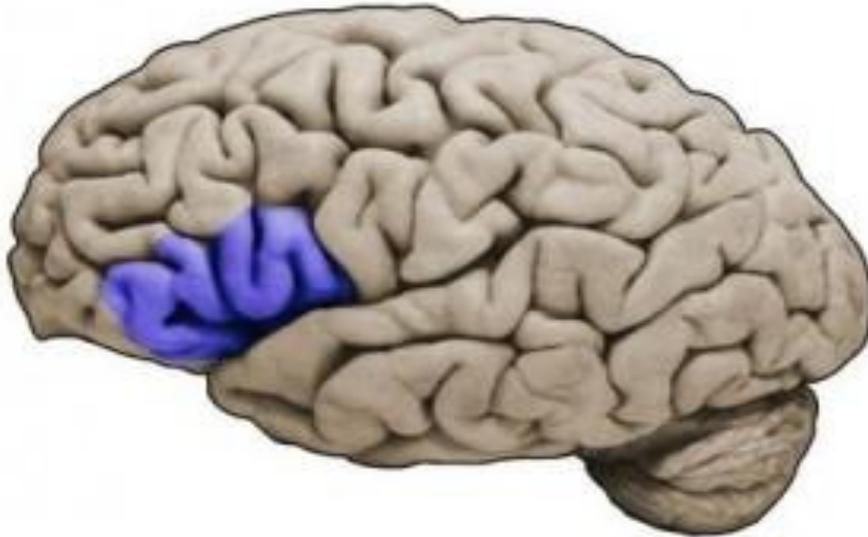
tiveram um importante papel no contexto afasiológico. Na sequência, apresentaremos algumas de suas contribuições.

1.1.1. Afasia de Broca

O neurologista francês Paul Broca identificou um paciente que era quase totalmente incapaz de falar e tinha uma lesão nos lobos frontais, o que gerou questionamentos sobre a existência de um centro da linguagem no cérebro. Descobriu casos nos quais a linguagem havia se comprometido devido a lesões no lobo frontal do hemisfério esquerdo. A recorrência dos casos levou Broca a propor, em 1864, que a expressão da linguagem é controlada por apenas um hemisfério, quase sempre o esquerdo. Esta visão confere com resultados do procedimento de Wada, no qual um hemisfério cerebral é anestesiado. Na maioria dos casos, a anestesia do hemisfério esquerdo, mas não a do direito, bloqueia a fala. A área do lobo frontal esquerdo dominante, que Broca identificou como sendo crítico para a articulação da fala, veio a ser conhecida como área de Broca (cf. Figura I) (Bear, Connors & Paradiso 2002: 49).

A afasia de Broca é também chamada de afasia motora ou não fluente, já que os afásicos motores têm dificuldade em falar mesmo que possam entender a linguagem ouvida ou lida. Pessoas com esse tipo de afasia têm dificuldade em dizer qualquer coisa, fazendo pausas para procurar a palavra certa (anomia). A marca típica da afasia de Broca é um estilo telegráfico de fala, no qual se empregam, principalmente, palavras de conteúdo (substantivos, verbos, adjetivos), além da incapacidade de construir frases gramaticalmente corretas (agramatismo).

Figura I - Área de Broca



Fonte: <http://mcatbasics.com/behavioral-sciences-review/a-brief-history-of-neuropsychology/>
(Consultado em 28 de agosto de 2015)

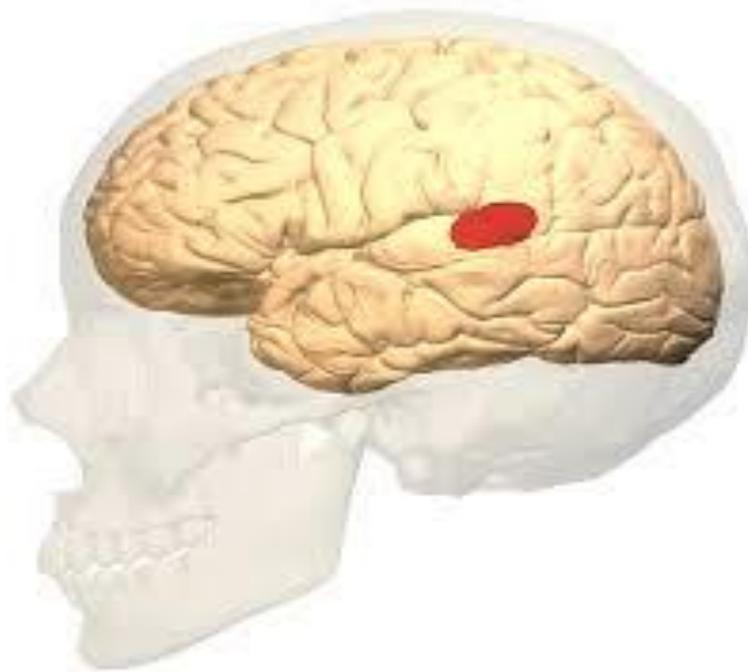
1.1.2. Afasia de Wernicke

Em 1874, o neurologista Karl Wernicke verificou que lesões na superfície superior do lobo temporal, entre o córtex auditivo e o giro angular, também interrompiam a fala normal. Essa região é atualmente denominada área de Wernicke (cf. Figura II). Tendo estabelecido que há duas áreas de linguagem no hemisfério esquerdo, Wernicke e outros estudiosos começaram a mapear as áreas de processamento da linguagem no cérebro e levantaram hipóteses acerca de interconexões entre córtex auditivo, a área de Wernicke, a área de Broca e os músculos requeridos para a fala.

O modelo neurolinguístico de Wernicke considerava que a área de Broca deveria conter os programas motores de fala, ou seja, as memórias dos movimentos necessários para expressar os fonemas, compô-los em palavras e estas em frases. A área de Wernicke, por outro lado, conteria as memórias dos sons que compõem as palavras, possibilitando a compreensão (Lent 2002: 637). Assim, se essas duas áreas fossem conectadas, o indivíduo poderia associar a compreensão das palavras ouvidas com a sua própria fala.

A afasia de compreensão ou afasia de Wernicke afeta a região cortical posterior em torno da ponta do sulco lateral de Sylvius do lado esquerdo. Os pacientes acometidos de lesões nessa área não conseguem compreender o que lhes é dito, emitem respostas verbais sem sentido e também não conseguem demonstrar compreensão por meio de gestos. Enquanto, na afasia de Broca, a fala é perturbada, mas a compreensão permanece intacta, na afasia de Wernicke, a fala é fluente, mas a compreensão é pobre.

Figura II - Área de Wernicke



Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Wernicke's_area_-_lateral_view.png

(Consultado em 28 de agosto de 2015)

Jackson desenvolveu uma teoria relacionada com as doenças neurológicas e mentais. Baseando-se em especulações sobre a observação de casos de epilepsia e alterações de linguagem em decorrências de acidentes vasculares encefálicos (AVC), exerceu grande influência sobre a psiquiatria e a psicologia do século XIX.

Jackson teve particular interesse pela questão da localização das epilepsias, provavelmente porque sua esposa apresentava crises parciais, também chamadas ainda hoje de crises “jacksonianas”. Este tipo de epilepsia, chamada também de epilepsia

unilateral, diferente das convulsões, iniciava sua manifestação em apenas uma parte do corpo. Jackson não excluía a teoria, então vigente, sobre a origem da chamada epilepsia unilateral, que seria deflagrada por um espasmo vascular, em ato reflexo, no nível da medula oblonga. Jackson observou que possivelmente alguma região do cérebro poderia estar “doente”. Em outras palavras, propôs uma mudança na concepção da origem da epilepsia unilateral no que diz respeito à causa e à localização.

Observando casos de afasia, confirmou os achados de Paul Broca, atribuindo a Broca o mérito da descoberta do centro motor da fala. Ele se preocupava não somente com a localização das doenças, mas, principalmente, com as confirmações clínicas da sua teoria sobre o funcionamento do sistema nervoso. Jackson procurou alcançar “generalizações racionais”, uma lei única que explicasse simultaneamente as diferentes manifestações físicas e mentais, o que foi um pensamento dominante no final do século XIX. Supunha uma hierarquia do sistema nervoso, dividindo-o em centros nervosos superiores, médios e inferiores. O próprio Jackson alertava para o enfoque “materialista” de suas ideias. Em suas palavras, destacava que todos os centros nervosos, desde os superiores aos inferiores, seriam “máquinas-sensório-motoras”. Os centros nervosos superiores são considerados responsáveis por funções numerosas, diferentes, complexas e especiais, enquanto os inferiores têm funções opostas, menos numerosas, mais gerais e menos complexas.

1.1.3. Afasia Global

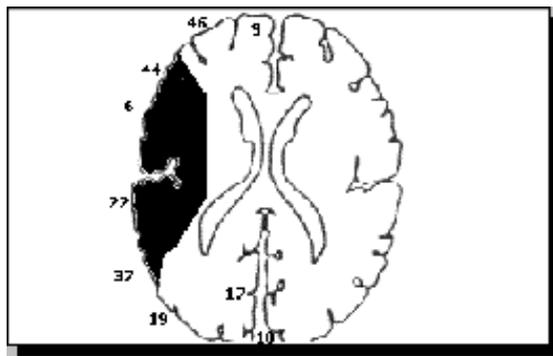
Geralmente descrita como a forma mais grave de perturbação da linguagem, a afasia global é resultado de uma extensa lesão do hemisfério esquerdo (cf. Figura III), causando na maioria dos casos hemiplegia, envolvendo toda a rede neuronal responsável pela informação verbal. O discurso dos sujeitos caracteriza-se pela falta de fluência, podendo apresentar problemas de compreensão verbal, mas respondendo a questões devidamente contextualizadas.

Essa afasia tem como causa mais comum uma lesão extensa na substância branca periventricular frontoparietal. Os sinais mais comuns deste tipo de afasia são fala

não fluente, compreensão oral e escrita alterada, nomeação e repetição prejudicadas. Clinicamente combina características da afasia de Broca com a de Wernicke, geralmente de prognóstico funcional reservado.

Há casos de afasia global sem hemiplegia. Um exemplo é o trabalho desenvolvido por Tranel *et al.* (1987), em que pacientes com afasia global aguda não manifestaram hemiparesia à direita. Exames demonstraram que os sujeitos tiveram duas lesões discretas no hemisfério esquerdo, uma no córtex anterior ou na área subcortical relacionada com a linguagem, e outra no córtex posterior. Mostraram ainda que um paciente apresentou oclusão total da artéria carótida interna esquerda e o outro apresentou um coágulo intraluminal na porção supraclinóidea da carótida interna esquerda. Para esses autores, a afasia global sem hemiparesia prevê uma boa recuperação da linguagem.

Figura III - Afasia global



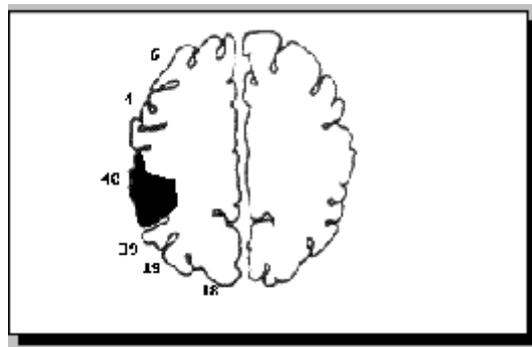
Fonte: <http://www.neuropsicol.org/Np/Afasia.htm> (Consultado em 28 de agosto de 2015)

1.1.4. Afasia de Condução

Os sujeitos com afasia de condução apresentam um discurso fluente, e a compreensão é normal, destacando-se a alteração da repetição e o discurso rico em parafasias fonêmicas como características definidoras desse tipo de afasia. A nomeação se encontra alterada, o que se deve à presença de parafasias de uma ou mais sílabas ou mesmo à incapacidade de escolher a palavra adequada (cf. Kohn *et al.* 1991). A leitura e a escrita encontram-se comprometidas, o sujeito não consegue ler alto, mas compreende tudo ou quase tudo o que lê. Em alguns casos, está presente a apraxia de face e membros, podendo ocorrer fraqueza facial direita, bem como a diminuição da sensibilidade à dor.

Em suma, é um tipo de afasia ocasionado por uma lesão que rompe os axônios que conectam a área de Wernick e à área de Broca (cf. Figura IV). A compreensão encontra-se relativamente preservada e a fala, fluente, mas a nomeação e a escrita são prejudicadas, apresentando parafasias.

Figura IV - Afasia de condução



Fonte: <http://www.neuropsicol.org/Np/Afasia.htm> (Consultado em 28 de agosto de 2015)

Goldstein (1878) contribuiu para os estudos afasiológicos no que dizem respeito a afasia de condução, caracterizada por muitos pelo uso incorreto de palavras, que gera as parafasias. Pacientes com afasia de condução não podem repetir frases simples, mas

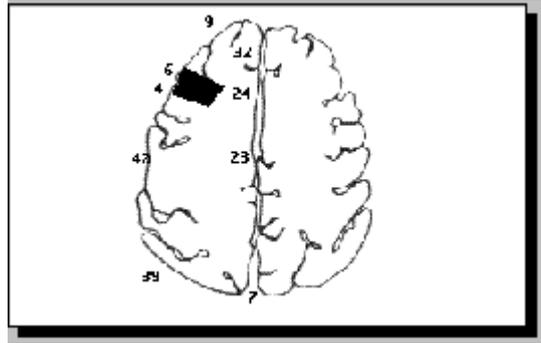
podem compreender palavras que são ouvidas e vistas; falam fluentemente, mas com algumas alterações morfológicas e sintáticas, dentre outras. Esses pacientes têm conhecimento de seus erros, mas não conseguem corrigi-los. Goldstein argumentou que os distúrbios da linguagem não podem ser atribuídos a lesões específicas, que não são decorrentes de injúria de qualquer área cortical. Afirmou que a lesão cortical, independentemente de sua localização, faz o paciente regredir de uma linguagem de alto nível simbólico para uma linguagem verbal simples e automática; de uma linguagem abstrata para uma concreta, característica das afasias.

1.1.5. Afasia Transcortical Motora

Os sujeitos acometidos pela afasia transcortical motora apresenta a preservação da capacidade de repetir a linguagem falada. Algumas de suas características lembram muito a afasia de Broca, pois o sujeito apresenta a fluência verbal atenuada, mas difere na capacidade natural de repetição. O discurso espontâneo apresenta-se pouco fluente, embora a compreensão, a repetição e as capacidades de articulação sejam mantidas. Apresentam dificuldade ao pronunciar palavras na conversação espontânea, mas repetem facilmente. Aparentemente, a linguagem do indivíduo é normal, mas não a utiliza de forma espontânea.

As lesões são apresentadas na área cerebral anterior esquerda envolvendo a área motora suplementar (cf. Figura V). Em suma, o sujeito apresenta a linguagem expressiva espontânea reduzida e a repetição com melhor desempenho. A expressão é lenta, breve e realizada com esforço. A compreensão permanece preservada, embora não seja perfeita, e a denominação está alterada, podendo ocorrer fenômenos de perseveração.

Figura V - Afasia Transcortical Motora



Fonte: <http://www.neuropsicol.org/Np/Afasia.htm> (Consultado em 28 de agosto de 2015)

1.1.6. Afasia Transcortical Sensorial

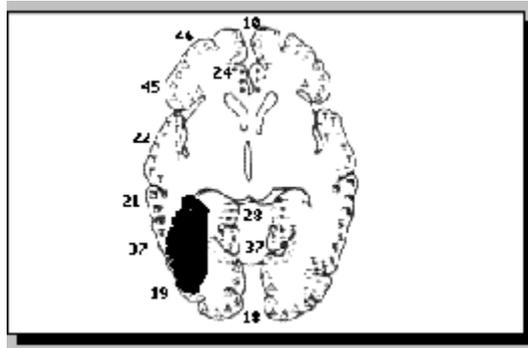
Esse tipo de afasia é caracterizado pela compreensão auditiva prejudicada, com a repetição intacta e fala fluente (Lichtheim 1885; Goldstein 1948).

Decorrente de lesão no giro temporal médio e no giro angular, ou na substância branca subjacente (cf. Figura VI), as principais características dessa afasia são: boa capacidade para repetição e alteração evidente na compreensão nos materiais que o paciente é capaz de repetir. A expressão é fluente, ocorrendo como jargão semântico e, às vezes, ecolalia (repetição ordenada de um recorte de fala). A compreensão é afetada e a repetição preservada. Segundo Gandolfo (2006: 52), a afasia sensorial é resultado de

[...] lesões que atingem os setores áudio-verbais do córtex, ou seja, a região pósterosuperior da área temporal esquerda (área de Wernicke). Os enfermos com estas feições conseguem discriminar perfeitamente sons não verbais, como o bater de uma porta, ruído de louças, som de uma música etc, porém apresentam confusões entre fonemas parecidos e, muitas vezes, também, dificuldades na discriminação dos sons da língua de maneira geral. Devido a essa falta de discriminação dos sons, pode ocorrer, em casos mais graves, uma dissociação entre o som e o significado das palavras.

Assim, pode-se dizer que, na afasia sensorial, a alteração manifesta-se pela ausência da unidade lexical e também pela impossibilidade de realizar atividades metalinguísticas.

Figura VI - Afasia Transcortical Sensorial



Fonte: <http://www.neuropsicol.org/Np/Afasia.htm> (Consultado em 28 de agosto de 2015)

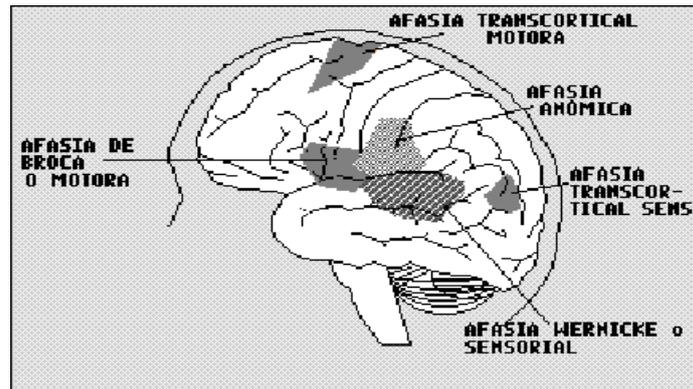
1.1.7. Afasia Anômica

A anomia² pode ser definida como dificuldade ou incapacidade de encontrar palavras durante a enunciação. É uma afasia do tipo fluente, caracterizada basicamente por alterações semânticas, mas o acesso lexical também se encontra prejudicado. Na escrita, podem aparecer as mesmas falhas encontradas na fala: anomias, discurso evasivo e paragrafias. A leitura geralmente está preservada, e a compreensão é adequada (Morato 2002: 10).

Causada por lesões no córtex temporal anterior esquerdo (cf. Figura VII), tem como características a fluência na linguagem expressiva, mas com dificuldade de evocação nominal, podendo ocorrer circunlóquios. A compreensão geralmente está preservada.

²Para um estudo minucioso sobre a anomia no campo da afasiologia, sugerimos o trabalho de Rojer (2010).

Figura VII - Afasia Anômica



Fonte: <http://www.neuropsicol.org/Np/Afasia.htm> (Consultado em 28 de agosto de 2015)

1.2. Classificação tradicional das afasias: Síntese

No quadro que se segue, apresentam-se resumidas as principais características dos diferentes tipos de afasia.

Quadro I – Classificação tradicional das afasias

Tipos de Afasia	Características				
	Fluência	Compreensão auditiva	Repetição	Nomeação	Leitura
Broca	Anormal	Relativamente normal	Anormal	Anormal	Normal ou anormal
Wernicke	Normal, parafásica	Anormal	Anormal	Anormal	Anormal
Global	Anormal	Anormal	Anormal	Anormal	Anormal

Condução	Normal, parafásica	Relativamente normal	Anormal	Geralmente anormal	Relativamente normal
Transcortical Motora	Anormal	Relativamente normal	Relativamente normal	Anormal	Relativamente normal
Transcortical Sensorial	Normal, ecológica	Anormal	Relativamente normal	Anormal	Anormal
Anômica	Normal	Relativamente normal	Normal	Anormal	Normal ou anormal

Mesmo considerando legítimas as classificações tradicionais, há que se ter consciência de que as dificuldades na compreensão e na produção da linguagem podem-se manifestar de diferentes formas e com intensidades distintas de indivíduo para indivíduo, pois cada lesão é única e cada indivíduo utiliza a linguagem para se comunicar de uma forma particular, o que significa que podem existir diferentes tipos de afasia e distúrbios de linguagem como consequência de um dano à estrutura cerebral de um indivíduo (Ortiz 2010).

Após essa apresentação das afasias em termos de suas representações tradicionais, passaremos a focar nas várias *nuances* veiculadas pelo procedimento linguístico-cognitivo-interacional da repetição.

1.3. A repetição na tradição afasiológica e na Neurolinguística

Devido a sua maleabilidade funcional, a repetição exerce diversificadas formas e funções no contexto conversacional, contribui para a organização discursiva e a monitoração da coerência textual, favorece a coesão e a geração de sequências textuais mais compreensíveis, dá continuidade à organização tópica e auxilia nas atividades interativas (Marcuschi 2006: 219).

A repetição é um fenômeno que ainda tem recebido pouca atenção de estudiosos da área de Neurolinguística, apesar de ser recorrente na definição de praticamente todos os quadros afásicos. Uma face que salienta os aspectos patológicos do fenômeno da repetição, a perseveração, tem sido privilegiada pelos estudos neurolinguísticos. Ainda que a repetição seja associada a diferentes fenômenos, tais como a perseveração, a parafasia, a iteração, a estereotipia, o circunlóquio, o automatismo (Rondal e Seron 1999: 667), seu estatuto nas afasias encontra-se ainda não inteiramente definido.

No campo dos estudos afasiológicos, de acordo com (Morato 2001: 149), as pesquisas focalizam o cérebro como órgão da sensação e da inteligência. A descoberta das localizações cerebrais e os primeiros trabalhos sobre a teoria celular datam do século XIX. É importante assinalar que o interesse pela cognição aparece justamente nessa época, ou melhor, um pouco antes, no período do Iluminismo, quando a *psique* começa a ser considerada um atributo propriamente humano e não mais divino, como o era para os antigos.

Embora os sacerdotes egípcios já fizessem suas correlações anatomo-clínicas, observando as consequências dos danos cerebrais, de Galeno até a Idade Média, preponderou a Teoria dos Ventrículos, responsável pela explicação da arquitetura anatômica e funcional que determinava quais as faculdades mentais de que os homens eram dotados. De acordo com essa teoria, apenas algumas faculdades mentais como a razão, a memória ou o senso comum, teriam uma realidade cerebral mais ou menos circunscrita a determinadas regiões; em contrapartida, a linguagem não tinha uma realidade nosológica, isto é, não fazia parte das evidências de sequelas de distúrbios cerebrais, simplesmente porque não existia para os estudiosos (Marx 1966: 328-49; Morato 2001:149), era considerada invisível porque não se considerava que estava localizada no cérebro (Morato:2001: 149).

Apesar de todo o conhecimento acumulado sobre o cérebro, nem tudo se sabe sobre os processos cognitivos subjacentes à linguagem. Algumas dessas dúvidas são ressaltadas por Morato (2001: 148): como se dá a representação cerebral da linguagem em pessoas surdas, canhotas ou bilíngues? Como é possível que um tecido cerebral, uma vez “morto”, se regenere? Como é possível que crianças deficientes mentais aprendam e se desenvolvam? Por que o cérebro envelhece às vezes tão rapidamente? Por que esquecemos as palavras e as coisas? E por que nos lembramos? O cérebro é variável, assim como as línguas e as culturas? Para Morato:

O interesse pela linguagem, bem como pela sua realidade cognitiva, surgiu a partir do momento em que ela passa a ser visível para os antigos estudiosos da correlação entre comportamentos humanos e áreas corticais lesadas, por volta da segunda metade do século XIX (Broca, Wernicke, Gall, Luria). Antes disso, os fenômenos que de alguma forma eram afeitos ou relacionados à linguagem eram creditados a alguma capacidade intelectual do homem que nada teria a ver com linguagem propriamente dita, como a percepção, a memória, o raciocínio. No fundo, toda a tradição científico-filosófica acerca da linguagem a toma como uma espécie de exteriorização de conteúdos cognitivos ou mentais que seriam subjetivados e aparentemente inacessíveis ao investigador. Para os antigos, a linguagem era uma espécie de “dom divino” dado ao homem; portanto, inata, essencial, verdadeira, lógica e transparente, não se confundindo com a realização humana, a fala, que a deformava, mas com a mente, o espírito, que a continha (Morato 2001: 148).

Para essa autora, em se tratando da afasiologia, embora seja tradicional considerar que esse termo nasceu com o francês Paul Broca, em 1861, quando revelou os primeiros casos de afasia motora, que afetaria basicamente o aspecto expressivo da linguagem, descrevendo, entre outros, o caso do paciente Leborgne, apelidado “Tan-tan” por ser esta a única forma expressiva que lhe restara para se comunicar com os outros³, cabe salientar que quem estabeleceu propriamente a relação entre a área cerebral lesada e manifestações clínicas de pacientes neurológicos foi Gall no início do século XIX, fazendo correlações anátomo-fisiológicas de impressões vistas a olho nu na caixa craniana (Morato 2001: 149).

De todo modo, segundo Morato (2001: 150), já nessa época, “ao final do século XIX, tanto o inatismo, a ideia de que nossas capacidades linguísticas e cognitivas são apriorísticas, fixadas pelo organismo, quanto o localizacionismo”, a suposição de que “cada função cognitiva, como a memória ou a linguagem, é de responsabilidade de regiões ou sedes circunscritas do cérebro, eram questionados seriamente”. A ideia de que

³A descrição do caso desse paciente de Broca tem sido, todavia, alvo de muitas críticas. Internado havia 20 anos no Hospital Bicêtre, em Paris, o paciente padecia de vários males mesmo antes de ter sofrido uma lesão cerebral. Consta que não teria sido apenas uma lesão, o que enfraquece ainda mais a corrente localizacionista, que relaciona diretamente área cerebral lesada e alteração de linguagem e de outros processos cognitivos. Com isso, muitos admitem que a Afasiologia tem sua origem numa espécie de malogro ou equívoco clínico. Os críticos da corrente localizacionista, como Freud, que escreveu, em 1891, uma monografia sobre as afasias, ressaltam que uma face é localizar no cérebro áreas que, prejudicadas, perturbariam a linguagem e demais processos cognitivos; outra é localizar de maneira precisa a linguagem no cérebro. Somente a história das ideias ou a filosofia da ciência seriam capazes de identificar as razões da manutenção, até os dias de hoje, de um paradigma estabelecido nessas bases.

tanto o estudo da linguagem e dos processos afeitos a ela (iniciado pelos próprios afasiólogos, como Lordat, antes mesmo que pelos linguistas), quanto a ponderação dos primeiros críticos do localizacionismo, como Charcot, Jackson e Freud, deram origem à moderna Neuropsicologia (de inspiração funcionalista) e à Neurolinguística (de inspiração estruturalista). A falta de teorias-ponte entre a Linguística e a Neurologia também contribuiu para que os estudos linguísticos sobre a afasia não acontecessem ainda no século XIX (Morato 2001: 151).

Em meados da década de 60, do século XX, no que se refere ao estudo linguístico da afasia, esse dizia respeito à sintaxe, ou seja, às regularidades gramaticais, às regras de boa formação de sentenças e à semântica, isto é, às representações lógico-formais de sentenças. A linguagem ficou de fora dos problemas afásicos em seu contexto fonético-fonológico. Também ficaram de fora no início dos primeiros estudos linguísticos das afasias as atividades realizadas pelos falantes em situações de uso efetivo da linguagem, os aspectos socioculturais a ela relacionados e as práticas discursivas que a mobilizam. “Vale ressaltar que foi preciso esperar por Jakobson, que realizou o primeiro estudo propriamente linguístico das afasias, para que o diálogo entre a Afasiologia e a teoria linguística se tornasse fecundo, criativo e promissor” (Morato 2001: 151-152).

Jakobson (1960-1984), considerado por muitos estudiosos como o primeiro linguista que se dedicou sistematicamente ao estudo das afasias, elaborou uma classificação neuropsicológica estipulando seis formas básicas de afasia: eferente, aferente, sensorial, dinâmica, semântica e amnésica. Ao se dedicar às afasias, Jakobson estava interessado em construir uma teoria geral da linguagem que a explicasse em seu todo: aquisição, funcionamento, estrutura, alterações. Por ferir a norma, a gramaticalidade, os padrões estruturais e funcionais da língua, as afasias dariam solidez empírica a sua teorização sobre o funcionamento da linguagem de um modo geral e da sua aquisição pela criança de um modo particular.

Na prática, Jakobson ampliou algumas das ideias de Saussure, tendo como pano de fundo o estruturalismo e o funcionalismo linguístico sob sua forma mais produtiva, o Círculo Linguístico de Praga. No entendimento dos tipos de afasia descritos em termos fisioneuropsicológicos por Luria (1977), Jakobson trabalhou teórica e metodologicamente com dicotomias clássicas, estabelecendo dois grandes eixos de

relações simbólicas, projetados um sobre o outro: sintagmático/metonímico, responsável pela combinação de unidades, e paradigmático/metafórico, responsável pela seleção de unidades. Essa combinação conferiria unidade linguística ao sistema de linguagem. Nas afasias, segundo o autor, “um ou outro desses dois processos é reduzido ou totalmente bloqueado” (1981: 42).

Lembrando a tradição saussuriana, as explicações de Jakobson partem do princípio de que o falante não apenas opera com unidades alternativas, mas também com unidades em cadeia linguística. Essas combinações, chamadas de sintagmáticas, são qualificadas como relações *in praesentia* (como as estruturas sintáticas). Jakobson identifica, por outro lado, as relações que se estabelecem entre unidades que têm algo em comum, chamando-as de paradigmáticas e qualificando-as como relações *in absentia* (como classes morfológicas e campos lexicais).

No início de seus estudos sobre as afasias, Jakobson chegou a afirmar que haveria correlação entre lesões anteriores e transtornos de codificação, assim como entre lesões posteriores e transtornos de decodificação. A hipótese de Jakobson era que as duas formas do eixo estariam na dependência de estruturas cerebrais diferentes e que, embora pudessem atuar de maneira integrada na comunicação, eram relativamente independentes.

Jakobson (1960) afirma que nem sempre os linguistas estão atentos aos dois processos (metafórico/paradigmático; metonímico/sintagmático), que estão interligados por uma relação de “predominância” no uso da linguagem. Chega a afirmar que não há entre eles uma forte divisão de águas e discute isso na análise dos eixos de reações substitutivas (metafóricas) e de reações predicativas (metonímicas). Desse modo, as afasias seriam um bom lugar para a análise funcional da linguagem, já que perturbariam de maneira seletiva esses dois eixos responsáveis por todo o seu funcionamento simbólico.

Ilustrando a argumentação de Jakobson, tomemos uma dicotomia que decorre da consideração do eixo paradigmático/sintagmático, relacionando estes conceitos com os problemas de decodificação e codificação da linguagem. No que se refere ao processo de decodificação da linguagem, o contato inicial do falante é com o contexto linguístico

e depois com seus constituintes. O inverso se dá na codificação, em que a primeira etapa diz respeito à seleção dos constituintes que serão, posteriormente, combinados.

Ao processo de codificação subjaz a relação de contiguidade, que opera por meio da combinação das unidades linguísticas entre si, a precedente determina a consecutiva e a posterior determina o contexto verbal. Na afasia motora, esse seria o problema básico, isto é, uma desordem de combinação e de contexto que se manifestaria no nível fonológico pela dificuldade no uso de grupo de fonemas, na construção da sílaba e na transição de um fonema a outro. Em termos de produção verbal, o que se nota é a ausência quase total dos conectivos que constituem o contexto gramatical e a prevalência de palavras com conteúdo lexical, o que os afasiologistas chamam de “fala telegráfica”.

Distanciando seus estudos dos interesses anátomo-clínicos da Neuropsicologia, Jakobson passa a descrever uma série de dicotomias que estariam na base do funcionamento comunicativo da linguagem. Os conceitos de limitação e desintegração foram aplicados a situações em que há comprometimento dos processos de combinação e seleção de constituintes que compõem a sentença.

As reflexões de Jakobson tiveram o mérito de incentivar o interesse dos linguistas pelas patologias e de apontar propriedades comuns tanto às afecções quanto à aquisição de língua materna e demais fatos de linguagem do quotidiano.

Desse modo, as antigas indagações filosóficas sobre o sentido, a representação, o conhecimento, a relação entre patologia e normalidade voltam-se, sobretudo, para a Linguística de modo a assumir seus pressupostos e métodos próprios, criando teorias-ponte com a ciência da linguagem.

Independentemente de qualquer classificação, seja a exposta por Caplan ou a defendida por Ombredane e Durand (1939); Whitaker e Whitaker (1976); Lecours e Lhermitte (1979); Bouton (1984), sobre o início da Neurolinguística ou até a proposta por Luria (1981), que a coloca como um ramo da Neuropsicologia, isto é, define-a como um campo de estudo das perturbações verbais decorrentes de lesões cerebrais, pode-se dizer, de maneira geral, que a Neurolinguística é a ciência que estuda a cognição

humana, especificamente a linguagem e todos os aspectos afeitos a ela. Nesse sentido, o desenvolvimento dos estudos cognitivos conduz à evidência de que cérebro e linguagem apresentam uma estreita relação, estabelecida pelas diferentes áreas do córtex cerebral e as funções cognitivas, o que proporciona ao sujeito uma participação e uma integração com o mundo. Essa posição é claramente defendida por Morato:

Linguagem e cérebro, dessa forma, funcionariam cada qual como um sistema dinâmico e flexível cujas regularidades não são determinadas *a priori* (ou seja, não são fixadas de maneira inata ou biologicamente pré-determinada), não são estruturas fechadas e autônomas (ou seja, não obedecem a padrões estáveis e homogêneos de existência). Antes estão na dependência de diferentes fatores que orientam nosso entendimento e nossa ação no mundo (Morato 2001: 144).

Sendo assim, cabe salientar que, embora a Afasiologia ou a Linguística Afasiológica, na expressão de Caplan (1987: 3), não totalize o interesse teórico-metodológico da Neurolinguística atual, é, sem sombra de dúvida, o seu campo de investigação mais prolífero.

A afasia e outros distúrbios relacionados à comunicação causados por algum dano no cérebro podem afetar a produção e a compreensão do sujeito cérebro-lesado. Fundamentados em um modelo de déficit de distúrbios da comunicação, pesquisadores e clínicos têm, por mais de um século, reconhecido que a capacidade ou a incapacidade de seus pacientes ao realizar tarefas de repetição se refere a diferentes tipos de afasia. Hengst, Duff e Dettmer (2010) e Goodglass e Kaplan (1983) têm argumentado que esta dissociação entre repetição e fala espontânea é uma das características mais marcantes da afasia (Ardila e Rosselli 1992).

Na mesma linha de pensamento, Ardila e Rosselli (1992), Leiwo e Klippi (2000), Lima (2009), Viscardi (2005), Tagliaferre (2010) e Easter (2011) argumentaram, com base em seus estudos acerca da repetição, que se pode afirmar que, no âmbito da fala, as repetições apresentam características de um planejamento linguístico *on line*, face a face, com traços de um texto espontâneo. Sua presença na superfície do texto falado é alta, uma vez que na fala a repetição faz parte do processo formulativo.

Ardila e Rosselli (1992) analisaram a ocorrência da repetição em quarenta e um (41) indivíduos com lesão cerebral no hemisfério esquerdo. Eles aplicaram a versão em

espanhol do Teste de Boston para Avaliação de Afásias (Boston Diagnostic Aphasia Examination, de Goodglass e Kaplan, 1979)⁴ em participantes afásicos divididos em sete grupos: Broca, Wernicke, transcortical motora, condução, anômicas, alexia sem agrafia e globais. Para análise, os pesquisadores utilizaram subtestes de repetição: palavras, frases de alta probabilidade e frases de baixa probabilidade. Foram encontradas diferenças quantitativas e qualitativas entre os grupos. Neste estudo, verificou-se que os sujeitos com afasia de Broca e com afasia global tiveram as piores pontuações. Além disso, os participantes com afasia de Broca tiveram mais dificuldades com a repetição de todos os tipos por causa de parafasias literais (antecipação, substituições e exclusões).

Chegaram à conclusão de que embora os déficits de repetição estejam presentes em pessoas com afasia, a partir de uma abordagem interacional, a repetição também pode ser um recurso que permite o envolvimento dos sujeitos com afasia em uma dada situação comunicativa, bem como a competência desses sujeitos no processo de interação (Ardila e Rosselli 1992; Oelmchlager e Damico 1998; Ulatowska, Olness, Hill, Roberts e Keebler 2000; Beeke 2003).

Leiwo e Klippi (2000) analisaram as habilidades de alguns sujeitos com afasia de usarem a repetição como uma estratégia para a manutenção da conversação no processo interacional. Os dois participantes do estudo tinham afasia de Broca crônica, com agramatismo e dificuldade de encontrar palavras. Os pesquisadores esperavam que, colocando os participantes em um grupo de discussão, seriam reveladas algumas diferenças tanto na quantidade quanto nos usos das estratégias da repetição. O que elas comprovaram foi que o uso da repetição lexical como estratégia comunicativa foi significativamente diferente entre os sujeitos. As autoras apostaram na ideia de que a comunicação e a patologia formam um contínuo e que um estudo como o delas pode contribuir para as terapias da fala.

Outro tema associado à repetição é a perseveração. Esse termo, para Lima e Morato (2009), era originalmente aplicado nas descrições de casos de psicose

⁴ O Teste de Boston para Avaliação de Afásias tem sido alvo de atualizações e é de larga utilização internacional. É uma bateria de testes estruturada de forma a explorar as definições funcionais de afasia, bem como as componentes de déficits linguísticos.

encontrados em Psiquiatria. Neisser (*apud* Lima 2004: 35) caracterizou a perseveração como diferentes formas de comportamento. O objetivo dessas autoras foi analisar esse fenômeno considerando, primeiramente, a linguagem como atividade constitutiva na qual a emergência de categorias linguísticas não é determinada *a priori*. Para as autoras, na semiologia neurolinguística, há repetições patológicas que se diferenciam da perseveração, como a estereotipia, apalilalia e a ecolalia. Um fenômeno considerado linguístico que devemos separar da perseveração é a estereotipia, definida por Lebrun (1983, *apud* Lima 2004: 75) como fixação de uma fórmula invariável de atitudes, gestos, atos ou expressões verbais prolongadas e repetidas incessantemente. No caso das estereotípias verbais, observa-se a repetição da mesma palavra ou da mesma parte da frase pela palavra falada ou pela escrita. Também pode-se encontrar em Lebrun (1983) outro fenômeno que se aproxima da perseveração, a palilalia, isto é, quando se repete seguidas vezes uma parte da frase ou de uma frase curta, com intensidade decrescente. Quando as últimas repetições são somente murmuradas, pode-se chamá-las de palilalia áfona. E, por último, o autor ressalta outro fator: a ecolalia, quando o paciente repete uma questão ou uma ordem que lhe é proposta em lugar de respondê-la. A ecolalia pode ser “pura”, quando o sujeito repete inteiramente a frase do interlocutor. A “resposta em eco”, embora se aproxime da ecolalia, é uma verdadeira resposta, na qual aparecem as mesmas palavras em questão.

Destacamos também Viscardi (2010: 162), que analisou especificamente o fenômeno do automatismo. Como o próprio termo sugere, o automatismo é tradicionalmente caracterizado como produção automática, isto é, que ocorreria independentemente da intenção do sujeito, sendo, portanto, considerado involuntário, desprovido de sentido. Para essa autora, considerar a linguagem sob o plano das afasias é colocar diversas reflexões desenvolvidas no âmbito da teoria linguística. Segundo a autora, isto se justifica porque os “desvios” presentes na fala dos sujeitos afásicos revelam aspectos da língua que podem, muitas vezes, ser considerados à margem da teorização linguística. Em linhas gerais, automatismo é definido como a emissão repetitiva do mesmo segmento linguístico, que pode ser uma sílaba, uma palavra ou uma sentença que constitui a única emissão verbal produzida pelo sujeito, pois, quando

o sujeito é solicitado a repetir o que acabara de dizer, será incapaz de fazê-lo, o que confirma o caráter automático e involuntário de sua ocorrência.

Um trabalho mais recente é o de Easter (2011), que objetivou a interação por meio de jogos interativos em 15 sessões, desenvolvido por Hengst *et al.* (2010), entre alunos de medicina e um paciente com afasia grave. Analisou também a quantidade e qualidade de repetições utilizadas entre médico e paciente durante o jogo e percebeu o quanto a repetição é importante para o processo interacional.

Assim, conforme assinalado, embora a repetição esteja mais presente na linguagem de afásicos, ela também pode ser um recurso que permite o envolvimento dos sujeitos com afasia em uma dada situação comunicativa, bem como a competência desses sujeitos no processo de interação e em suas práticas conversacionais. Na próxima seção, trataremos das questões relacionadas ao tópico discursivo.

Capítulo 2 – Tópico discursivo e Análise da Conversação

2.1. *Percurso teórico da Análise da Conversação*

Antes de adentrarmos ao estudo do tópico, faz-se necessário um preâmbulo sobre a Análise da Conversação, pois nossos dados fazem parte de um evento conversacional, mais especificamente da interação entre afásicos e não afásicos que frequentam o CCA.

Os estudos de Análise da Conversação advêm da Sociologia, a chamada etnometodologia, inaugurada na obra *Studies in Ethnomethodology*, publicada na década de 1960 por Harold Garfinkel. Esse estudo contesta os métodos tradicionais utilizados pela Sociologia para investigar a organização da sociedade e provoca a mudança de “um paradigma normativo para um paradigma interpretativo” (Coulon 1995: 10).

Uma das principais contribuições da etnometodologia consiste no fato de podermos nos valer do olhar dos participantes para entender o que eles estão fazendo. O processo interacional, as ações e o modo como são tratadas as ações dos outros são o foco de análise dos etnometodólogos. Os estudos de etnometodologia podem ser divididos, segundo Coulon (1995: 26), em dois grupos: o dos analistas da conversação, que tentam descobrir em nossas conversas as reconstruções contextuais que permitem lhes dar sentido e continuidade; e o dos sociólogos, para os quais as fronteiras reconhecidas de sua disciplina se acham circunscritas aos objetos mais tradicionais que a Sociologia estuda, como a educação, a justiça, as organizações, as administrações, a ciência.

O sociólogo Harvey Sacks foi o primeiro a estudar as possibilidades analíticas a partir da investigação da conversação. Ao analisar trechos de gravações de pessoas que ligavam para um centro de apoio a suicidas, Sacks descreveu, juntamente com Garfinkel, os métodos que as pessoas comuns utilizam para realizar ações no mundo por

meio da fala em interação⁵. Como uma atividade por si só e como instrumento para o completo arranjo da prática e ação social, a Análise da Conversação preocupa-se, dentre outras coisas, com a análise mais detalhada de como a fala é conduzida no processo de interação (Schegloff 1991: 47).

Heritage e Atkinson (1984: 1) definem os objetivos da pesquisa analítica da conversação nos seguintes termos:

The central goal of conversation analytic research is the description and explication of the competences that ordinary speakers use and rely on in participating in intelligible, socially organized interaction. At its most basic, this objective is one of describing the procedures by which conversationalists produce their own behavior and understand and deal with the behavior of others. A basic assumption throughout is Garfinkel's (1967: 1) proposal that these activities – producing conduct and understanding and dealing with it – are accomplished as the accountable products of common sets of procedures.

Para Sacks *et al.* (2003: 33-70), a conversa não é uma ação tão confusa quanto parece, e as pessoas se organizam socialmente por meio da fala. Dentre as observações feitas destacamos as seguintes:

- ✓ O tamanho dos turnos pode variar.
- ✓ A extensão da conversa não é previamente determinada.
- ✓ Na maioria dos casos, fala uma pessoa de cada vez.
- ✓ A distribuição dos turnos não é previamente estabelecida.
- ✓ O número de falantes varia de acordo com a interação.
- ✓ Mais de um falante por vez é comum, ocorrendo sobreposição de vozes.
- ✓ Transições de turno sem intervalos e sem sobreposições são comuns.
- ✓ A ordem dos turnos pode variar.
- ✓ O que cada um diz não é previamente especificado.

⁵Os estudos de Harvey Sacks foram interrompidos por sua morte prematura, em 1975, mas suas aulas foram transformadas em uma obra chamada *Lectures in Conversation*, organizada por Gail Jefferson, com texto introdutório de Emanuel Schegloff, que funda os pilares da abordagem analítica conhecida como AC. Na verdade, foi principalmente pelo empenho de Jefferson e de Schegloff que as propostas de Sacks foram perpetuadas.

- ✓ Pode ocorrer a troca de falantes.

A palavra “conversação” abrange um grande leque de atividades de comunicação verbal, desde as falas descompromissadas do dia a dia, até diálogos com temas pré-determinados, que podem, no decorrer da interação, ir-se modificando em decorrência das circunstâncias criadas pela própria interação. A rigor, os falantes criam um texto em conjunto, colaborando ou contra-argumentando ou, às vezes, até completando-se, para levarem adiante o diálogo.

Em síntese, de acordo com Vilela e Koch (2001: 430), o conceito fundamental da Análise da Conversação (AC) é a “*interação*, o que lhe dá um caráter globalizado e dinâmico”. Para esses autores, um dos pressupostos principais é que a realidade social é constantemente “fabricada” pelos interlocutores em suas interações sociais.

2.2. Tópico discursivo

Os estudos sobre o tópico discursivo começaram a despontar a partir da década de 80 do século passado. Alguns trabalhos em destaque são os de Brown e Yule (1983), os de Gardner (1987) e os do Grupo de Organização Textual-Interativa do Projeto de Gramática do Português Falado⁶, que trilharam esse caminho precursor no que se refere ao estudo do tópico discursivo.

Concebemos o tópico discursivo como aquilo acerca de que se fala. Seguindo a tradição dos estudos linguísticos brasileiros, consideramos o tópico como uma categoria abstrata que se manifesta na conversação “mediante enunciados formulados pelos interlocutores a respeito de um conjunto de referentes explícitos ou inferíveis, concernentes entre si e em relevância num determinado ponto da mensagem” (cf. Jubran *et al.* 1992: 361).

⁶ Consideramos a noção de tópico discursivo conforme a proposta do Grupo da Gramática do Português Falado (1992). O primeiro texto foi publicado no I volume da *Gramática do Português Falado* em 1989, com a autoria de Koch, Jubran, Fávero, Urbano, Marcuschi, Santos e Risso. Tiveram como objetivo o estudo do processamento do fluxo de informação, relacionando-o à progressão do tópico no discurso oral dialógico.

Van Dijk (1995 [1977]) associa o conceito de tópico à noção de macroestrutura e microestrutura semântica, correspondendo respectivamente a tópico discursivo e tópico frásico, ambos definidos em termos de “aquilo de que se está a falar”. O tópico discursivo pode ser descrito em termos de macroproposição e representa a estrutura semântica global do texto ou de uma sequência textual (mais ou menos extensa); o tópico frásico, por sua vez, corresponde a unidades de informação ou conceitos selecionados para posterior predicação.

Na perspectiva de Gorski (1994), o tópico discursivo pode ser caracterizado em categorias que se manifestam em dois planos, hierárquico e linear. Nesse sentido, o tópico está relacionado às duas propriedades básicas, a sintática e a discursiva, que imbricam a interrelação entre forma e função.

Para Givón (1976) o tópico discursivo deverá ser considerado como tendo, fundamentalmente, uma dimensão cognitiva. Dessa forma, o sujeito, seria o tópico principal, o objeto direto, seria o secundário e o objeto indireto não seria considerado como tópico.

Ao se discutir o conceito de tópico, é pertinente salientar o fato de que, em situações mais corriqueiras, o tópico não se encontra explícito, sendo esta competência do analista, o que desencadeia críticas de que a identificação do tópico é intuitiva e, dessa maneira, o crítico deverá encontrar dificuldades de operacionalização.

A conversação geralmente inicia-se com o tópico que motivou a interação. O diálogo se estabelece na medida em que exista algo sobre o que conversar, e conseqüentemente depende da disponibilidade dos interlocutores para o diálogo, podendo surgir, ao longo da interação, outros tópicos, de forma espontânea ou planejada, negociados entre os interlocutores (Rodrigues 2001: 19).

Como a interação conversacional é uma atividade que se apresenta estruturalmente organizada, mesmo que o seu processo de elaboração seja produzido de forma espontânea, a sua coerência é mostrada à medida que a relação semântica entre os enunciados fica comprovada, conferindo “um processo de gerenciamento verbal em

curso” (Koch *et al.* 1996: 180). Nesse gerenciamento, podem ocorrer rupturas, o que não implica em incoerência, pois, de forma geral, essas rupturas podem ser vistas, apenas, como descontinuidades tópicas.

Assim, no interior dessas unidades discursivas, o fluxo de informação pode tanto se desenrolar com naturalidade, de modo contínuo e, portanto, mais rápido, como também ser obstaculizado, dando origem às descontinuidades que conferem um ritmo ralentado à progressão temática (Koch *et al.* 1996: 180-181). Portanto, nesses dois processos básicos, que envolvem aquilo sobre o que se fala, o fluxo de informação pode desenvolver-se em tópicos, tanto de modo contínuo, quanto de modo descontínuo.

Em cada tópico há uma unidade discursiva correspondente e essa unidade, portanto, é a manifestação formal de um tópico que é configurado a partir das propriedades de centração e de organicidade. A centração abrange os traços de concernência, ou seja, a relação de interdependência semântica entre os enunciados (implicativas, associativas, exemplificativas), se dá pela integração de referentes explícitos ou inferíveis. No que se refere à relevância, essa decorre da posição focal assumida pelos seus elementos. A pontualização refere-se à localização desse conjunto, tido como focal, em determinado momento da mensagem. No que se refere à organicidade, esta se manifesta por relações de interdependência que se constituem concomitantemente em dois planos: o plano hierárquico, conforme as dependências de superordenação e subordenação entre tópicos, pautados no grau de abrangência do assunto; o plano sequencial, que se manifesta de acordo com as articulações intertópicas em termos de “adjacências ou interposições na linha discursiva” (cf. Jubran 1992; Jubran *et al.* 1993: 360; Castilho 1998: 55).

Nesse contexto, percebe-se que a organicidade assume uma importância central para o entendimento da hierarquia tópica do discurso falado. De acordo com Marcuschi (1986: 19), uma das principais características da conversação é, seguramente, o fato de que os interlocutores alternam-se nos papéis de falante e ouvinte, caracterizando-a como uma interação verbal centrada, que se desenvolve durante o tempo em que dois ou mais interlocutores voltam sua atenção visual e cognitiva para uma tarefa comum. O locutor e o ouvinte são igualmente ativos, mas a participação de ambos ocorre de forma

diferenciada. O locutor, no seu papel de condutor principal do diálogo, torna-se o responsável pelo desenvolvimento do tópico em andamento, podendo dar continuidade a ele, redirecioná-lo, abandoná-lo.

O ouvinte, por sua vez, não é um simples espectador, como sugere o esquema tradicional da comunicação (emissor-receptor). Aliás, a sua simples presença (participação implícita) confere ao ouvinte um papel ativo na conversação, pois o falante não pode deixar de levá-lo em conta na produção do diálogo. Já na participação explícita, o ouvinte intervém de modo ativo, para mostrar entendimento ou concordância, para sinalizar que o falante pode continuar a fala, ou simplesmente, para demonstrar participação efetiva.

na análise de um processo interacional focalizado, numa conversação, ou mesmo em parte dela, pode-se observar a possibilidade de planejamento (ou replanejamento) dos falantes, bem como suas estratégias discursivas, ao longo da conversação, que podem resultar em sucesso ou não de sua argumentação; as possíveis manifestações de poder ou solidariedade entre os interlocutores, que podem refletir-se na simetria ou assimetria dos turnos; a colaboração mútua na realização do ‘discurso a dois’, observável até em nível de construção dos enunciados; a conservação ou a perda da face, expressão social do eu individual; a fluência conversacional e sua relação com os conhecimentos prévios ou partilhados; as formas de tratamento e as variações socioculturais da linguagem; o uso de narrativas ou a reprodução do ‘discurso do outro’, etc. (Preti 2002: 46)

Como a interação conversacional é uma atividade que se apresenta estruturalmente organizada, mesmo que o seu processo de elaboração seja produzido de forma espontânea, a sua coerência é mostrada à medida que a relação semântica entre os enunciados fica comprovada, conferindo “um processo de gerenciamento verbal em curso” (Koch *et al.* 1996: 180). Nesse gerenciamento podem ocorrer rupturas, o que não implica em incoerência, pois de forma geral, essas rupturas podem ser vistas, apenas, como descontinuidades.

Fávero (1999: 93) afirma haver, de modo geral, coerência no texto conversacional. Mas, por obedecer a processos de ordem cognitiva e a processos específicos “muitas vezes se torna difícil detectar as marcas linguísticas e discursivas dessa coerência, pois ela geralmente não se dá com base nas marcas, mas na relação

entre os referentes, daí a importância que a noção de tópico e de desenvolvimento dos tópicos na conversação vem adquirindo ultimamente”. Exemplo disso são as digressões, pois só há efetivação da coerência quando a compreensão se processa.

Marcuschi (1986: 77) declara que a organização do tópico só se estabelece e se mantém numa dada conversação “se existir algo sobre o que conversar, nem que seja sobre futilidades”. Nas palavras de Brait (1993: 209), o tópico discursivo é “parte constitutiva do texto oral na medida em que os interlocutores só podem se relacionar a partir da presença desse aspecto”. Jubran *et al.* (1993: 360), por sua vez, acrescentam que a noção de tópico define, além da ideia de Goffman acerca da conversação como uma “interação centrada”, o movimento dinâmico da conversação, fazendo do próprio discurso “um elemento decisivo na constituição do texto oral, e a estruturação tópica serve como um fio condutor da organização discursiva”.

Brown e Yule (1983) definem tópico como aquilo de que se fala, mas o tópico só pode ser compreendido dentro do processo interacional, já que a interação interfere diretamente na sequência tópica. Para esses autores, o primeiro traço básico identificador do tópico discursivo é a centração, o segundo traço identificador do tópico discursivo é o fato de este poder dividir-se em tópicos mais específicos ou de menor abrangência, que mantêm entre si uma relação de interdependência, característica denominada organicidade.

Na linha dessas reflexões, a conversação é sempre uma atividade social, de natureza linguística, construída por interlocutores em interação, na medida em que alternam os papéis de falante e ouvinte. No mínimo dois interlocutores, em situação face a face, interagem falando, alternadamente, sobre determinados tópicos, cuja abordagem poderá ter sido previamente planejada. Essas condições, nomeadamente a situação face a face e a simultaneidade entre o ato de falar e o planejamento do que é falado, desencadeiam uma série de problemas na formulação da conversação.

Há passagens, porém, em que o falante, diante do problema de formulação, recebe explícita colaboração do ouvinte para completar seu enunciado. Esta colaboração pode ser possibilitada ou até solicitada pelo falante por meio de diferentes manifestações ou, então, ser oferecida pelo ouvinte, por iniciativa deste, sujeita a ser,

em qualquer um dos casos, referendada ou não pelo primeiro. Em geral, cada falante, na evolução de seu turno, busca, ele próprio, saídas para seus problemas de formulação. A organização tópica de textos advém da noção de tópico discursivo, por se perceber que ele é um elemento decisivo na constituição de um texto, e sua estrutura funciona como o que conduz a organização discursiva.

Esse princípio de organicidade, assim posto em relação à estruturação global de um texto conversacional, enfatiza, com muita propriedade, as relações intertópicas. Pensamos que é necessário estendê-lo, a fim de que também abarque as articulações intratópicas. Isto porque várias pesquisas destacam a organização interna dos segmentos tópicos, a começar pelo próprio texto *Organização tópica da conversação* (Koch *et al.* 2001), no qual é definido o princípio de organicidade acima, restrito às relações entre tópicos.

Num artigo de revisitação e síntese do conceito de tópico discursivo, ao analisar o tópico discursivo enquanto categoria analítica, Jubran (2006: 35) coloca como sua primeira propriedade definidora a centração, que abrange: a *concernência*, a relação de interdependência entre elementos textuais, apoiada por mecanismos coesivos de sequenciação e referenciação; a *relevância*, marcada por elementos textuais na constituição desse conjunto referencial, os quais “são projetados como focais”, tendo em vista o processo interativo; e a *pontualização* que se fundamenta na integração (concernência) e na proeminência (relevância).

Assim, de acordo com Jubran (2006: 35-36), sob a perspectiva textual-interativa,

os traços de concernência, relevância e pontualização, caracterizadores da centração, conferem à categoria de tópico discursivo critérios para o reconhecimento do estatuto tópico de um fragmento textual. Da aplicação de tais critérios à análise de um texto resulta o seu recorte em segmentos tópicos, compreendidos como unidades textuais que materializam, na superfície linguística do texto, o princípio da centração. Ficam assim particularizadas uma categoria analítica para a identificação e delimitação de unidades de natureza textual – o tópico discursivo, bem como uma unidade concreta de análise – o segmento tópico.

É bem verdade que a comunicação humana necessariamente se faz em torno de um tema, um assunto, mas esse assunto nem sempre é fácil de identificar. No entanto, os traços de concernência e relevância que precisam a centração, apresentam-se como um critério real a partir do qual o tópico pode ser identificado (Pinheiro 2005: 23).

Ampliando um pouco mais a visão, Jubran (2006), Cavalcante, Pinheiro, Lins e Lima (2010), explicitam a natureza do tópico dando ênfase à categoria sociocognitiva. Para esses autores, o que integra vários referentes a um mesmo tópico é uma relação global “criada tanto por um indício fornecido pelo cotexto, como por outros dados do entorno sociocultural e situacional dos enunciadores e coenunciadores. Da mesma forma, a ancoragem sociocognitiva também se aplica à organicidade” (Pinheiro 2012: 3). Sendo assim:

As relações de interdependência entre tópicos, seja no plano hierárquico, seja no plano linear, também são construídas em processos globais, de longo alcance para os quais concorrem não apenas elementos formais, presentes no cotexto, mas também elementos do entorno sociocultural e situacional, como acontece nas relações de interdependência que promovem a concernência (Cavalcante *et al.* 2010: 250).

No que diz respeito à organização tópica, os autores afirmam ainda que ela pode ser observada em dois níveis: no plano hierárquico e no plano sequencial. No plano hierárquico, as sequências textuais se desdobram em supertópicos e subtópicos, dando origem a quadros tópicos, caracterizados, obrigatoriamente, pela centração num tópico mais abrangente e pela divisão interna em tópicos coconstituintes e, possivelmente, por subdivisões sucessivas no interior de cada tópico coconstituente.

Para Pinheiro (2012),

no que diz respeito ao plano sequencial, dois processos básicos caracterizam a distribuição de tópicos na linearidade discursiva: a continuidade e a descontinuidade. A continuidade se caracteriza por uma relação de adjacência entre dois tópicos, com abertura de um tópico subsequente somente quando o anterior é esgotado. A descontinuidade se caracteriza por uma perturbação da sequencialidade linear, causada ou por uma suspensão definitiva de um tópico, ou pela cisão do tópico, que passa a se apresentar em partes descontínuas. (Pinheiro 2012: 798)

Já Marcuschi (2006: 10) afirma existirem configurações tópicas que se manifestam em esquemas globais (*frames*) e se desenvolvem no encadeamento de

elementos informacionais lexicalizados, pressupondo, assim, uma relação direta entre organização tópica e organização lexical. Para esse autor, isso implica a construção de todo o processo referencial, englobando contexto e conhecimento prévio. Nesta linha, “O tópico discursivo é visto, então, como produção enunciativa de objetos de discurso mediante modos de enunciação sociocognitivamente situados” (Pinheiro 2012: 797).

Diga-se, por fim, que há uma relação entre a instauração e o desenvolvimento dos tópicos com a estrutura de participação dos sujeitos em situação de interação. Isso porque os papéis dos sujeitos são de introduzir determinados tópicos no decorrer da interação e, a partir desse tópico, fica a cargo dos participantes a instauração de novos tópicos, seu acatamento e desenvolvimento. Assim, o direcionamento do tópico é importante para a progressão do texto, sendo capaz também de modificar as relações entre os sujeitos participantes (Fávero *et al.* 2010: 122).

2.3. Organização tópica

Os tópicos precisam ser apreendidos e controlados para que a comunicação se efetive, tanto no processo de produção como de compreensão do texto (Gorski 1994: 34). Fraser (2009: 894) na descrição dos marcadores da organização topical, distingue os de reintrodução tópica, continuidade tópica, introdução tópica e digressão tópica.

A reintrodução ao tópico se dá a partir de marcas formais, como repetições de constituintes ou repetições oracionais, isto é, segmentos que, de acordo com Andrade (1998: 183), já haviam sido mencionados e que agora reintroduzem o tópico. Nas palavras de Gardner (1987: 134), “as ligações entre os tópicos são marcantes e podem apresentar um caráter referenciador retrospectivo e prospectivo”.

A continuidade tópica, de acordo com Andrade (1998: 182), pode ser observada pela exterioridade dos segmentos. Um segmento textual pode seguir ao outro que volta ao anterior. Esse segmento pode ser marcado por um nexos de coordenação que poderá ficar evidente ou poderá ser estabelecido implicitamente.

A digressão tópica, de acordo com Jubran *et al.* (2002: 349), poderá ser baseada no enunciado; ocorre quando o segmento inserido constitui um tópico que se relaciona, de algum modo, a outro tópico da conversação, por se subordinar a algum tópico hierarquicamente superior a que esse outro também se submete. Outro posicionamento é o da digressão baseada na interação, que não apresenta relação de conteúdo com outro tópico, justificando-se por contingências interacionais.

A mudança de tópico ou a introdução de um novo tópico pode acontecer de três formas: i) após o esgotamento natural do tópico em andamento; ii) pela transição de um tópico de relevância a outro tópico, que será representado por segmentos de uma conversação que não se integram a um tópico específico e que têm a função de promover a transição gradual para um novo tópico, (essa transição gradual assegura a continuidade intertópica, evitando assim a mudança abrupta de um tópico a outro); iii) introdução de um novo tópico por renúncia do anterior, antes que os interlocutores deem por encerrado o tópico em andamento (Jubran *et al.* 2002: 350).

Também, é possível observar a mudança tópica por meio da contração, que, na maioria das vezes, pode ser percebida pela substituição de um conjunto de referentes. Em se tratando da extensão do tópico, pode-se observar a sua relação com a manutenção do tema, bem como sua relevância. Nesse caso, se a relação semântica fica evidente, há também a continuidade tópica. Possíveis rupturas podem acontecer, mas não trazem necessariamente incoerência ao texto.

Assim sendo, pode-se dizer que a reintrodução tópica, a continuidade tópica e a introdução tópica são caracterizadas pelas propriedades de contração e organicidade. Para apreender o tópico do texto deve-se atentar tanto ao tópico “aquilo sobre o que se fala”, quanto aos fatores linguísticos, pragmáticos e contextuais em que ocorre o discurso (Rezende 2006: 72).

A escolha de ações tópicas tem como pressuposto que o tópico discursivo é um dos elementos estruturadores do discurso. Por outro lado, segundo Scollon e Scollon (1995: 74), “o sucesso do discurso depende de se saber sobre o que o parceiro

conversacional está falando e de se assegurar que o outro saiba sobre o que você está falando”, o que, para Brown e Yule (1983), constitui “falar topicamente”.

Poderíamos, assim, dizer que o desenvolvimento do tópico ocorre em função de um processo que envolve colaborativamente os participantes da interação. Esse processo é baseado em uma gama de fatores contextuais, de informações prévias e de visões de mundo que são entendidos ou compartilhados durante o ato conversacional (Jubran 2006: 35).

Capítulo 3 – Repetição

3.1 Aspectos teóricos

A repetição é um fenômeno extremamente recorrente nos textos orais; no entanto, as investigações sobre a temática da repetição na fala não são muito variadas. Esta seção se ocupa em apresentar um compilado acerca do estado da arte das pesquisas que versam sobre a repetição.

No campo da Linguística, a repetição tem sido amplamente explicada a partir de contextos textual-interativos a ela vinculados. Na literatura relevante, as pesquisas, normalmente, abordam a repetição como constitutiva do discurso, mais especificamente do texto oral. Em Wackernagel-Jolles (1971: 241), Perini (1980), Ramos (1983), Norrick (1987), Tannen (1987 e [1989] 2007), Bessa Neto (1991) e Marcuschi (1990, 1991, 1992, 1999, 2001 e 2002) apresentam estudos sobre a repetição na língua falada; Koch (1993, 1994, 1997, 2001 e 2005) analisa as funções coesivas, retóricas, interativas e discursivas da repetição na língua falada e Silva (2001) realiza uma pesquisa comparativa entre narrativas orais e escritas de adolescentes, trazendo a repetição enquanto organizadora do processo conversacional. Johnstone (1997) apresenta um estudo sobre as perspectivas interdisciplinares da repetição. Lagrotta (2001) apresenta um estudo da repetição na linguagem de idosos. Entre outros estudos, estes apresentam a repetição como uma estratégia textual-discursiva da interação.

A Retórica clássica soube discernir, como salienta Marcuschi (1992: 24), uma grande quantidade de formas de repetição, definindo-as em suas estruturas e realizações típicas, tais como aliteração, polifonia, paralelismo, anáfora e muitas outras, geralmente vistas em contextos literários e eruditamente classificadas como figuras de linguagem. Porém, o mais notável é que todos esses tipos realizam-se com a mesma estrutura e recursos similares na fala espontânea utilizada no dia a dia. Assim, pode-se dizer que as repetições operam no nível discursivo e também exercem pressões sobre a organização sintática, afetando de algum modo a forma das sentenças e a própria ordem dos seus constituintes, operando não apenas em domínios de uma sentença, mas também de formas suprasentenciais.

Wackernagel-Jolles (1971: 241) considera que a repetição é em primeira linha uma prova de naturalidade do texto oral. As repetições e outros fenômenos, como as hesitações e outros cortes que podem ocorrer durante a escrita, vão sendo regularmente aparados nas sucessivas revisões a que o texto vai sendo submetido no ato da formulação.

A repetição tem sido enfatizada na literatura neurolinguística como sendo um fenômeno associado a diferentes processos da linguagem oral. Contudo, o estatuto linguístico da repetição nas afasias encontra-se ainda não inteiramente definido, requerendo a busca de melhores contornos explicativos. A relação entre repetição e contextos linguístico-interacionais e sócio-cognitivos de produção de fala, certamente, é uma das questões a serem ainda esclarecidas.

Perini (1980) parte da constatação de que o texto falado e o texto escrito são diferentes e de que essa diferença se distribui em três níveis: *(i)* no nível do veículo, onde os sons da fala se contrapõem à grafia; *(ii)* no nível do dialeto, em que o dialeto coloquial se distingue do padrão da escrita; e *(iii)* no nível do estilo, que resulta da própria diferença das condições de produção da fala, que envolve o contexto situacional, as limitações da memória e a irreversibilidade da fala, todos em oposição à escrita. Por estar interessado em identificar as dificuldades de compreensão do texto escrito, Perini (1980) elege a não contiguidade da repetição como uma classe que caracteriza a distinção entre o texto falado e o escrito.

Ramos (1983) desenvolveu uma pesquisa pioneira, buscando mostrar como o fenômeno da repetição se articula com a compreensão, sendo voltado para o ouvinte, seja no nível da sintaxe, seja no nível do discurso. Sua classificação funcional do fenômeno “visa a descrever de que maneira a repetição contribui para facilitar a tarefa do ouvinte de compreender enunciados” (Ramos 1983: 47). A autora parte de uma análise das relações entre fala e escrita para identificar a repetição como traço característico do estilo falado. Ela conclui que “a presença da repetição não está relacionada a nenhuma língua especificamente, mas ao processo de interação linguística propriamente dito” (Ramos 1983: 126). Isto significa que o papel central da repetição está vinculado à função comunicativa.

Assumindo a perspectiva do receptor da fala, Ramos (1983: 47) vê a repetição como um dos recursos do falante para “neutralizar os efeitos de limitações de desempenho decorrentes de limitações de memória ou falhas de atenção”. A autora distribui as repetições em duas grandes classes (1983: 58) as que contribuem para facilitar a tarefa do ouvinte de decodificar enunciados e as que realizam outras funções.

O que se observa, contudo, é que esta tipologia de repetições e funções é muito restrita em relação às funções linguístico-interativas do fenômeno, concentrando-se, sobretudo, apenas no nível da unidade sentencial. Não está imbricada com um *construto* teórico que envolva a conversação, mas com um modelo de teoria da comunicação inespecífica. A base de toda a tipologia é o pressuposto de que a repetição tem como função primordial facilitar a compreensão do ouvinte. Os tipos de repetições não são determinados em suas marcas, mas em suas posições estruturais na oração ou no conjunto de um tópico discursivo.

Johnstone (1987: 207) destaca que a repetição constitui uma estratégia poderosa de persuasão e um mecanismo coesivo essencial na elaboração de textos argumentativos, desempenhando várias funções:

Repetition function didactically, playfully, emotionally, expressively, ritualistically; repetition can be used for emphasis or iteration, clarification, confirmation; it can incorporate foreign words into a language, in couplets, serving as a resource for enriching the language. People repeat to produce trance, as in mantras or the Lamaze method for overcoming pain. Actors repeat to learn their lines; academics copy out quotes when they read in a new area. Repetition can be a bridging device in conversation, a way of dealing with an interruption, or a way of validating what another speaker has said. Repetition is a device. It is one of the primary forms of play. (Johnstone 1987: 207)

Nesse sentido, é profícuo dizer que a repetição é uma forma de valorizar o que o outro está a dizer, seja como reforço, seja responsivamente, seja para dar sequência, seja para referir, dentre outras funções, auxilia a retomada do tópico, a sequenciação de um tópico ou a interrupção, facilitando assim o processo de interação.

Johnstone (1987: 207-209) classifica os trabalhos existentes sobre o tema em categorias. Considerando os focos de interesse envolvidos, toma-se a repetição como mecanismos de efeito semântico (as listagens, as reduplicações e os paralelismos); aquisição e ensino da língua (paradigmas, métodos mnemônicos e processos de substituição); processo de padronização sintática (a gramática emerge no processo discursivo); coesão do discurso (a repetição como um mecanismo da aquisição da linguagem infantil e promoção da interação); repetição como um mecanismo central na produção e na compreensão do texto oral.

Para ela, identificar suas funções é tão complexo quanto classificá-las, pois as funções da repetição são sempre as mesmas: reforço, ênfase, coesão, coerência, dentre outras, mas, para classificar estas funções, tem-se de levar em conta o contexto em que a repetição está inserida, pois sua função pode mudar dependendo do contexto (Johnstone 1987: 207).

Uma outra proposta de análise das funções da repetição é a de Norrick (1987), que se fundamenta basicamente na estrutura da troca, ou seja, nas relações falante-ouvinte dentro do sistema de pares adjacentes. Para Norrick (1987: 245-64), a repetição é “endêmica” na conversação e se manifesta tanto ao nível do turno (mesmo falante se repetindo), como ao nível de diversos turnos (os falantes repetindo uns aos outros). Norrick identifica motivação cognitivo/interacional para a presença da repetição nos encontros face a face. Para este autor, a repetição atua na organização da coerência e tem influência na compreensão do discurso pelo ouvinte, o que é um ponto de vista similar ao de Ramos (1983).

Em seus estudos mais completos sobre repetição, Tannen (1987, 1989) considera-a como uma das mais importantes fontes para a tese de que a língua falada realiza-se em alto grau baseada na pré-padronização. Assim, muito do que se diz não passaria de uma repetição de estruturas pré-fabricadas. Para a autora, entre estas estruturas estão emblematicamente o idiomatismo e os provérbios.

Tannen (1989) distingue dois grupos de estratégias de envolvimento com base na repetição: estratégias baseadas no som e estratégias baseadas no significado. Isso torna a repetição elemento central na oralidade, identificando-se com uma natureza

formulaica. Por outro lado, a repetição constituiria o fio condutor da interação ao propiciar o envolvimento dos falantes em seus “negócios interacionais” (Tannen 2007: 17). Sendo a oralidade sua principal característica, como se pode ver, a repetição está vinculada às práticas interacionais.

Por sua vez, parte da classificação das funções da repetição com base nas noções de envolvimento e de pré-padronização lingüística, que podem ser agrupadas em categorias de produção; neste caso, a repetição serve ao falante para que se produza um maior volume de linguagem com mais fluência. Ao permitir um discurso semanticamente pouco denso, a repetição facilita a compreensão do ouvinte. Assim, se o falante se beneficia do “espaço morto” criado com as repetições, o ouvinte se beneficia do mesmo espaço para a compreensão. A repetição realiza ainda funções de conexão, neste caso, evidencia-se como mecanismo coesivo e é uma maneira de contribuir para o comentário. Com isso, a repetição une as partes do discurso, cria paralelismos e estruturas constantes ligadas. Além disso, a repetição contribui para a negociação na conversação. Contribui também para o trabalho de tomada e de entrega de turno, dando demonstração de atenção e de interações mútuas (Tannen 1989: 48).

Baseando-se nessas categorias, Tannen (1989: 54) detecta as formas que as repetições podem assumir, distinguindo entre auto e heterorrepetição; repetição exata e com variação; a repetição imediata ou retardada (no tempo de produção). Estas fronteiras formais são “difusas”, que não chega a fazer uma análise detalhada do fenômeno nem correlaciona formas com funções de modo sistemático.

Entre os que se dedicam ao estudo mais sistemático da repetição, quem também merece ser destacada é Bessa Neto (1991). A autora dedica-se à análise da repetição lexical. Sua metodologia de trabalho e divisão das funções da repetição acham-se muito próximas do que se postula no trabalho realizado por Marcuschi (1992), o qual foi tomado como referencial para este trabalho, ao lado dos trabalhos de Koch. Segundo Bessa Neto (1991: 100), algumas funções são mais recorrentes do que outras, e certas funções são exercidas predominantemente por um tipo formal de repetição e não por outro.

Esta autora, além de propor uma metodologia geral para determinar todos os tipos de repetição, procurou trabalhar de forma detalhada as formas e as funções da repetição lexical. Seu trabalho foi realizado com textos narrativos, comparando o fenômeno da fala com o da escrita.

Como fenômeno linguístico-discursivo, a repetição é uma das estratégias para facilitar a compreensão ou “intercompreensão dos sujeitos” (Berlo 1991: 137). É a isso que se refere Marcuschi (1992: 26) ao dizer que é “natural que o falante se repita com certa frequência, e repita o outro”, mostrando que há uma reciprocidade ou uma co-construção na interação.

Ainda de acordo com esse autor, na fala, a repetição constitui uma formulação típica de um planejamento linguístico *ad hoc*. Na escrita, há a possibilidade de revisão e editoração com apagamentos sucessivos, o que não é possível na fala, pois não há como apagar o que já foi dito, então se faz necessário a correção, fazendo com que a repetição passe a fazer parte do próprio processo de edição do texto falado.

Preti (1991: 47), em seu conhecido estudo sobre o tema, afirma que o idoso utiliza mais a repetição do que a paráfrase, especialmente aos mais velhos, pois o “seu poder de criatividade é muito menor do que o falante normal, consideradas as mesmas faixas culturais”. Tal afirmação, contudo, pode ser questionada por vários outros estudos sobre a linguagem de idosos (cf. Lagrotta 2001).

Para Marcuschi (1992: 13), é difícil identificar com clareza o que é ou não é uma repetição, em virtude de suas variadas formas de realização. Em relação a esta posição, Tannen (1989) chega a dizer que, quando não temos uma repetição idêntica, estamos relegados a uma boa dose de subjetividade para identificá-la.

Como o texto conversacional vai sendo compreendido à medida que é produzido, a repetição serve de suporte natural para o processo de compreensão e da própria estruturação da interação verbal. Tanto assinala ou indica como o falante se compreende a si mesmo, quanto indica como pretende que o ouvinte o compreenda, revelando, pois, uma socialização cognitiva ou uma cognição social. Longe de ser

mecanicista e “ecóica”, a repetição diz respeito a ações reflexivas por parte dos sujeitos (cf. Marcuschi 1992: 20).

Os estudos da língua falada reúnem hoje contribuições de várias correntes teóricas, buscando-se uma forma de conceber e explicar o texto conversacional e examinar primordialmente a interação entre sujeitos. Na perspectiva linguístico-interacional, a repetição presente nas interações em língua falada é parte importante do próprio texto que se está elaborando (cf. Marcuschi 1992: 26). Trata-se, pois, de processamento e produção realizados em tempo real. Esse caráter da conversação torna os interlocutores mais expostos ao uso de repetições, de parafraseamentos, de correções, ou seja, de recursos linguístico-pragmáticos que visam à reformulação textual, linguístico-interacional. Na fluência da fala, não nos damos conta da repetição linguística, de morfemas, orações, etc. No nível linguístico-discursivo, no entanto, contar o mesmo fato várias vezes num mesmo momento ou repetir a mesma história são comportamentos que chamam a atenção e podem ser considerados entranhos (cf. Marcuschi 1992: 27).

Marcuschi (1992: 6-7) define a repetição como “a produção de segmentos discursivos idênticos ou semelhantes duas ou mais vezes no âmbito de um mesmo evento comunicativo”. O mérito de tal definição reside no fato de que ela dá conta não só da repetição linguística, lexical e sintagmática, como também das repetições fonológicas, considerando a questão da variação estrutural do item repetido. A preocupação do autor consiste em contribuir com uma tipologia de formas e funções do fenômeno na língua falada. Para tanto, na definição acima, incluem-se os aspectos constitutivos da oralidade, que vão desde a repetição de um item lexical até a repetição de elementos prosódicos.

Segundo Marcuschi (2001: 14), a ideia central é que repetir não é sintoma de pobreza linguística, mas uma forma de manifestar a criatividade, já que esse ato está vinculado aos processos de produção e conexão discursiva e compreensão no processo interacional. Como se pode ver, esse caráter multifuncional da repetição manifesta-se não só na sua contribuição para a formatação linguística do discurso, mas também na organização das relações entre os interlocutores.

Dessa forma, parece possível considerar que a repetição emerge em função da natureza “dialógica” da língua falada. Marcuschi (1992) e Koch (1998) reiteram que a repetição se destaca por sua natureza retórica, tendo em vista a sua função proeminentemente persuasiva, argumentativa e didática. Além disso, acumula a função de economia linguística e apresenta-se em constante *statu nascendi* (Koch e Silva 1996: 99). A repetição está presente de forma constante na conversação quotidiana, em palestras, discussões, na sala de aula, exposições em geral, na interação com familiares, colegas e outros.

Para Koch (1998: 56), a repetição faz parte da estruturação do discurso, pois “os textos que produzimos apresentam uma grande quantidade de construções paralelas, repetições literais enfáticas, pares de sinônimos ou quase-sinônimos, repetições da fala do outro e assim por diante”. Gostamos de repetir provérbios, frases feitas, trechos de canções famosas, bem como de *slogans* políticos ou publicitários, palavras, expressões ou enunciados inteiros pronunciados por artistas, em programas da televisão, justifica a autora. Nas palavras de Koch (2005: 145), a repetição é particularmente constitutiva do discurso conversacional, no qual os parceiros, conjuntamente e passo a passo, constroem o texto, elaboram as ideias, criam, preservam e negociam as identidades, de tal forma que o texto, de maneira icônica, vai refletir essa atividade de coprodução.

Travaglia (1999: 77) ressalta a repetição como uma estratégia da língua falada, que tem inúmeros papéis e funções na constituição de um texto. Um deles é fazer relevo dando proeminência a determinados elementos do texto, como, por exemplo: enfatizar, intensificar, contrastar.

Koch (2005: 123) defende a posição de que a repetição não deve ser tratada como uma forma negativa da linguagem oral: “ela constitui uma constante na conversação quotidiana, em qualquer palestra ou discussão, em aulas e exposições em geral, na interação com familiares ou colegas”. Assim, podemos dizer que a repetição é uma estratégia básica de estruturação do discurso.

Além da identidade entre formas linguísticas, de acordo com Silva (2001: 75), a repetição apresenta vínculos semânticos e pragmáticos. Esses vínculos são estabelecidos no nível discursivo funcional e tornam-se tangíveis durante o ato da enunciação. O autor

define três macrofunções para as repetições: a coesão, a interação e o processamento, as quais são combinadas entre si durante a produção discursiva. Como se pode ver, a repetição como fenômeno linguístico constitui um dos recursos mais frequentes na formulação textual, pois envolve aspectos semânticos, cognitivos, contextuais e interativos.

Normalmente, no fluxo corrente da fala, não percebemos a quantidade de repetições que são realizadas, pois a compreensão do texto oral espontâneo se dá por estratégia natural de eliminações ou idealizações empreendidas pelo ouvinte. Segundo Marcuschi (1992: 26), em linhas gerais, todos temos uma noção intuitiva do que seja uma repetição e, em muitos casos, sabemos identificar suas ocorrências, embora sem distinguir claramente tipos e funções. Como essa noção não é sistemática, neste estudo procura-se conceituá-la seguindo a metodologia adotada pelo referido autor, utilizando, para isso, alguns parâmetros básicos como critérios de identificação e classificação desse fenômeno na linguagem oral.

No campo dos estudos textuais, uma autora que destacamos quanto ao estudo da repetição é Koch; em um de seus trabalhos, “A Repetição e suas peculiaridades no português falado no Brasil”, a autora afirma que “a repetição constitui, sem dúvida, umas das estratégias básicas de construção do discurso. [...], sua presença no texto pode não ser percebida, mas a sua ausência seria significativa” (Koch 2001: 119)⁷.

A repetição, por ser caracterizada como um fenômeno de interação linguística, pode apresentar, com relação ao português brasileiro, certas peculiaridades comuns a algumas línguas, mas não a sua maioria. A repetição, para esta autora, constitui uma das provas mais contundentes da iconicidade na linguagem, pois “o aumento da quantidade de formas aumenta a quantidade de sentidos, isto é, os sentidos são diagramaticamente icônicos”. A língua portuguesa, segundo Koch, explora em grau maior estes recursos, mostrando uma maior peculiaridade da repetição em relação a algumas outras línguas como, por exemplo, o inglês, o francês, etc. (Koch 2001: 120-127).

⁷ Um dos objetivos dos trabalhos de Koch é examinar as peculiaridades no português falado no Brasil, tanto nos níveis lexical e sintático, como no nível discursivo.

Lagrotta (2001: 201), no campo dos estudos conversacionais, desenvolveu sua dissertação de mestrado sobre a repetição na fala de idosos, verificando a frequência de uso e do tipo de repetições inseridos em diferentes contextos comunicativos e sociais, representados especificamente por três instituições: dois tipos de asilos para idosos e a Universidade Aberta para a Terceira Idade. Seu propósito foi caracterizar o procedimento da repetição na fala de idosos, levando em conta sua produção nos diferentes contextos sociais mencionados.

Para a autora, a observação das atitudes sociais com relação ao idoso e ao seu discurso, que, de modo geral, partem de uma imagem negativa – centrada na caracterização negativa da repetição do discurso do idoso – sugere algumas interrogações acerca do estatuto desse mecanismo, questões que, a nosso ver, podem contribuir para a caracterização do uso das formas e das funções da repetição nas afasias. As repetições incidem sobre o desempenho discursivo do idoso e sua recepção, e não apenas sobre o *conteúdo* do seu discurso, como quer o senso comum.

Assim, o conhecimento mais aprofundado do perfil do envelhecimento no tocante à linguagem e à interação, de acordo com Lagrotta (2001: 202), pode levar as pessoas a lidar melhor com os preconceitos associados à fala do idoso, como o que veicula a ideia de que a repetição é um indício de algum tipo de senilidade. A autora conclui que a repetição “revela ser em todas as conversações um elemento constitutivo da estrutura do texto falado, voltado para promover a compreensão interativa do objeto da conversação”. Lagrotta (2001) afirma, ainda,

não ter nenhum fundamento a imagem estereotipada do idoso como alguém que repete “a mesma história”, como um falante enfadonho cuja conversação não flui. Vimos que o idoso usa a repetição tal como as usam os outros falantes, com o fim de tornar compreensível para o outro aquilo que diz, e não para insistir num mesmo relato (Lagrotta 2001: 202)

Para Marcuschi (2002), a repetição consiste em uma estratégia de formulação textual fortemente empregada na oralidade com os objetivos de contribuir para a

organização discursiva, monitorar a coerência textual, favorecer a coesão e a compreensão dos enunciados e promover a continuidade da organização tópica e a interação entre os interlocutores.

O papel coesivo da repetição é evidenciado por Antunes (2003) em editoriais jornalísticos – no âmbito, portanto, da linguagem escrita. Segundo a autora, a repetição é uma estratégia de construção textual fundamental a ponto de se tornar artificial um texto extenso que não se aproprie da repetição como estratégia de formulação. A autora reitera que a coesão é a principal função da repetição lexical.

Assim, nesse passo teórico antes destinado à visão da repetição como “vício de linguagem” ou nos recursos de estruturação do texto, redirecionamos para uma posição de “reveladora do funcionamento da língua” (Lemos 2006: 12). Desse modo, a repetição também é constituída por um “movimento de retorno linguístico sobre si mesmo”, em que se constata um “rastro de sujeito” (Lier-Devitto 2006: 65).

Segundo Tannen (2007: 18), ao se ouvir as pessoas falando, tem-se a impressão de que os enunciados ditos naquele momento ecoam enunciados anteriores. Isto levou a autora a postular a pré-padronização como um dos pilares da produção linguística na oralidade, fazendo com que a repetição seja um recurso bastante geral da composição textual e das estratégias comunicativas. Assim, para esta autora, mesmo que existam diferenças quanto à sua avaliação e ao uso, em termos culturais, pode-se dizer que a repetição não é sinônima de prolixidade, de verborragia, de mecanicidade ou de falta de criatividade.

No fluxo corrente da fala, destacamos a repetição como fundamental no processo de interação – repetimos sons, palavras, frases, gestos e outros sinais. Como um aspecto fundamental da linguagem, a repetição é predominante em todas as interações do dia a dia, sendo utilizada para apoiar e para sustentar o envolvimento interpessoal dos parceiros no processo conversacional (Tannen 2007; Hengst *et al.* 2010).

Tannen pontuou algumas das principais formas da repetição, como a produção, compreensão, conexão, interação, coerência e envolvimento interpessoal. Para essa

autora, a repetição pode contribuir para um discurso mais eficiente e fluente. Para alguns indivíduos e culturas que dão importância à verbosidade e desejam evitar o silêncio, a repetição de sons, palavras, frases e outros padrões de discurso pode ajudar no processo de interação, tornando o discurso menos denso e de fácil compreensão (Tannen 2007: 58).

A repetição, no processo conversacional, torna o discurso, semanticamente, menos denso, ficando mais fácil para o ouvinte acompanhar a quantidade de informação que está recebendo. Para destacar a forma como a repetição pode favorecer a compreensão da conversação, Tannen usou o exemplo de um artigo acadêmico que está sendo lido em voz alta numa conferência profissional. Privados do uso da repetição no fluxo da conversa, o público tem dificuldade para entender o texto, porque eles estão recebendo uma taxa muito alta de informações, por isso o cuidado deve comparecer a cada palavra (Tannen 2007: 59).

Tannen (2007: 58) apontou algumas das principais formas da repetição como produção, compreensão, conexão, interação e criação de coerência e envolvimento interpessoal no processo interacional. Para essa autora a repetição contribui para que os falantes produzam uma linguagem mais eficiente e fluente; a repetição de sons, palavras, frases e outros padrões de discurso podem ajudar os falantes a participar com mais eficiência do processo interacional (Tannen 2007: 58).

A repetição suporta a compreensão e construção de significados entre os parceiros no processo conversacional, mostra as conexões que os falantes estão fazendo por meio das palavras, frases e complementos. Mostra como novos enunciados são interligados e como as ideias se relacionam entre si (Tannen 2007; Hengst *et al.* 2010).

Além de apoiar a construção de significados no processo conversacional, Tannen (2007) argumenta que a repetição também assegura os níveis de interação social. Em sua própria pesquisa, Tannen observou que a repetição é muitas vezes usada para ajudar os falantes a gerenciar "a conversa", obtendo ou mantendo o turno, trazendo outras pessoas para o discurso. A repetição é complexa, dinâmica e variável.

Para ajudar a reconhecer padrões ou formas de repetição, Tannen (2007); Erickson (2008) e Hengst *et. al.* (2010) contribuíram com três dimensões de repetições de conversação. A primeira dimensão contempla o quão distante no tempo é uma repetição da expressão de origem. Um enunciado pode ser imediato (por exemplo, segundos a minutos) ou tardio (por exemplo, dias, semanas, meses ou mesmo anos), podendo ser tão complexo e penetrante que a consciência do enunciado original é perdida (por exemplo, expressões idiomáticas). A segunda dimensão centra-se na fonte da repetição, quem ou o que está sendo repetido. Os falantes podem repetir-se (autorrepetição) ou repetir outros (heterorrepetição). A terceira dimensão se concentra no que está sendo repetido e quão perto a repetição corresponde ao original. As preocupações desses autores sobre as formas da repetição fornecem um quadro útil e confiável para que possamos analisar sistematicamente casos específicos da repetição no processo conversacional no contexto das afasias.

No campo da Neurolinguística, além de outras bibliografias gerais e de nomes dedicados à descrição e desmistificação das afasias, figuram Leiwo e Klippi (2000), Mowrer *et al.* (2001), Lima (2004, 2010), Viscardi (2010), Tagliaferre (2008, 2010), Hengst et al (2010) e Easter (2011), que nos ajudaram a lançar luzes sobre o fenômeno da repetição no campo das afasias.

Como se pode ver, a maioria dos estudos sobre a repetição tem sido feita focalizando apenas a modalidade não patológica, mas com os avanços da neurolinguística, alguns autores estão se empenhando para que a repetição possa despontar como estratégia capaz de servir à análise de outras modalidades de linguagem no campo das patologias, assim como Lima (2004, 2010), Tagliaferre (2008, 2010), Viscardi (2005, 2010) e Easter (2011), dentre outros que, de forma gradativa, estão proporcionando novos campos de aplicação da repetição no âmbito dessa noção teórica.

Visando manter uma linha conversacional retrataremos as formas e as funções da repetição como características básicas para a organização do tópico discursivo. Entendemos o tópico como o assunto ou o tema da conversação, ou seja, é o foco da atenção, já que os participantes de uma conversa reconhecem, como regularidade, a relevância de certos elementos em torno dos quais gira a conversa, ajustando seus

enunciados a eles. E a repetição pode ser entendida como elemento organizador do tópico, como procedimento que os participantes utilizam para organizar a conversação. Sendo assim, o tópico propicia a interação entre falantes que interferem com perguntas ou sinais de participação.

Como este trabalho se desenvolve com base na interação entre sujeitos afásicos e não afásicos, parte-se do postulado de Bakhtin ([1929] 2004: 127) de que a interação verbal pode ser considerada uma realidade fundamental da linguagem. Assim, para melhor apreendermos o caráter interacional da repetição, procedemos à consideração de uma breve reflexão proposta por autores que escreveram sobre o interacionismo, como também de uma abordagem crítica da noção de interação tomada como simplesmente uma categoria pré-teórica. Pode-se entender por interação a relação entre dois ou mais interlocutores, que estabelecem uma relação de cooperação e compartilhamento em termos de conversação.

3.2 Perspectiva interacional da repetição

Devido a sua maleabilidade funcional, a repetição exerce diversificadas formas e funções no contexto conversacional, contribui para a organização discursiva e a monitoração da coerência textual; favorece a coesão e a geração de sequências textuais mais compreensíveis; dá continuidade à organização tópica e auxilia nas atividades interativas (Marcuschi 2006: 219). Nessa direção, este trabalho tem como proposta abordar uma das estratégias de formulação textual mais presentes na oralidade, a repetição, salientando sua condição como condutora do tópico discursivo no contexto da linguagem afásica.

A Linguística, atualmente, tem-se interessado cada vez mais pelos estudos das atividades cognitivas e interativas da repetição, o que não é nada surpreendente se levarmos em conta a relação que existe entre linguagem, cognição e interação. De um lado, a linguagem é uma forma de interação e ação social constitutiva do conhecimento; de outro, caracteriza-se, num certo sentido, como uma forma de cognição. Como retrata Marcuschi (2002: 26), “a linguagem surge porque temos cognição, e somos seres cognitivos porque temos linguagem e capacidade de desenvolvê-la”. Essa concepção, certamente, é necessária para um maior entendimento no tocante ao uso da repetição para a construção do sentido do texto no processo interativo.

Salomão (1999: 74) ressalta que “a relação por excelência do sujeito com o mundo, inclusive com os outros sujeitos, é uma relação de criação de conhecimentos, multiplamente enquadrável”. A capacidade da linguagem do sujeito permite a produção de ilimitadas representações, por meio das quais os sujeitos se conhecem e se dão a conhecer, ajustam a situação em que se encontram a conhecimentos previamente acumulados, criando assim novos conhecimentos.

Morato (2004) mostra que as abordagens interacionistas, no campo psicolinguístico, consideram a linguagem uma ação compartilhada que percorre um duplo percurso na relação entre sujeito e realidade: intercognitivo (sujeito/mundo) e intracognitivo (linguagem e outros processos cognitivos). A interação é a base da construção do conhecimento e da dupla natureza da linguagem (cognitiva e social).

Cognição, para essa autora, define-se como um conjunto de várias formas de conhecimento que não é totalizado ou subsumido pela linguagem, mas que, de alguma forma, se encontra sob sua responsabilidade. Os processos cognitivos, dependentes (assim como a linguagem) da significação, não são tomados à margem das rotinas significativas da vida em sociedade. Assim, a relação que se estabelece entre linguagem e cognição é de mútua constitutividade na medida em que supõe que “não há possibilidades integrais de pensamento ou domínios cognitivos fora da linguagem, nem possibilidades de linguagem fora de processos interativos humanos” (Morato 2004: 323).

Na perspectiva bakhtiniana, o conhecimento é construído mediante processos interativos, discursivos e dialógicos. O sentido não está no código ou nas palavras em si, mas no sistema de relações construído pelo falante e ouvinte em cada enunciação. Todo enunciado é concebido em função do conhecimento e da intenção dos interlocutores. Para Bakhtin:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social de sua interação, realizada por meio da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui, assim, a realidade fundamental da língua (Bakhtin [1929] 2004: 123).

Bakhtin ([1929] 2004) considera a interação verbal uma realidade fundamental da linguagem. Para ele, interação é a relação entre dois ou mais interlocutores que estabelecem uma relação de cooperação e compartilhamento em termos de conversação.

Segundo Morato:

O interacionismo tem sido capaz de marcar a disposição de tomar a interação como uma das categorias de análise dos fatos da linguagem, e não sendo apenas o *locus* da linguagem como espetáculo. É esta qualidade (ou esta circunstância...) o que tornaria justificável sua inserção entre os movimentos teóricos que fazem a ciência da linguagem avançar. (Morato 2004: 315)

Essa ponderação indica que a interação e tudo o que é afeito a ela produz sentido, e o sentido é a produção da interação, fazendo com que a participação do outro seja necessária para construirmos o sentido daquilo que estamos dizendo.

Para Morato (2004: 316), muitas inadequações podem ser produzidas sob o termo “interacionismo” e existem trabalhos sobre este tema que são muito distintos entre si. Por isso, o que chamamos de interacionismo parece ser de fato um mosaico de inteligibilidades e métodos. Para a autora, nem sempre o emprego do termo interação é suficiente para qualificar uma reflexão como interacionista. Quanto a este ponto, chama a atenção para o fato de que certas questões devem ser destacadas – entre elas, certamente, está a delimitação do conceito de interação.

Brait (1997: 117), na senda de Bakhtin, postula que a interação é um componente do processo comunicativo, significativo e de construção do sentido, que faz parte de todo ato da linguagem e pode ser considerado um fenômeno sociocultural com características linguístico-discursivas. Isto significa que a abordagem interacional de um texto falado ou escrito nos permite verificar como o evento conversacional está organizado.

Alguns autores, como Watzlawick, Beavin e Jackson (1967: 46), postulam que a interação é uma série complexa de “mensagens” trocadas entre as pessoas. Porém, o entendimento de comunicação vai além das trocas verbais. Para essa corrente teórica, todo comportamento é comunicação,

uma vez aceito todo o comportamento como comunicação, não estaremos lidando como uma unidade de mensagem monofônica mas com um complexo fluido e multifacetado de numerosos modos de comportamento — verbais, tonais, posturais, contextuais, etc. — que, em seu conjunto, condicionam o significado de todos os outros. Os vários elementos desse complexo (considerado como um todo) são capazes de permutas muito variadas e de grande complexidade, que vão desde o congruente ao incongruente e paradoxal (Watzlawick, Beavin e Jackson 1967: 46).

Como se pode ver, as conversas naturais não apresentam uma simples sequência de intervenções de interlocutores: “Há uma complexidade maior, pois os interlocutores utilizam diversos recursos para estruturarem o diálogo e manterem a harmonia do fluxo

informativa. Isso implica dizer que há regras que regulamentam a conversação” (Silva 2001: 128), sendo que uma dessas regras é o uso da repetição como uma estratégia textual-interativa.

Pensar na língua numa perspectiva sociointeracionista é, como afirma Gonçalves (2004), uma forma mais adequada de ver a linguagem, já que possibilita refletir sobre sua própria fala e/ou escrita e sobre outras situações com as quais interage no seu dia a dia. O autor complementa:

A interação tende a provocar mudanças tanto no sujeito quanto no destinatário, porque agimos sobre os outros e os outros sobre nós. A língua não se separa do indivíduo. Aprender a língua significa, a nosso ver, criar situações sociais idênticas às que vivenciamos no cotidiano. Em outros termos, o ato interlocutivo não deve se isolar das atividades cotidianas, visto que a linguagem não está dissociada de nossas ações e, portanto, aprender uma língua significa participar de situações concretas de comunicação (Gonçalves 2004: 2)

A esse respeito, salientamos, com Bakhtin:

a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada por meio da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (Bakhtin (2000: 123)

Essas discussões privilegiam a conversação. Assim, procuramos descrever as formas e as funções da repetição na linguagem de afásicos enquanto organizadora do tópico, a partir de uma abordagem de cunho linguístico-interacional para a qual concorrem os trabalhos de Marcuschi (1992), Koch (1997 e 2001), Johnstone (1987), Tannen (1989 e 2007), Hengst, Duff e Dettmer (2010) dentre outros que, de forma direta ou indireta, nos direcionaram para uma melhor compreensão da funcionalidade tópica na análise da conversação.

Capítulo 4 – O Centro de Convivência de Afásicos (CCA)

4.1. *Fundamentação teórico-metodológica do CCA*

O CCA é fruto de ação conjunta entre o Departamento de Neurologia da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) e do Departamento de Linguística do Instituto de Estudo da Linguagem (IEL), departamentos da UNICAMP. Fundado na década de 90 do século passado, tem o objetivo de proporcionar aos indivíduos afásicos uma rotina de experiências comunicacionais cotidianas diferentes dos moldes tradicionais. De acordo com Morato (2005: 245-246), esse centro tem como objetivo desmedicalizar o entendimento das afasias, abrindo possibilidades de estudos neurolinguísticos num contexto de práticas linguísticas efetivas, bem como estabelecer um espaço de reflexão entre pesquisadores e afásicos e seus familiares em torno dos impactos psicossociais causados pela afasia.

O CCA foi construído para ser um espaço de interação entre afásicos e não afásicos, espaço esse que possa promover a reintegração social desses sujeitos, seja pela convivência, seja pelo enfrentamento mútuo de estereótipos vigentes das inúmeras dificuldades que a afasia provoca “para o exercício efetivo de práticas cotidianas de linguagem entre os sujeitos afásicos e não afásicos, a fim de contribuir para o maior entendimento da condição de afásico” (Mira 2012: 61).

Morato (2003: 9) enfatiza que o ambiente do CCA é tão descontraído que parece mais um encontro entre amigos com histórias de vida mais ou menos parecidas. São pessoas afásicas e não afásicas que, uma vez por semana, juntam-se para uma série de atividades que levam ao desenvolvimento de práticas linguísticas cotidianas para trocar experiências e tomar um cafezinho no intervalo das atividades, combinando com exercícios corporais de relaxamento e de criação dramatúrgica, por exemplo.

São frequentes os testemunhos de reconhecimento dos benefícios da frequência do CCA para os afásicos e seus familiares. NS⁸, um falante afásico que frequenta o

⁸ A referências aos sujeitos são realizadas através das iniciais dos seus nomes (siglas) para preservar o anonimato dos participantes.

CCA desde 2001, enfatiza que, desde o momento em que entrou para o CCA, passou a cultivar a autoestima, dando outro sentido à vida. O diálogo abaixo apresenta um testemunho relevante (cf. Morato 2002: 57):

NS: +após comentar que mesmo as pessoas com quem convive diariamente conversam com ela "só um pouquinho"+ sabe por quê, não sabe? Eu num falo sabe...sabe por quê? a fala num deixa. (...) "Eu quero conversa, eu quero conversa, eu quero conversa, por que você num escuta?" Né ai ele falou: "Ah, que foi, que foi?". Depois ele tá assistindo também...Depois: "Ah, vou durmi, vou durmi".

FC: E aqui no CCA, você acha que conversa?

NS: AQUI? Nossa senhora! Aqui? Lá em casa eu sei...sozinha(...) Luana... "NS, tal, NS tal, tal", conversando, errado, certo... Eu converso né!

Esse excerto de uma sessão do CCA instiga-nos a pensar,

se a evocação de diferentes práticas sociais e comunicacionais tem a ver com a possibilidade de recuperação de processos linguístico-cognitivos perturbados nas afasias, elas permitem que o CCA atue terapêuticamente na restituição de papéis sociais, na partilha de um espaço simbólico, no fortalecimento de quadros interativos, na recomposição da subjetividade, na caracterização do CCA como uma espécie de microcosmo social. Dessa forma, o CCA não deixa de ser terapêutico no sentido em que as relações humanas podem ter um efeito terapêutico; ou no sentido em que o reconhecimento dos rituais sociais (a empatia, a amizade, a ação conjunta, a reflexão) podem ser terapêuticas. (Morato 2002: 57)

Não podemos negar que a afasia acomete a linguagem dos sujeitos em diferentes graus de severidade, mas sem sombra de dúvida, em uma situação instável do ponto de vista linguístico, cognitivo e social, geralmente, o afásico não perde a sua capacidade de memória.

Não é possível alhear-se ou abrandar as sérias implicações que a afasia acarreta na vida dos sujeitos, mas é necessário considerar as possibilidades que os afásicos

preservam de agir sobre os recursos que lhes restam para interagirem e produzirem de outras maneiras seus discursos (cf. Camerin 2005: 16; Mira 2012: 63).

4.2. A dinâmica dos encontros

Os encontros do CCA acontecem semanalmente, às quintas-feiras, em uma sala situada nas dependências do Instituto de Estudos da Linguagem, IEL, Unicamp, adaptada acusticamente para os encontros (cf. Figura VIII⁹). As atividades, geralmente, iniciam-se às nove horas, estendendo-se até aproximadamente ao meio dia. Os encontros são organizados em duas partes, o programa de linguagem e o de expressão teatral, seguidos pela pausa para o café preparado coletivamente. No decorrer do ano de 2008, o Programa de Expressão Teatral foi a atividade inicial e o Programa ou Atividade de Linguagem encerrava as atividades, mas, às vezes, essa sequência era alterada. A pausa para o café sempre foi um momento de maior descontração em que os participantes preparam a mesa, compartilhando alimentos trazidos por cada integrante do grupo. Esse procedimento se repete a cada encontro, pois faz parte da rotina do grupo, marcando a passagem de uma atividade para outra.

⁹Disposição dos integrantes do CCA durante a atividade de linguagem. Da esquerda para a direita: SI, NS, LM, EF (não faz parte dessa pesquisa) MS, HM, SP, MN, EM. O CCA como uma comunidade de práticas: uma análise das interações do Centro de Convivência de Afásicos (Mira 2007).

Figura VIII – Dinâmica dos encontros do CCA



A duração dos encontros é geralmente de três horas, sendo trinta minutos destinados ao café. Descreveremos a seguir as atividades do grupo.

4.2.1. Expressão teatral

O programa de expressão teatral tem sido desenvolvido no CCA há alguns anos, sendo coordenado por profissionais da área. As atividades teatrais que compõem o *corpus* desta pesquisa foram coordenadas por AS, profissional de artes cênicas. O Programa de Expressão Teatral consiste em atividades que procuram resgatar nos sujeitos afásicos expressões corporais que, na maioria das vezes, foram atingidas pelos danos neurológicos. Sempre em um tom lúdico, essas atividades proporcionam aos sujeitos afásicos a realização de tarefas jamais realizadas depois do AVC, como jogos

dramáticos, movimentos corporais mais complexos, expressões faciais, tarefas essas realizadas conjuntamente pelos sujeitos atores. Tendo em vista a descoberta/redescoberta das múltiplas potencialidades dos sujeitos afásicos, essas atividades proporcionam novas descobertas “complementares, constitutivas, alternativas e compensatórias para se expressar neste mundo e com seus pares, pois outros sistemas simbólicos, afora a língua, também significam” (Mira 2012: 67).

4.2.2. Programa de linguagem

No programa de linguagem, as atividades são geralmente coordenadas pela professora Edwiges Maria Morato, que procura explorar os mais diversos gêneros que constituem o uso da linguagem em suas diferentes configurações, como diálogos, comentários, narrativas, exposição e discussão de notícias de jornais e revistas, discussões sobre temas sociais e culturais, como filmes, novelas, teatro, obras literárias. As atividades de linguagem são marcadas “por um conjunto de rituais sociais, pelo fortalecimento dos quadros interativos, nos quais os sujeitos podem enfrentar suas dificuldades linguístico-cognitivas e estabelecer processos alternativos de significação, pela evocação de inúmeras práticas de linguagem” (Camerin 2005: 21).

Ocorrem geralmente ao redor de uma mesa, os sujeitos ficam dispostos como em uma situação cotidiana do tipo “reunião de amigos” ou de “família”, onde conversam sobre vários assuntos. O direcionamento do encontro fica a cargo do pesquisador responsável, mas não fica excluída a possibilidade de abordar algum assunto de interesse de algum sujeito afásico.

4.3. Participantes do CCA

4.3.1. Sujeitos afásicos

Apresentamos nesta seção a caracterização dos sujeitos afásicos e não afásicos que participaram dos encontros do CCA no ano de 2008, período em que foram coletados os dados da pesquisa¹⁰. As informações expostas apresentam dados relativos à história de vida dos afásicos, episódio neurológico e respectivas implicações linguísticas, além de observações sobre a participação dos sujeitos no contexto interacional do CCA. No que se refere aos sujeitos não afásicos, apresentaremos informações referentes à formação profissional e à função de cada um dentro do CCA.

Em relação aos participantes afásicos, são 9 (nove) sujeitos que fizeram parte do grupo no ano que escolhemos para coletar a nossa amostra de dados, enquanto, no grupo de participantes não afásicos, 7 (sete) participantes fizeram parte do grupo. Seguem abaixo as descrições dos participantes afásicos.

SP

Trata-se de um senhor de origem italiana, nascido em 10/03/1933, que, aos dois meses de idade, mudou-se para o sul da França (região de imigrantes italianos). Desde os 20 anos, SP vive no Brasil, tendo-se casado com uma brasileira; aos 36 anos, sofreu um Acidente Vascular Encefálico Isquêmico (afetando a área do lobo temporal e do núcleo da base parcialmente), que o deixou severamente afásico e com uma hemiplegia à direita. A afasia de SP é compatível com as formas essenciais das afasias ditas motoras: hesitações e prolongamentos, dificuldades de repetição, perseverações e parafasias verbais e fonológicas, etc. No francês, embora suas dificuldades sejam menores e sua desenvoltura mais notória, observa-se a presença do mesmo conjunto de características semiológicas. Nas interações do CCA, SP participa ativamente das discussões do grupo, opinando sobre os fatos debatidos. Frequentemente, realiza

¹⁰ Nota-se que a descrição de cada sujeito, afásico e não afásico, foi realizada com êxito nos trabalhos Mira (2007), (2012), Marinho (2012) e Epifânio (2014).

sobreposições ao turno dos outros participantes para se posicionar em relação ao tópico e para agregar informações à discussão. Os recursos mais utilizados por ele para compensar o seu déficit linguístico incluem o uso de gestos de natureza indexical e vocalizações que servem para contornar as dificuldades de acesso lexical. SP é um assíduo frequentador do CCA, participa das atividades desde 1995, demonstrando ter uma grande integração com o grupo.

SI

SI é brasileira, nissei, natural da cidade de Presidente Venceslau (SP), casada e mãe de quatro filhos, nascida em 09/11/1940. Reside há muitos anos em Campinas. Seu grau de escolaridade é básico, tendo concluído até a quarta série do Primeiro Grau. Trabalhou e viveu grande parte de sua vida na zona rural. Em 1988, sofreu um AVC hemorrágico. Na avaliação neuropsicológica inicial, SI apresentou discreta paralisia à direita, afasia de Wernicke e síndrome piramidal à esquerda. Sua linguagem oral apresentava dificuldade de encontrar palavras, parafasias semânticas e fonológicas, além de paragrafias, apraxia buco-facial e construcional, discalculias abundantes e paralexias (leitura assemântica).

Antes do AVC, segundo SI, entendia o japonês oral e compreendia alguma coisa da escrita, mas, após o AVC, perdeu esta capacidade. SI frequenta o CCA desde 1990. Dentre os participantes afásicos do CCA, SI é a integrante que menos realiza sobreposições de turnos. Ela raramente assalta o turno de seus interlocutores ao participar das discussões, para introduzir tópicos ou se posicionar nos debates. Sua participação nas atividades de linguagem ocorre, na maioria das vezes, quando é interpelada diretamente pelos pesquisadores. Preferencialmente, toma a iniciativa de introduzir tópicos conversacionais, compartilhar informações e expor pontos de vista durante o momento do café, contexto interacional não dirigido a práticas e ações mais definidas. SI, ao tomar a palavra, realiza construções lexicais curtas ou monossilábicas em um baixo volume de voz. Frequentemente, tem dificuldade de acesso lexical e seu turno é completado por outros afásicos, principalmente por NS, com quem mantém uma relação de amizade mais próxima.

MG

MG é uma senhora brasileira, nascida em 04/04/1948, solteira. Antes do AVC, MG tinha uma agência de turismo e uma rotina típica de microempresária. Em 31/12/1999, teve um Acidente Vascular Cerebral isquêmico que, segundo a tomografia computadorizada de crânio, atingiu a região têmporo-parietal à esquerda, revelando sequelas de Acidentes Vasculares Encefálicos isquêmicos no tálamo e no lobo frontal, além de AVC isquêmico lacunar na região subcortical de transição têmporo-parietal à direita. Disso resultou uma afasia de predomínio expressivo, com hemiparesia à direita e apraxia oro-facial. Em sua linguagem, observam-se, de maneira consistente, dificuldades de encontrar palavras e dificuldades predicativas, além de parafasias (fonológicas em especial). Apresentando um quadro afásico de predomínio motor, a produção verbal de MG é, inicialmente, laboriosa, com perseveração, produção de parafasias de várias naturezas (inclusive deformantes ou “neologizantes”). MG comumente chama a atenção, de maneira bem humorada, para suas dificuldades de produção, em especial as fonético-fonológicas. Embora proceda às operações epilinguísticas, por vezes, MG demonstra dificuldades de proceder a processos inferenciais.

Durante as atividades do CCA, não são raras as ocasiões em que MG introduz o tópico da discussão. Ela sempre opina sobre temas polêmicos que integram a pauta das reuniões, como também são frequentes seus relatos sobre viagens realizadas ao litoral com a família. Para conseguir completar o turno conversacional, MG produz alongamentos vocálicos que, muitas vezes, servem para contornar sua dificuldade de acesso lexical. Também observamos, diversas vezes, atividades de "escrita no ar" como estratégia conversacional e evocação lexical. MG integra o CCA desde 2001.

NS

NS é uma senhora brasileira, casada, nascida em 28/12/1959, na cidade de José Bonifácio, em São Paulo. Coursou os primeiros anos do Ensino Fundamental e atualmente reside no município de Sumaré (SP). Em 03/05/1999, apresentou uma forte dor de cabeça e hemiparesia à direita, recebendo atendimento no Hospital das Clínicas

da Unicamp. De acordo com o exame neurológico realizado neste hospital, NS apresentou um quadro de afasia transcortical decorrente de um Acidente Vascular Encefálico isquêmico à direita. NS, além disso, apresenta um déficit motor à direita.

No exame de Eletroencefalograma (EEG), NS apresentou um distúrbio na região fronto-temporal esquerda, indicando lesão estrutural na região. Em termos neurolinguísticos, caracterizam o quadro afásico de NS dificuldades de acesso lexical, expressão verbal do tipo telegráfica, com supressão de palavras funcionais, má seleção de morfemas gramaticais e predominância de substantivos (em detrimento de verbos). Tal quadro caracteriza uma afasia de predomínio expressivo, afasia de Broca. Em função do seu quadro afásico, ela suprime palavras funcionais, principalmente flexões verbais, pronomes e conjunções, e realiza repetições para garantir a coesão em suas narrativas. NS participa do desenvolvimento do tópico e realiza sobreposições ao turno de outros participantes do CCA, especialmente nas ocasiões em que tem alguma dúvida sobre o tema discutido. NS mantém uma relação estreita de amizade com SI e bom entrosamento com os demais integrantes do CCA. Participa do CCA desde 2001.

MS

MS é um senhor brasileiro, nascido em 17/01/1946, divorciado, foi professor de curso pré-vestibular, nível superior completo (Letras). Atuou como jornalista e ator de teatro. Antes do AVC, MS lia e escrevia muito, nos mais variados gêneros textuais. Depois do episódio neurológico, MS não deixou de frequentar cinemas, teatros e apresentações musicais e costuma viajar com frequência, inclusive para o exterior. MS apresenta, como sequela do AVC, déficit motor em domínio direito e afasia motora. Em exame clínico, foram diagnosticadas afasia e marcha parética, mantendo hemiparesia direita com sinais de liberação piramidal (Hoffman e Babinski à direita). Atualmente, continua lendo, porém não apresenta a mesma proficiência anterior. Caracteriza sua afasia dificuldade para encontrar palavras, perseverações, disartria leve, além de hemiparesia à direita – o que dificulta sua escrita, por ser destro. MS é bastante engajado nas atividades do grupo e sempre brinca, faz piadas com os outros integrantes. Suas intervenções durante o desenvolvimento do tópico são, na maioria das vezes,

revestidas de ironia e humor, o que às vezes provoca risos durante os encontros. MS integra o CCA desde 2004.

MN

MN é uma senhora portuguesa, dona de casa, nascida em 24/09/1927. Em 26/06/1999, apresentou uma forte dor de cabeça e hemiparesia à direita completa, sendo, em seguida, encaminhada para o Hospital de Clínicas da Unicamp. De acordo com o exame neurológico, MN apresentou um quadro de afasia transitória decorrente de infarto cerebral na região da cápsula interna à esquerda, cujos traços proeminentes são uma hemiparesia à direita, dificuldade de evocar palavras (WFD) e produção de parafasias. MN participa das atividades de forma engajada e frequenta o CCA desde 2002.

VM

VM é uma senhora brasileira, nascida em 11/08/1959, viúva, mãe de três filhos. É natural de Piracicaba, interior de São Paulo, onde mantém residência até hoje. Coursou até o 3.º ano de faculdade de Terapia Ocupacional, porém até pouco tempo antes de ser acometida pelo AVC, trabalhava como artista plástica, realizando trabalhos em cerâmica. Em maio de 2008, VM sofreu um AVC. Um exame de ressonância magnética, nos lobos parietal e temporal esquerdo, região insular, detectou áreas de gliose com atrofia do córtex adjacente. No lobo parietal esquerdo, giro supra-marginal, observam-se formações tubulares e filiformes, com hipossinal e áreas de gliose de permeio adjacente, causando efeito de retração de córtex e região subcortical.

O AVC de VM resultou em uma afasia de predomínio expressivo, com hemiparesia à direita, que dificulta o ato motor, apraxia oro-facial e dispraxia construcional. Em sua linguagem, observam-se dificuldades de encontrar palavras (WFD) e dificuldades predicativas, além de parafasias (fonológicas, em especial). No entanto, com apoio visual, VM consegue evocar mais facilmente as palavras, ainda que mesmo assim cometa algumas parafasias. Sua participação nas reuniões do CCA

iniciou-se no ano de 2008. Devido às dificuldades de ordem expressiva, mantém-se mais reservada durante as discussões; porém, quando é solicitada, realiza intervenções pertinentes e colaborativas. Faz uso de estratégias de escrita na mesa para fazer face às dificuldades de encontrar palavras, beneficiando-se bastante desse recurso.

EC

É uma jovem brasileira, casada, nascida em 14/07/1976, mãe de um filho nascido após episódio neurológico. Reside em Sumaré e, em relação à escolaridade, tem curso técnico incompleto em Farmácia. Em 1997, aos 21 anos de idade, teve um aneurisma cerebral com rompimento em área fronto-parietal à esquerda, e, em consequência disso, precisou colocar um clipe metálico supraciliar à esquerda. Em relação às informações de linguagem, apresenta como hipótese diagnóstica uma afasia motora com oscilações na fala, hesitações, prolongamentos, dificuldades de repetição, perseverações (fala com frequência alta o segmento “le” que, muitas vezes, funciona como *prompting* para evocação de palavras diversas, ou preenche espaços no discurso quando não consegue resgatar a palavra desejada)¹¹, realiza ainda muitas parafasias verbais e fonológicas. Frequentando o CCA desde 2008, está sempre engajada nas discussões, emitindo opiniões e realizando intervenções.

LM

Brasileiro, nascido em 10/09/1957, divorciado e pai de três filhos, LM reside em Campinas, mas é natural de Borda da Mata, Minas Gerais; metalúrgico aposentado, cursou até a 4.^a série do Primeiro Grau. Em 1986, aos 28 anos de idade, sofreu um Acidente Vascular Encefálico hemorrágico, com edema na região temporal à esquerda, insultando a região da cápsula interna e lesão provavelmente subcortical. Na avaliação neuropsicológica, diagnosticou-se uma hemiparesia espástica acentuada à direita e uma afasia de predomínio expressivo (eferente), com hesitações, parafasias fonológicas, perseverações e alterações de prosódia. Nas reuniões do grupo, LM participa de forma

¹¹ Conferir o trabalho realizado por Epifânio (2014) sobre o segmento *le* frequente na fala de EC.

tímida das discussões. É, normalmente, convocado pelos outros integrantes para que emita suas opiniões e impressões sobre algum tema. Devido às suas dificuldades de linguagem, necessita, em algumas ocasiões, de auxílio do interlocutor para completar a frase. Frequenta as reuniões do CCA desde 1988, porém esteve ausente por 4 anos, devido a problemas familiares. Retornou ao grupo em 2007.

A seguir faremos uma breve descrição dos sujeitos não afásicos que integraram o Centro de Convivência no decorrer de 2008.

4.3.2. Sujeitos não afásicos

EM

É Professora Associada do Departamento de Linguística do IEL – Unicamp. Coordena as atividades do Programa de Linguagem e se responsabiliza de maneira institucional pelo CCA. Geralmente, é ela quem “oficialmente” dá início às atividades no momento em que todos estão sentados à mesa, introduzindo ou organizando os tópicos e procurando distribuir os turnos ao requerer dos afásicos a participação nas discussões do tópico e na gestão das atividades desenvolvidas pelo grupo (como o jornal, o cineclube, as discussões, etc.). A professora foi um dos membros fundadores do CCA em 1989 e coordena o grupo aqui analisado desde 2002.

HM

É fonoaudióloga, mestre em distúrbios da comunicação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e doutora pela Unicamp na área de Neurolinguística. Durante o seu doutorado, HM passou a acompanhar as atividades do CCA. Entre 2001 e 2003, a pesquisadora observou as interações do grupo por meio de um espelho espião em uma sala anexa à sala de convívio (equipada com cozinha e banheiro) onde ocorrem os encontros semanais do CCA. Posteriormente, em 2004, HM participou dos encontros como observadora responsável pelo registro das atividades do

grupo. A partir de 2005, passou a integrar o grupo participando das atividades do Programa de Linguagem.

GM

Participou do CCA, no ano de 2008, como parte da equipe técnica, sendo responsável pelos recursos audiovisuais, as câmeras. Cursava graduação em Fonoaudiologia na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

RT

Licenciada em Letras e bacharel em Linguística pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), é mestre em Linguística pela Unicamp (2008). Doutoranda em Ciências da Linguagem pela universidade de Trás-os-Montes e Auto Douro (UTAD), Portugal, tem como coorientadora a professora Edwiges Morato, professora da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Brasil. Participou do CCA, no ano de 2008, como parte da equipe técnica, sendo observadora responsável pelo registro escrito de todas as atividades do grupo, o diário de cada encontro.

AS

Formada em artes cênicas pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), AS participou do CCA no ano de 2008, sendo responsável pelas atividades do Programa de Expressão Teatral. A pesquisadora procurou, em suas atividades teatrais, integrar os sujeitos afásicos em situações lúdicas e dramáticas que exigiam a comunicação, interlocução e o uso das expressões gestuais, vocais e corporais.

EG

Fonoaudióloga, mestre em Gerontologia pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e doutora em Linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp (2011), participou dos encontros como observadora responsável pelos registros escritos das atividades ali desenvolvidas.

JM

Fonoaudióloga, doutora em Linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp (2012), participou dos encontros como observadora responsável pelos registros áudio-visuais das atividades quando estava a fazer o doutoramento.

CD

Quando participava do grupo, no ano de 2008, era aluna da pós graduação em linguística. Participou do CCA, no ano de 2008, como parte da equipe técnica, sendo observadora responsável pelo registro escrito de todas as atividades do grupo, o diário. RT entrou assumiu seu lugar em meados de 2008 para substituí-la em sua licença maternidade.

Observando os diferentes integrantes do CCA, mesmo tendo traços patológicos comuns, ou seja, todos são afásicos, esses apresentam identidades sociais diferentes em termos de idade, classe socioeconômica, escolaridade, profissão, apresentando assim uma acentuada variedade linguística, interesses culturais distintos, bem como um nível diferenciado de letramento. Em função dessas diferenças, as interações do grupo padecem de influências diretas da diversidade das identidades sociais dos integrantes. Essas diferentes identidades sociais influenciam diretamente a conversação, pois uns sujeitos falam mais e outros menos; conseqüentemente, influenciam no desenvolvimento do tópico discursivo.

No que se refere à estruturação e à configuração do CCA, devido a sua organização social e suas atividades cotidianas, esse espaço, de acordo com Mira (2012: 90), “pode ser considerado como uma comunidade de práticas, uma realidade linguístico-interacional que tem a ver com o incremento e a visibilidade de competência comunicativa de afásicos”.

Assim, seguindo a metodologia adotada por Marcuschi (1992), Fraser (2009), Jubran (2006) e Koch (1992), dentre outros, passaremos agora à exposição e à exploração do *corpus*, que terá como foco a análise das formas e das funções da

repetição na linguagem de afásicos, contemplando especificamente a repetição enquanto organizadora do tópico discursivo.

4.4. Descrição do corpus

O *corpus* desse trabalho foi organizado a partir do acervo do banco de dados do grupo de pesquisa “Cognição, Interação e Significação” (COGITES – *AphasiAcervus*), que fica localizado no IEL, Unicamp. O acervo é constituído por gravações dos encontros do CCA por meio dos recursos audiovisuais que englobam as atividades de Programa de Expressão Teatral e do Programa de Linguagem. O *corpus* desta pesquisa constitui-se de 20 encontros que foram selecionados no decorrer do ano de 2008. Os encontros abrangem os meses de fevereiro a dezembro e a seleção foi feita por mês, sendo retirado um encontro de cada mês, totalizando 21h51m transcritas.

A gravação das situações interativas em vídeo nos dá uma maior visibilidade dos aspectos verbais e não verbais relacionados aos dados. A análise dos recursos expressivos dos sujeitos afásicos permite explorar com ênfase o lugar da linguagem frente a outros processos cognitivos, bem como aos modos de significação (Morato 2011: 38).

4.4.1. Sistema de notação –*AphasiAcervus*

Os dados que compõem o *corpus* de nossa pesquisa dizem respeito a encontros gravados em vídeo com o consentimento dos participantes e transcritos pelo sistema de notação (versão 2011) designado *AphasiAcervus*, baseado nas convenções de transcrições textuais e conversacionais da língua falada (Marcuschi 1991, Jeferson 1984, Mondada 2001). Segue abaixo o sistema de notação adotado nesta pesquisa:

a) para a transcrição e identificação dos locutores ou participantes, utilizamos as iniciais do nome e do sobrenome;

- b) a transcrição é apresentada em formato de lista numerada;
- c) o texto da transcrição é apresentado em ortografia (modificada); em alguns casos, apresenta-se a transcrição fonética;

Quadro II – AphasiAcervus (2011)

OCORRÊNCIAS	NOTAÇÃO	EXEMPLOS
1. Fenômenos Sequenciais		
<i>Overlap</i> /encavalamento/superposição de turnos	[início do <i>overlap</i>] fim do <i>overlap</i>	Exemplo 1: MA é EM [hum JM [na: o num ve- n veio\ Exemplo 2: MA [é u que/ AN [é intru]so...
2. Pausas		
Qualquer pausa	...	AN é intruso... já saiu
Pausas prolongadas medidas em segundos	(4s)	MG a: nã: o (4s) a a a era-
3. Fenômenos segmentais		
Alongamento Silábico	:	MG a: p- professora num veio\ Truncamento de palavras
	-	MG a: p- professora num veio\ 4. Prosódia
Entonação crescente/ascendente	/	EM ela falou pra mim/ ... ela tem um paciente fazendo uma cirurgia\ Entonação decrescente
	\	EM ela falou pra mim/ ... ela tem um paciente fazendo uma cirurgia\

Ênfase particular	Segmento sublinhado	AD no: : ssa/ issu ai oh/ que: que é isso hein/
Volume forte de voz	Segmento em MAIÚSCULA	EM a dona ROSAUra/ MG é: :
Volume baixo, murmúrio de voz	° °	MA °num° conhece o limo°xxx xxx°
5. Descrição de ações e eventos não verbais		
Em <i>itálico</i> e entre parênteses duplos encontram-se as descrições de fenômenos e atividades não transcritos, como risos, leitura, mudança de lugar, saída da sala, conversas de fundo não transcritas, etc.	((<i>descrição</i>))	MH pra carregar trouxa\ MA ((risos)) aí tá certo
6. Incertezas do transcritor e imprecisões		
Entre parênteses, transcrição de hipótese de segmento ouvido pelo transcritor. A marcação indica incerteza do transcritor quanto ao segmento produzido.	(hipótese do que se ouviu) (hipótese 1/hipótese 2)	MA depois chegou uma mãe com uma (criança)/ MH a gente fazia (trouxa/colcha)
Segmentos inaudíveis	Indicar com x, correspondente sempre que possível, ao número de sílabas produzido	AD mas ela num xxx/ MA não xx ali hum/
7. Descrição de ações concomitantes à fala (gestos de apontar, direcionamento do olhar, postura, expressão corporal, mímica facial, etc.)		
	+delimitação da ação descrita na linha seguinte relacionada à fala	MG +balança afirmativamente a cabeça+
	---- continuação da ação	MA +a: p- professora n: um vê: : io\ MA +volta-se para JM ----- ----+
	--- > indica que a ação descrita continua até determinada linha	DA tá\ (8s) seu Valmir/ +eu quero que o senhor desenhe para mim aqui um relógio/ da +entregando uma

		folha de papel +----- ---□ DA ... *marcando oito e vinte* da *faz anotações no prontuário VM * ----- desenha----- --->
8. Marcações gráficas		
Comentários que quebram a sequência temática da exposição	--	JM Maria Éster... __dá pra... tá longe aí né/ __ Oliveira da Silva... e ela também é coordenadora
Citações literais ou leituras de texto	“ ”	EG aqui... “vimos por meio desta... desta agradecer o envio dos livros...”
Continuação do turno de fala pelo mesmo locutor após uma quebra de linha da transcrição para introduzir um <i>overlap</i> de outro interlocutor	&	MA sai da[i: : não] & IS [eu não\ to vendo/] MA &mexe aí
9. Ideofones e Interjeições¹²		
Para manifestar concordância	Hum, hmm, hm-hm, hum-hum	EM num é/ NS °hum-hum°
Fáticos	Ah/eh/éh/ahn/ehn/uh n/tá	JM °eu vi° EM AHN

Nas transcrições, utilizamos siglas para proteger as identidades dos participantes. Todos os membros do CCA assinaram um termo de consentimento para que os dados linguístico-interacionais ali produzidos possam ser gravados em vídeo e utilizados para efeitos de investigação.

¹² Parte extraída do projeto da Norma Urbana Oral Culta de São Paulo (NURC) - NURC/SP N° 338 EF e 331 D2.

4.5. Procedimentos Metodológicos

Neste tópico, apresentaremos como esta pesquisa foi delineada. Serão explicitados a seleção e o processo de captação do *corpus*, a fim de demonstrar as razões e vantagens, em sua ordem científica, que nos direcionaram a escolha e determinação dos dados aqui analisados, bem como o método de pesquisa eleito para análise. Sendo assim, faz-se necessário destacar o problema condutor deste trabalho, bem como seus objetivos.

Procuraremos operacionalizar metodologicamente um conceito de tópico discursivo baseando-nos em suas propriedades fundamentais, a centração e a organicidade – a primeira, relativa ao conteúdo, aquilo “acerca de que se fala”; a segunda, relativa à organização, ao “como se fala”, o que permite entrever a dinamicidade das formas e das funções da repetição que ocorrem no curso da interação. Tal consideração torna-se mais pertinente em razão do *corpus*, a interação entre sujeitos afásicos e não afásicos que frequentam o CCA.

Tendo em vista os objetivos desta tese, em termos gerais, analisaremos as relações de repetição enquanto condutora do tópico em situações interativas envolvendo afásicos e não afásicos, levando em conta que a atividade discursiva própria dos episódios conversacionais é o lugar por excelência do estudo da natureza pragmático-discursiva da competência relativa à linguagem. Assim, aprofundaremos longitudinalmente o estatuto da repetição no CCA, com a finalidade de conferir maiores contornos explicativos para o fenômeno, um expediente linguístico-interacional que tem integrado a semiologia neurolinguística de forma pouco consistente em termos teóricos e metodológicos.

Em termos específicos, a partir de estudos neurolinguísticos discursivos e interacionais e, partindo de um estudo preliminar sobre o estatuto da repetição nas afasias, esta pesquisa consiste em descrever as condições linguístico-interacionais propícias à emergência e à consolidação da competência pragmático-interativa em meio às práticas sociais da conversação. Desta forma, focalizaremos mais especificamente dois objetivos, articulados entre si: (i) Analisar as formas e as funções da repetição,

seguindo a metodologia adotada por Marcuschi (1992), nas interlocuções entre sujeitos não afásicos e afásicos que frequentam o CCA; e (ii) Caracterizar a emergência da repetição relacionando-a com a organização tópica do discurso.

O fato de estar presente nas interações contribuiu para a seleção e a análise dos dados, pois permitiu observar as situações de interação analisadas e ter um maior conhecimento acerca dos sujeitos e das práticas pertencentes ao grupo. Não basta trabalhar com dados surgidos da transcrição de interações orais, como salienta Marinho (2012), é fundamental uma metodologia de trabalho consistente em relação ao corpo teórico que procure integrar o pesquisador nos grupos observacionais de forma a não prejudicar a autenticidade das atividades registradas, nem tampouco apagar a indexicalidade “própria de toda atividade, incluída a de quem investiga” (Mondada 2001: 63).

Seguiremos o modelo holístico, contrapondo-se às pesquisas de caráter clínico-terapêutico que surgiram com as teorias de Wernicke (1824-1880) e de Broca (1848-1924). Os dados são teórico-analíticos, com acompanhamento longitudinal do sujeito afásico por meio das atividades de reconstrução da linguagem a partir do princípio linguístico-interacional.

4.6. Aspectos formais da repetição

Os aspectos formais da repetição são divididos em: produção (autorrepetição – intraturno e interturno; heterorrepetição – interturno); segmento (lexical, sintagmática e oracional); distribuição (contígua e próxima) e configuração (literal e com variação).

No que se refere à produção, considerando-se a relação entre os participantes (estrutura de participação), tem-se dois tipos de repetição (R): autorrepetição – em que a M (matriz) e a R são produzidas pelo mesmo falante e heterorrepetição – em que a M e a R são efetuadas por falantes distintos. Os falantes em situação de conversa estão submetidos a uma situação de troca de turnos, permitindo que a repetição seja produzida no mesmo turno (intraturno) ou em turnos diferentes (interturno). Em alguns casos, a

preferência por autorrepetições responde a uma forte motivação comunicativa na condução dos turnos na conversação (Schegloff 1977: 361-382). Na atividade de coconstrução do texto conversacional, concluir uma sentença pode significar concluir um turno e, portanto, disponibilizar a fala ao outro.

Em relação ao segmento, embora não haja um método consensual para se considerar a divisão dos segmentos repetidos, sua marca diz respeito a unidades de estrutura da língua. As marcas segmentais aqui consideradas são: lexema, sintagma e oração. Segundo Marcuschi (1992: 51), este aspecto “é um dos mais importantes porque determina a base geral da tipologia”; assim, pode-se dizer que o segmento repetido tem como marcas as unidades estruturais da língua.

As R por distribuição são usadas para marcar as posições de proximidade e de distanciamento. Para essa divisão, foram adotados os pressupostos estabelecidos por Marcuschi (1992: 52) em relação aos princípios organizacionais do texto, que postulam a linearidade linguística e a sequenciação hierárquica da estrutura informacional, relativa à organização tópica do texto.

O aspecto configuração refere-se à relação estabelecida entre uma R e sua M. Tal relação pode ser literal, idêntica ou de variação. A variação pode ser equivalente a ordem lexical ou estrutural. Também pode ocorrer uma variação relativa ao conteúdo, isto é, entre a R e a M há equivalência ou similaridade de natureza semântica. Para Marcuschi (1992: 56), a repetição literal tem “similaridade configuracional entre o elemento matriz e sua repetição”. No que tange à repetição com variação, esta refere-se à “variação lexical, com acréscimo ou com eliminação sem variação morfológica”. (cf. Quadro III).

Quadro III – Aspectos formais da repetição

Aspecto	Marca
Produção	Autorrepetição turno Intraturno Interturno Heterorrepetição Interturno
Segmento	Lexical Sintagmática Oracional
Distribuição	Contígua Próxima Distante
Configuração	Literal Com variação

4.7. Aspectos funcionais da repetição

Quando se busca fazer um levantamento das funções da repetição, segundo Koch (1994: 155), precisamos ter em mente que este mecanismo apresenta múltiplas funções potenciais e que tais funções não são excludentes, de modo que a classificação a que se chega é feita em termos de predominância relativa a uma das propriedades ou ao grau mais elevado. Marcuschi (1992) apresenta uma tipologia de funções baseada em fatores textuais (funções constitutivas do texto) e discursivos (funções de caráter pragmático e interacional). Nas funções textuais, a R pode realizar funções de coesão (referencial e sequencial); de formulação (Correção, Expansão e Hesitação); de compreensão

(Intensificação, Reforço e Esclarecimento); e de argumentação (Reafirmação, Contraste e Contestação); de interação (Incorporação e Responsividade).

Quanto ao processo de coesão referencial, dois elementos se repetem referencialmente quando têm o mesmo referente, seja este um objeto, um indivíduo, um fato ou um conteúdo proposicional. A R com função coesiva referencial opera no sentido de confirmação do referente.

A coesão sequencial diz respeito a uma relação textual em que o aspecto referencial é pressuposto e, portanto, não há necessidade de ser focalizado. A sequenciação é estabelecida pela conjectura de preservação dos referentes; pela manutenção do mesmo nível informacional e comunicativo quanto à cadeia tópica; pela produção de conectividade com base em relações lógicas; pela preservação da prosódia como identificadora e delimitadora de unidades. Assim, pode-se dizer que a coesão é uma condição para a assunção da coerência, desde que estejam interagindo colaborativamente (Marcuschi 2006: 17).

A função de formulação está relacionada às estratégias utilizadas pelo falante para dar suas contribuições. Uma das maneiras de formular é reformular, como, por exemplo, no caso das correções e das reconstruções (Marcuschi 1996).

A correção é um procedimento que na maioria das vezes acarreta uma repetição do mesmo segmento com alguma modificação. De acordo com Tannen (1987a: 622), o sentimento de familiaridade é um dos efeitos de conversações ricas em correção. Corrigir é fazer passar, entre outras, uma “metamensagem de envolvimento pessoal”. Para Marcuschi (1986), a correção funciona como um processo de edição conversacional que contribui para organizar a conversação localmente.

A expansão dá-se entre segmentos repetidos contiguamente duas ou mais vezes, até que o evento o comunicativo seja concluído, ocorre, na maioria das vezes, como autorrepetição:

A modalidade de expansão mais frequente é representada pelas diversas formas de explicitação. Esse predomínio é devido ao fato de ser ela a que permite – de forma mais direta – a criação de um espaço comum partilhado pelos interlocutores. Usando-se uma imagem concreta, pode-se admitir que a explicitação corresponde ao desembulhar de um pacote, e isso permite colocar em evidência as características de um ser, os desdobramentos de um conceito ou as particularidades de um fato. Essa evidência ilumina o tópico e permite inseri-lo no conhecimento prévio de cada interlocutor e no contexto partilhado que se cria no momento da interação verbal. (Galembeck 2013: 99)

A função de hesitação dá-se quando o sujeito repete seguidas vezes o mesmo evento comunicativo seja para ganhar tempo, seja pela dificuldade de encontrar a palavra certa, seja pelo problema patológico, o que, de acordo com Marcuschi (1999: 163), “são estratégias adotadas pelos falantes para resolverem os problemas que surgem devido ao processamento *on line* de formas e conteúdos”. Isso não quer dizer que a hesitação seja uma característica deste ou daquele falante, mas sim um fenômeno característico do processamento textual.

De acordo com (Marcuschi 1992: 129), a função de compreensão está ligada “à facilitação da tarefa do ouvinte na compreensão”. Uma das marcas do processo de compreensão é a intensificação, que se enquadra nos quesitos de contiguidade/proximidade, da identidade referencial e da autorrepetição. Já a compreensão por reforço busca melhorar, reforçar o que foi dito, opera como um marcador de saliência sem trazer ideias novas, visando melhorar a compreensão do que foi dito. No que se refere à repetição por esclarecimento, esta serve como comentários ou metacomentários. Para Tannen (1989: 35), há uma maior explicitude no que foi dito.

Quanto à função de argumentação, de presença constante na fala, de acordo com Marcuschi (1992: 145), tem afinidades com as outras, mas apresenta características próprias. Seu traço fundamental é produzir uma repetição que funciona como matriz e opera como uma assertiva no processo de argumentação em andamento. A função de argumentação manifesta-se em três funções: reafirmação, contraste e contestação.

A função de reafirmação pode ocorrer mais de uma vez nas interações em que ela aparece. É comum que um interactante se autorrepita várias vezes e só pare quando obtiver uma heterorrepetição por parte do interlocutor, confirmando seu argumento.

Repetição por contraste opera com a argumentação em favor de uma oposição entre assertivas calcadas na mesma estrutura. Uma das categorias da argumentação por contraste é a transformação de uma assertiva em uma indagativa e vice-versa.

Outra função é a repetição por contestação, que serve para o interlocutor declarar sua discordância, contradizendo seu interlocutor e quase sempre acontece como uma heterorrepetição, embora não se excluam alguns casos com autorrepetição.

A função por interação, para Marcuschi (1992: 152), é responsável pelo envolvimento na interação, diz respeito a repetições que servem tanto à produção quanto à compreensão, manifestando-se, preferencialmente, com a função de incorporação e responsividade.

A repetição com a função de incorporação opera quando a matriz proposta por um interlocutor for aprovada e incorporada na fala do outro, caracterizando-se como a realização de uma heterorrepetição. Um momento propício para o surgimento da repetição por incorporação é a hesitação. A ausência da incorporação pode ser um indício de distanciamento entre os falantes ou de caracterização por formalidade.

A repetição responsiva é definida a partir das reflexões de Norrick (1987: 225), relatando pares adjacentes, ou seja, pergunta-resposta, que são norteadoras das heterorrepetições. Estas repetições costumam acontecer em situação de interação em que há retomadas parciais ou totais de pergunta na resposta, quando o falante pergunta, e o interlocutor responde (cf. Quadro IV).

Quadro IV – Aspectos funcionais da repetição

Processo	Função
Coesão	Sequenciação Referenciação
Formulação	Correção Expansão Hesitação
Compreensão	Intensificação Reforço Esclarecimento
Argumentação	Reafirmação Contraste Contestação
Interação	Incorporação Responsividade

Na conjuntura dessas ponderações, procuraremos destacar aqui o ponto de vista que privilegia as formas e funções da repetição enquanto organizadora do tópico em contextos textuais interativos. A seguir, serão expostos alguns recortes dos dados para melhor exemplificar este estudo no contexto das afasias, conferindo assim um contorno explicativo para o fenômeno da repetição na linguagem de afásicos.

Capítulo 5 – Análise dos dados

5.1. Enquadre interativo do corpus – discussão sobre a festa de final de ano do CCA

Sujeitos afásicos presentes: SI, NS, VM, EC, MG, MN (sexo feminino); MS, LM, SP (sexo masculino).

Sujeitos não afásicos: EM, HM, JM, ES, GM, JM (sexo feminino)

Tempo de duração: 01h58min

No encontro do dia 04 de dezembro de 2008, o tema principal foi a festa de final de ano, tema de interesse de todos os integrantes do CCA. Nessa festa de confraternização, os integrantes iriam participar do amigo secreto, ou seja, da troca de presentes entre os sujeitos. Alguns dias antes da festa foram colocados dentro de uma cesta os nomes de todos os sujeitos em papéis dobrados; quando cada um retirou o seu papel com o nome de seu amigo (a) secreto (a), não podendo se esquecer de que o nome retirado deveria ser mantido em sigilo.

Durante os preparativos, os amigos foram deixando bilhetes para seus respectivos amigos fazendo sugestões de presentes e alguns até deixaram presentes antecipados.

Nesse encontro, os integrantes iniciaram a rotina de atividades de linguagem com o posicionamento de cada um sobre os festejos de final de ano. Ao chegarem, sentaram-se nas cadeiras até que todos chegassem; enquanto isso, GM preparava o café. NS, ao sentar-se junto aos colegas, foi logo pedindo a HM para ajudá-la a escrever o bilhete. O tema bilhete era de conhecimento de todos; dessa forma, iniciou-se o engajamento do grupo na conversação. Ao mesmo tempo em que a afásica NS pediu ajuda ao colega, ela já instaurou o tópico da interação, que demandava um posicionamento dos integrantes a respeito da questão.

Instaurou-se nesse encontro o tópico principal – “despedida do ano de 2008” – e o tópico secundário – os presentes que cada uma queria ganhar. Embora todos

participassem do tópico principal, ocorreram conversas paralelas, que, conforme salienta Marchuschi (1986: 81), são um movimento comum na conversação. Registrou-se também a ocorrência de participações de um dos pares em mais de uma conversa, bem como conversas simultâneas (veja-se o Anexo I para ter acesso ao dado completo).

Dado 1

Sujeitos afásicos presentes: EC, NS (sexo feminino); MS, LM (sexo masculino).

Sujeito não afásico: HM (sexo feminino)

1 MS: ((canta)) larararaa

2 NS: psiu +pedindo para HM ajudá-la a escrever o bilhete+

3 MS: minino rosa +volta-se para VM+

4 EC: +volta-se para HM **+** **a lê cartinha assim... le**

5 carxinha...caxinha

6 HM: há é exatamente

7 LM: a ta

8 EC: **colocou?**

9 LM: +balança afirmativamente a cabeça+

10 EC: **/colocou/** O: lha

Analisando a interação, verifica-se que na L2 ocorre a introdução do tópico que foi realizado por NS – “psiu +pedindo para HM ajudá-la a escrever a cartinha para o amigo secreto”. Na L3, MS tenta quebrar a sequencialidade tópica, mas é ignorado “mi-ni-no rosa”. Logo em seguida, na L4, EC participa da sequencialidade tópica perguntando se LM colocou a cartinha para seu amigo secreto “a lê cartinha assim... le carxinha...caxinha”. LM, na L9, responsivamente, participa da interação balançando afirmativamente a cabeça para dizer que colocou o bilhete.

É importante ressaltar que a repetição das palavras “cartinha, carxinha...caxinha” contribuíram para a manutenção do tópico em andamento, nesse caso o amigo secreto. Assim, pode-se dizer que temos aqui uma repetição lexical,

próxima, com variação, com a função de corrigir o léxico reforçando que o bilhete deveria ser colocado na caixinha. Já a repetição lexical dos itens – “*colocou?*, /*colocou*/”, em se tratando das marcas formais é uma autorrepetição, próxima, literal com a função de interação por responsividade.

Dado 2

Sujeitos afásicos presentes: NS, EC (sexo feminino)

Sujeitos não afásicos: HM, JM, ES (sexo feminino)

- 11 HM: psssssssssssssssiu
- 12 NS: ai que susto
- 13 HM: oh... o MS envem¹³ lá... o MS vai escrever lá
- 14 EC: vai MS... vai MS
- 15 HM: vamo MS...
- 16 EC: MS
- 17 HM: tem que pôr um bilhete
- 18 EC: é verdade
- 19 HM: eu não pus ai um bilhete... então também coitadinha aí
- 20 da minha amiga não vai receber nenhum... sinto muito... eu
- 21 \esqueci\
- 22 EC: +volta-se para HM+ Ah ah ah legal
- 23 HM: a cara dela
- 24 EC: o: o le triste
- 25 HM: porque?
- 26 EC: o le triste EC
- 27 HM: porque tá triste

¹³ O dado foi transcrito mantendo as peculiaridades da fala de cada sujeito. “Envem” significa “está vindo”, “está chegando”.

- 28 EC: o le triste EC
- 29 HM: porquê?
- 30 EC: le brinca le brinca uai
- 31 HM: eh brinca agora assim... tem gente que fica trazendo
- 32 presente já antecipado
- 33 EC: verdade eh auai, eh eh
- 34 HM: ah que coisa
- 35 JM: são só para as pessoas especiais
- 36 EC: e verdade eh eh Le deu presente a você le deu EC
- 37 NS: ah: : : ra
- 38 HM: hoje você lembrou JM de trazer bilhete?
- 39 JM: não
- 40 HM: você lembrou ES de fazer o bilhete
- 41 ES: esqueci também
- 42 EC: ah ahha le casa... ah le casa
- 43 HM: oh nenhum dos nossos amigos vai receber... tá vendo
- 44 EC: vi: : : xe
- 45 JM: eu também
- 46 EC: ah: ah: meu Deus
- 47 ES: eu não achei aí a lista de presente
- 48 HM: ah mas é que não tem de todo mundo... não foi todo
- 49 mundo que escreveu
- 50 NS: nossa... esqueci memo
- 51 EC: ah: ah:
- 52 NS: não dá não
- 53 [[°xxxxxxx° +falando todos ao mesmo tempo+
- 54 HM: uai escreva um bilhete pro amigo secreto...seu amigo
- 55 secreto... isso você pode escrever... você põe o nome do
- 56 seu amigo secreto... só que ele não vai saber que é você

57 que está escrevendo... você fala... por exemplo... pra
58 mim... HM ...

Dando sequencialidade ao subtópico que predomina, isto é, “amigo secreto”, HM na L17 ressalta que todos devem deixar um bilhete ao seu amigo. Na L19, HM continua reafirmando que todos devem escrever um bilhete para o amigo; nesse bilhete, deverá sugerir o presente que gostaria de ganhar. Neste segmento a repetição do item bilhete é um exemplo do emprego da repetição na instauração da centração tópica, pois sua presença constante funciona para a manutenção e condução do tópico discursivo em foco. Neste caso, o bilhete para o amigo secreto.

Dado 3

Sujeitos afásicos presentes: EC, VM, NS (sexo feminino); LM (sexo masculino)

Sujeitos não afásicos: JM, HM, ES, GM (sexo feminino)

60 JM: [**nossa...cabelo bonito**+olhando para NS+

61 NS: [[sapassado¹⁴ aí °xxxxxxx°

62 HM: que que você gostaria...o que que você gostaria de
63 ganhar...né? liga o que você gostaria de ganhar... ai eu
64 vou escrever... para o amigo secreto de HM... ai dai ele
65 respondo por exemplo... entendeu?

66 ES: [[é o jeito

67 HM: **LM escreve assim... eu LM quero ganhar** ((risos)) /**um**

68 carro/

69 EC: ((risos))

70 HM: ele escreveu a semana passada...

71 EC: Verdade?

¹⁴ Significa “sábado passado”.

- 72 HM: não foi LM?... não é assim... que a gente tem que
73 brincar...brincadeira?
74 NS: é brincadeira
75 EC: é: : tem brincar
76 HM: não... é isso ai... é assim não é...olha quem
77 quiseracafé... eu fiz café
78 NS: nossa... gostoso café
79 MS: ma: ra: vilha
80 EC: gostoso
81 NS: tá gostoso café viu
82 HM: alô oi [[Cris... HM tu: : do bem...quero saber
83 notícia...se vem se não vem((falando ao telefone))
84 EC: [[+volta-se para VM+toma café le puro °xxx°
85VM: [[pingado...
86 NS: pingado é... pingado
87 HM: +HM sai falando ao telefone+
88 NS: nossa gostoso café é... hoje tem cinema...eu não sei
89 eu to pensando em (Rober)...(Rober) tá no hospital
90 MS: a é... o: : : que tem
91 NS: então... a cabeça e as costa
92LM: + volta-se para NS+ o que é
93 NS: não...então... direto... as costa direto
94 EC: ((dá a xícara de café a VM))
95 VM: brigada
96 MS: u: : h muito bem
97 NS: ai ai eu um cordei Roberto cordô [[num trabaiá não
98 vôtrabaiá não vo no hospitalai eu falei vô Unicamp não
99 tamem né ele não vai na Unicamp vô sozinho ai eu falei
100 cê que sabe to pensando né °xxx°
101 EC: [[chá colherzinha

- 102 MS: [[não não
- 103 LM: + volta-se para NS+ °xxxxxxxx°
- 104 NS: então as costa direto... direto... direto as
- 105 costar já passou médico... remédio... miora... depois
- 106 vorta...vorta
- 107 HM: +entrando na sala+ [[o pessoal da prefeitura não
- 108 vai poder vir
- 109 NS: [[e agora é...
- 110 EC: não vai poder vir
- 111 HM: não
- 112 NS: ah tá é + fazendo sinal de zigue zague sobre a
- 113 mesa+
- 114 EC ((risos)) é é é ...nossa
- 115 HM: é que pena
- 116 LM: +volta-se para NS+ °xxxxxxxxxxxxx°
- 117 NS: na: não eu chego em minha casa três três e poquim
- 118 EC: você é: : /bonito/ +passando a mão no cabelo+
- 119 NS: cortá
- 120 EC: chapinha
- 121 EC: [[iiiiii: : :
- 122 NS: haram +mexendo no cabelo+ [[e amanhã sim... outro
- 123 amanhã... a Sônia vai cabar acabar
- 124 EC: nossa meu Deus heim
- 125 NS: é minha fia a Sônia
- 126 EC: éééé::::
- 127 NS: escuta a Sônia a menina falou assim NS bonito
- 128 demais...Roberto...Roberto o: : Che...nossa...cabelo
- 129 bonito aRejane... ééé... hoje no ponto...olha assim
- 130 sabe... a Vânia a Vânia é prima né... NS não conheci

- 131 você NS... o cabelo... eu falei vixe maria... a Sônia
132 falô vô cortar... vou cortar assim curtim... /não...
133 não/ voucortar... então vô embora... não é brincadeira
134 EC: tiara
135 JM: tem café?
136 EC: tiara... ai+indo em direção da NS+
137 NS: tem tiara... um monte
138 EC: nossa... oia +olhando a tiara+
139 NS: o quê
140 EC: nada nada nada nada nossa le cor aqui ó+ apontado
141 algo sobre a mesa+
142 HM: [[°xxxxxxxxxx°
143 GM: °xxxxx° +lavando as louças+
144 NS: Sônia gostô...nossa...nossa segunda terça...a
145 Sônia...nossa NS Sônia... senhora...que lindo... eu
146 falei... é caro mas a Sônia compensa...nossa
147 Sônia...nossa Sônia eu falei assim eu num gosto num
148 gosto o cabelo curto parece que é nova... o cabelo
149 grande parece que é veia
150 JM: é veia... mais veia +olhando para EC+
151 NS: é: :
152 ES: ai depende se vê de frente se vê atrás ((risos))
153 NS: então eu vi eu vejo no espeio espelho
154 ES: hum
155 NS: o cabelo grande se parece que é veia
156 JM: \mais velha né\
157 NS: mais
158 ES: to precisando cortar o meu muito grande o meu
159 NS: muita...muita[[gente gosta de cabelo

- 160 EC: [[pinta né
161 ES: [[o meu já é escuro só pra retocar
162 JM: [[o meu não presta curto muito cheio
163 NS: [[meu também cheio
164 JM: [[se cortar...
165 NS: [[cheio

Na L60, JM faz um comentário sobre o cabelo de NS, “nossa...cabelo bonito”. Há, nesse momento, uma tentativa de mudança de tópico, mas HM não permite, continua falando sobre o tópico principal “bilhete”. HM, na L97-98, relata o que LM pediu na semana anterior para o seu amigo secreto, um carro. Em seguida, menciona que é uma brincadeira e NS, por meio de uma interação responsiva, repete a palavra brincadeira, que é reforçada por em EC “tem brincá”.

Na L77, ocorre a primeira mudança de tópico: os interactantes estavam falando sobre o amigo secreto e passam a falar sobre o café. HM pergunta “olha quem quiser café... eu fiz café”. O item lexical “Café” é repetido várias vezes, dando sequência ao tópico discursivo “café”.

Na L97, NS introduz um novo tópico, “Marido de NS”, dizendo que está preocupada com o marido, explica aos colegas como aconteceu que R foi parar no hospital – “ai ai eu um cordei Roberto cordô [[num trabaiá não vô trabaiá não vo no hospital ai eu falei vô Unicamp não vô tamem né ele... não... vai na Unicamp vô sozinho ai eu falei cê que sabe to pensando né °xxx°”. NS esclarece o assunto, não perdendo o foco “marido internado”, tópico principal. Há, nesse momento, uma sobreposição de vozes na L97; NS continua, na L104-106, esclarecendo sobre os problemas do marido – “então as costa **direto... direto... direto** as costa R já passou médico... remédio... mióra... depois vorta...vorta”. Pode-se perceber que, na explicação de NS, ela utiliza uma repetição lexical de compreensão por intensificação “direto...direto...direto...”.

Passando para a L107, HM retorna da ligação, entra na sala e diz – “o pessoal da prefeitura não vai poder vir”. Eram pessoas que iriam participar do grupo. Há aqui a inserção de um novo tópico, que é mantido por EC quando ela se inteira do assunto fazendo uma contestação, dizendo, na L110, “não vai poder vir”. HM, na L111, reafirma que não viria.

Na L118, EC reintroduz o tópico “cabelo”; olha para NS e diz – “você é: : +passando a mão no cabelo+”; posteriormente, NS responde: “cortá”, e, na L120, EC pergunta se é “chapinha”. Na L217-133, NS explica que o seu cabelo fez muito sucesso – “escuta a Sônia a menina falou assim NS bonito demais... Roberto...Roberto o: : Che...nossa **cabelo** bonito a Rejane... ééé... hoje no ponto...olha assim sabe... a Vânia a Vânia é prima né... NS não conheci você NS... o cabelo... eu falei vixe maria... a Sônia falô vô **cortar**... vou **cortar** assim curtim... /não... não/ vou **cortar**... então vô embora... não é brincadeira”. Observa-se nesse segmento que NS conta para o grupo que a sua filha, o seu marido e a sua prima também gostaram do seu cabelo. Dando ênfase às estratégias de repetição, NS utiliza, nesse contexto, a repetição lexical, dando sequencialidade ao tema mencionado.

EC, na L134, introduz o subtópico “tiara”. Tratamos de subtópico por fazer parte do tópico cabelo. EC pergunta sobre a “tiara” e, na L135, repete – “tiara... ai”, esclarecendo a NS sobre o que ela está falando. NS, na L137, incorpora reforçando a fala de EC, dizendo – “aqui oh...lá em casa tem... tem tiara... um monte”.

NS, na L144, retoma ao tópico principal “cabelo”, ressalta a ótima cabeleireira que tem – “**Sônia** gostô...nossa...nossa segunda terça...a **Sônia**...nossa NS **Sônia**... senhora...que lindo... eu falei... é caro mas a **Sônia** compensa...nossa **Sônia**...nossa **Sônia** eu falei assim eu num gosto num gosto o cabelo curto parece que é nova... o cabelo grande parece que é veia”. Nesse processo interacional, NS utiliza-se da repetição por referenciação anafórica, dando coesão ao texto.

Na L147, NS ressalta que não gosta de cabelo grande: “o cabelo curto parece que é nova... o cabelo grande parece que é veia”. Há uma intervenção de ES, que menciona que “ai depende se vê de frente se vê atrás ((risos))”, mas NS reafirma – “o cabelo grande se parece que é veia”.

Na L160, EC pergunta a ES se ela pinta o cabelo – “[pinta né”, e na L161 ES esclarece que ela pinta o cabelo só para retocar, pois o seu cabelo já é escuro – “[o meu já é escuro só pra retocar”.

Dado 4

Sujeitos afásicos presentes: EC, MG, NS (sexo feminino).

Sujeito não afásico: JM (sexo feminino)

- 166 EC: chegou hein eu falava você sumiu heim+ falando com MG tinha
167 chegado+ ((risos)) /presente Evandra/
168 MG: é
169 EC: que ah + abrindo o presente+
170 MG: é
171 EC: brigada
172 JM: presente é só na próxima semana
173 EC: é verdade verdade
174 ES: +volta=se para MG+ bom dia
175 MG: café...
176 EC: uh uh uh...
177 JM: olha
178 ES: bom dia
179 MG: +vira-se para ES+bom dia... por acaso eu quê café
180 NS: ((risos))
181 ES: sem açúcar... sem nada sem
182 EC: hum aqui + referindo-se ao presente que recebeu+
183 NS: +volta-se para MG+é puro ele... é puro ai: :
184 MG: é
185 NS: ave Maria
186 NS: de de
187 EC: de qual a é cidade+olhando as fotos que MG trouxe para
188 mostrar ao grupo+
189 NS: depois eu quero vê
190 MG: A: alemanha
191 EC: /ho: : : No: : ssa/
192 MS: Germiny
193 JM: iichii
194 NS: esse aqui +mostrando uma foto par MG+
195 MG: a minha mãe
196 NS: é: : :
197 EC: a lê mãe... Frevandra
198 NS: há: : nossa
199 JM: há: :
200 ES: há: :

201 NS: German
202 NS: e essa aqui na não eu sei irmã +mostrando a foto+
203 EC: Alemanha
204 NS: essa aqui
205 EC: [/Meu Deus/ que isso[mais que isso] + mostrando a
206 foto para MS+
207 MG: [Londres
208 EC: não é ma... nossa senhora
209 MG: mamãe shi: : : + faz gesto que já morreu+
210 NS: meu Deus
211 NS: morreu
212 MG: morreu ((risos))
213 NS: mas qual essa aqui
214 MG: morreu
215 EC: linda veja: : :
216 MG: é: : :
217 MS: ((risos))
218 NS: esse aqui +mostrando a foto+
219 MG: ah é min-ha sobrinha
220 NS: subrinha
221 MG: é
222 EC: o sauru +mostra a foto a MG+
223 MG: é
224 EC: \meu Deus MS\ + tom de voz baixo+
225 NS é você oh + mostra foto a MG+
226 MG: é
227 JM: essa + apontando para a foto+
228 MG: é... é... não num é essa aqui
229 JM: Bom dia dona Natália
230 MS: /bom dia/... bom dia... ma: ravelha
231 MG: a um: : la +tenta explicar+
232 MN: [+cumprimenta todos+
233 NS: [agora cê °xx° né? +mostrando a foto+essa aqui não
234 agora cê °xx° né... tá aqui o corpo né
235 MN: [[oi °xxx°

- 236 JM: [[só dia 15
237 MG: é: : ((risos))
238 MS: [((risos))
239 NS: mas tá bom... né...ta bom né... graças a Deus...cê
240 EC: [nossa hein chique heim
241 JM: friu né
242 EC: friu tudo ai heim nossa heim
243 MG: ((risos))
244 LM: bom dia
245 MN: bom dia
246 LM: então tá bão
247 NS: é você +mostra a foto+
248 MG: osno
249 JM: osno!
250 MG: é
251 MS: dottor Niega
252 NS: é então você não é muié¹⁵
253 MG: não...eu
254 NS: você então é você ah...**eita**¹⁶ **simpática** ((risos))
255 **simpática**... velhos tempo né
256 EC: Le °xx° Le filho
257 MG: não
258 EC: não né
259 MG: não dô oh +faz gesto com a mão no olho+ ((risos))
260 NS: é você né... só que num tem num tem o: a a cabeça
261 MS: ((risos))
262 NS: aqui MS num tem a cabeça +mostrando a foto para MS+
263 ((risos))
264 LM: ((risos))
265 MS: ((risos))
266 NS: ((risos))
267 MS: cor: tou a ca: beça ((risos))
268 EC: ai meu Deus [[que isto raspei ah meu Deus e aí

¹⁵ Corresponde a “mulher”.

¹⁶ Esta expressão significa “Opa! Como é simpática”.

- 269 +mostrando a foto para MG+
- 270 NS: [[meu Deus do céu
- 271 EC: meu Deus MS olha que lindo heim ferjão¹⁷ heim tudo ai
- 272 heim hum: : : bonito heim °xxx°+mostra a foto para MS+
- 273 EC: legal heim aqui MS
- 274 SP: +chega cantando e coloca algo na caixa+ no na na na na não
- 275 nan...
- 276 NS: ah: : cê que vê + passando a foto para EC+
- 277 NS: depois cê vê tá +falando com EC+

¹⁷ Significa “feijão”

Na L166, ocorre uma falsa digressão, já que a conversa se dava durante um lanche e havia alguns integrantes que não haviam chegado – “chegou hein eu falava você sumiu heim + falando com MG que tinha chegado+((risos)) /presente Evandra/”. Porém, na L172, JM retoma o tópico principal mencionando que “presente é só na próxima semana”. A reintrodução tópica se desenvolve normalmente, pois o foco da interação é o jogo do amigo secreto.

Reintroduzindo o tópico café, sabe-se que esse tópico sempre será foco, pois a interação ocorreu no momento do café, pausa entre as atividades de conversação e de teatro. MG, na L175, pede café e, na L179, repete reforçando que – “bom dia... por acaso eu quê café”. ES atende ao pedido de MG e pergunta “sem açúcar... sem nada sem”, NS na L183 contesta esclarecendo se – “+é puro ele... é puro ai: : ”, MG na L184, por meio da interação por responsividade confirma que é puro – “é” .

Há mais uma vez a introdução de um novo tópico: todos falam das fotos que MG trouxe para mostrar ao grupo. NS, na L186, inicia a mudança com uma hesitação (“de de”), na L187, EC completa incorporando a fala de NS – “de qual é a cidade”. MG, na L190, responde – “A: Alemanha” e, na 192, MS esclarece “Germiny” e, na L201, NS reforça: “Germam”; na L203, EC reforça: “Alemanha”. Dando prosseguimento ao tópico, EC, na L205, pergunta admirada – “[/Meu Deus/ que isso...mais que isso]”. MG responde que é a sua – “mamãe shi: : : ”; NS, na L211, pergunta: “morreu”; MG, na L212, confirma: “morreu”; na L214, reforça: “morreu”. O tópico continua por algum tempo, tendo com subtópico a foto da sobrinha de MG, na L219 MG identifica – “ah é min-ha subrinha”, e, na L220, NS reforça – “subrinha”. NS continua vendo as fotos e ressalta que a foto de MG está bonita – “você então é você ah... eita simpática ((risos)) simpática... velhos tempo né”, repete a palavra “simpática” dizendo sobre a beleza de MG naqueles tempos. Neste caso, as repetições estabelecem uma relação para a continuidade tópica, pois toda interação está relacionada ao tópico fotografia.

Dado 5

Sujeitos afásicos presentes: MN, MG, NS, SI (sexo feminino).

Sujeito não afásico: JM (sexo feminino)

- 278 MG: ah: : é +olhando para SI e passando a mão na cabeça+
- 279 NS: oi SI cabelo
- 280 MG: isso
- 281 SI: ((*chega e coloca o chapéu e uma sacola sobre a mesa*))
- 282 NS: cortô né SI... isso... tá... depois eu
- 283 SI: °xxx°
- 284 MN: +coloca o chapéu de SI na cabeça+
- 285 SI: +cumprimenta LM+
- 286 NS: [[ah é: : ieu oi SI
- 287 SP: [[oi +cumprimenta JM+
- 288 NS: [[ei SI cê cortô o cabelo né: : ai tá veno¹⁸... bonito...
- 289 vô pintá tamem cabelo... num gosto de preto preto...castanho...
- 290 já
- 291 SI: [[°xxxx°
- 292 EC: [[no: : : ssa +olhando fotos com MG e MS+
- 293 NS: [[ah tá
- 294 JM: Bom dia SI... tudo bom... cortou o cabelo?
- 295 NS: eh...pintou também
- 296 JM: pintou... todo mundo... essa foi a semana do cabelo né
- 297 NS: é
- 298 JM: NS [também
- 299 NS: [tamém fia chovê é: : é: quinze não...chovê... é:
- 300 treze... é: : casamento
- 301 JM: ah: : :
- 302 JM: [olha ai...Dudu tamém cortou o cabelo...oh tô dizendo que
- 303 foi a semana do cabelo
- 304 NS: [pertinho da minha casa
- 305 EC: oia cortô cabelo ih: : : nossa
- 306 NS: +volta-se para EM+ óia a SI cortô tamém... eu tamém
- 307 cortei tamém óh
- 308 EM: ficou legal... nossa você ficou com um cabelão eu to
- 309 achando
- 310 EC: /é: : /
- 311 EM: fez aquela progressiva definitiva

¹⁸ Esta expressão significa “vendo”

- 312 NS: amanhã... amanhã
- 313 EM: cê lembra que a gente falou °xx° daquela definitiva
- 314 aqui... lembra? Você já °xxx° sobre formol... foi barra
- 315 pesada lembra? A gente falava sobre o produto
- 316 NS: há to esqueci
- 317 EM: é a gente conversou aqui... lembra MG? que a gente
- 318 falou que ia formol...alguém falou
- 319 EC: ((risos))
- 320 EM: daquela escova que é superdefinitiva
- 321 NS: isto
- 322 EM: lembra disso?
- 323 NS: acho que sim... é amanhã... mas a Sônia vai é
- 324 EM: ai vem a quantidade que...
- 325 NS: é amanhã... manhã Sônia vai coisar... agora lisinho...
- 326 lisinho...lisinho
- 327 EM: seu SP também tá louco pra deixar bem lisinho...não
- 328 todos os dois +apontando para MS+ um lisinho aqui
- 329 SP: aha ((todos risos))
- 330 MS: outro lisinho lá((risos))

Nesse contexto interacional, ocorre a retomada de um tópico que tinha começado a se desenvolver, anteriormente – neste caso, o tópico é “cabelo”. MG, na L278, diz “ah: : é +olhando para SI passando a mão na cabeça dela+”; NS, na L279, complementa, ajudando MG, dizendo “oi SI cabelo” e, na L282, reafirma: “**cortô** né SI... isso”, “**cortô** né SI isso... tá... depois eu”. Dando continuidade ao tópico ‘cabelo’, NS, na L288, afirma “ei SI cê **cortô o cabelo** né: : ai tá veno... bunito... vô pintá tamem **cabelo**... num gosto de preto preto... castanho... já”.

Dando continuidade ao tópico “cabelo”, JM, na L301, ressalta “olha ai...Dudu também cortou o **cabelo**...oh tô dizendo que foi a semana do cabelo”; EC, na L304, reforça “oia cortô **cabelo** ih: : : nossa”. No desenrolar do tópico EM, L312, lembra a NS sobre a escova feita com formol “cê lembra que a gente falou °xx° daquela definitiva aqui... lembra? Você já °xxx° sobre formol... foi barra pesada lembra? A gente falava sobre o produto”. Mais adiante ela reforça que agora vai ficar bem liso – “é amanhã... manhã Sônia vai coisar... agora **lisinho**... **lisinho**...**lisinho**. Ocorre aqui uma repetição por intensificação: EM, na L326, diz “seu SP também tá louco pra deixar bem **lisinho**...não todos os dois +apontando para MS+ **um lisinho aqui**+”; MS, na L329, ressalta responsivamente: “**outro lisinho lá** ((todos risos)).

Dado 6

Sujeitos afásicos presentes: EC, NS, SI (sexo feminino); MS, SP (sexo masculino)

Sujeitos não afásicos: HM, EM, JM, ES (sexo feminino)

- 330 HM: o bilhete o MS viu o bilhete... lê... lê o bilhete
- 331 MS: é: : : :
- 332 HM: amigo
- 333 MS: isso... amigo sei que [você tem um um CD
- 334 HM: [gosta de...
- 335 EM: ele tá perguntando qual?
- 336 MS: não é: : : : ma: ravelha
- 337 EC: CD?
- 338 MS: é: : mais...
- 339 HM: mais
- 340 MS er: tanejo¹⁹... não
- 341 EM: qualquer CD
- 342 MS: /não NÃO/ ((risos))
- 343 HM: qual...mas qual... dá uma ideia de algum artista
- 344 EM: qualquer CD... menos de música sertaneja
- 345 HM: por exemplo
- 346 MS: o: pera
- 347 EC: é: : nossa mui bom le ópera
- 348 MS: Clássicos
- 349 HM: música clássica
- 350 MS: MPB
- 351 HM: MPB
- 352 EM: mas sertaneja não né
- 353 JM: Zezé de Camargo e Luciano
- 354 EC: ((risos))
- 355 MS a: : : : +coloca a mão no nariz sinalizando que não gosta+
- 356 EM: mas tem a democracia... o LM já gosta...NS gosta
- 357 também

¹⁹ MS está se referindo à música sertaneja

- 358 NS: a: : eu gosto
359 EM: gosta MG... de sertanejo
360 MG: +balança negativamente a cabeça+
361 EM: e você EC?
362 EC: gosta... gosta aqui ah ah... +faz sinal no nariz como fez o
363 MS+
364 MS: CD... sertanejo +volta-se para SP+
365 EM: gostaria de ganhar um CD de música sertaneja +volta-se para
366 SP+
367 HM: pode entrar +alguém entrando pela porta+
368 EM: claro...pode
369 SI: °xxxx°
370 EM: mas o senhor gostaria de ganhar ou não... ou prefere música
371 clássica
372 SP: [° xxx°
373 HM: [dá para sua mãe levar + entregando alguns jornais a
374 VM+
375 NS: [nossa senhora...limpano²⁰ oh +conversando com MG+
376 JM: [° xxxxxx° +conversa com EM+
377 EM: [ahm...
378 EC: [o: : : ia Le bom
379 HM juntar as coisas pro café +falando com NS+
380 MS: eu te falei do CD que eu ganhei lá no...gostô dele...é
381 legal né +conversando com a JM+
382 EM: agora...
383 MS: JM...é: : JM ser: : tanejo ou...
384 JM: não gosto não de sertanejo... prefiro MPB
385 EM: farró +olhando para MS+
386 MS: isso
387 JM: farró... eu gosto de farró
388 MS: clássica não
389 JM: gosto de música clássica
390 EM: clássica... farró... MPB
391 HM: café... se não não vai dar tempo

²⁰ Significa "limpando"

- 392 NS: se não não dá tempo... gente agora... café agora
393 EM: ES
394 MS: ES
395 NS: [guarda guarda isso aqui
396 EM: [Es
397 ES: Oi
398 MS: +volta-se para ES+ **é: : clássico**
399 ES: **eu gosto... clássico... músicas italianas eu gosto**
400 EM: **italiana?**
401 ES: **eu gosto de MPB... gosto das músicas dos anos oitenta**
402 EM: **sertaneja não**
403 ES: **sertaneja... eu num gosto também não... sertaneja não**
404 **dá**
405 EM: é... então tá avisado heim
406 ES: algumas mas...

Nesse segmento, após uma pequena digressão, na L330, há a retomada do debate do supertópico em meio ao desenvolvimento do subtópico “bilhete”, pois há uma relação de interdependência hierárquica da organização tópica (Jubran 2006: 34). HM reintroduz o tópico perguntando “**bilhete** o MS viu o **bilhete**... lê... lê o **bilhete**”. Como se pode ver, a retomada ao tópico em debate é evidenciada com ênfase à posição argumentativa de MS na L333, ao ler o bilhete deixado por seu amigo secreto – “isso... amigo sei que [você tem um um CD”. Na sequência, EC L337 indaga MS para que confirme o que foi dito – “CD?”. A posição de MS frente à pergunta é de que não pode ser qualquer CD. Na L340, ele ressalta “**er: tanejo... não**”. Neste momento, é instaurado a questão do humor, da ironia, todos se posicionam em relação à música sertaneja, alguns sugerem música clássica, ópera, forró, MPB, italiana – menos música sertaneja.

Nesse exemplo, a repetição dos itens relacionados à música, como clássica, ópera, forró, MPB, italiana, sertaneja, são exemplos do emprego da repetição na instauração tópica, pois a concernência, ou seja, a relação de interdependência entre elementos textuais, firmada por mecanismos coesivos de sequenciação e referenciação, com base em relações lexicais de hiperonímia, promovem a integração desses elementos em um conjunto referencial instaurado no texto como alvo da interação verbal.

Dado 7

Sujeitos afásicos presentes: EC, NS, SI, MG (sexo feminino); LM (sexo masculino)

Sujeitos não afásicos: JM, HM (sexo feminino)

407 ES: ta...beleza...agora a gente podia distribuir aqui pro
408 pessoal...SI leva lá tá +entregando o jornal+ dona MN...
409 tem mais por gentileza ai +referindo-se à JM+
410 JM: +entrega os jornaist+
411 HM: podia aproveitar a situação com vocês pra combinar o
412 que cada um quer trazer
413 EC: levar levar
414 NS: ah é isso
415 HM: então vamo lá... a EC **salgado...** NS
416 NS: ah num sei
417 HM: doce ou salgado...salgado...SI
418 SI: num sei ((risos))
419 NS: sargado qual
420 HM: qualquer um...MG o que você quer... doce ou salgado
421 MG: [sinaliza dois dedos
422 LM: [ah é +conversa com a sua fonoaudióloga+
423 Fonoaudióloga: [aqui foi a MG
424 HM: salgado
425 MG: na: não
426 HM: você vai levar dois refrigerantes...refrigerante
427 refrigerante...salgado salgado +apontando o dedo para os
428 componentes+
429 HM: vai levar dois refrigerantes... tá bom... e dona
430 Natália o que a senhora vai levar
431 MN: na: não...do: dois +mostra dois dedos+
432 HM: doce e refrigerante... e dona MN o que a senhora vai
433 levar
434 MN: °xxx°
435 HM: não... a senhora que escolhe...a senhora vai levar
436 doce ou salgado... por enquanto tem mais salgado...salgado
437 aqui...salgado e salgado
438 EC: [le salgado le ponche
439 HM: [refrigerante refrigerante
440 Fono: [ah é a sua lista...cê quer um carro é

441 LM: [na: não ((risos))
442 Fonoaudióloga: [seu amigo tá perdido então ((risos))...num vai
443 comer
444 LM: [comer sim
445 EC: [**le bolo grandão** né...le carro num tem carro
446 ES: não...não tem
447 EC: ah...tendi
448 HM: pronto
449 NS: o onze...muita gente muita gente num dá... SI toma
450 água +dá água para SI+
451 HM: então...o ideal que a gente leve sempre coisas que
452 sejam fáceis de comer... servir... que dê pra cortar...
453 pode ser **sanduichinho**... pode ser... pode ser **sanduichinho**
454 EC: e: uai né
455 HM: fica uma coisa fácil de trazer no ônibus?
456 NS: é no onze
457 HM: então...é então traz uma... num quer trocar com
458 ela... você traz alguma outra dessas que cê tinha pra
459 trazer e ela traz o refrigerante +aponta para MG+
460 ES: pra ela é mais fácil
461 EC: o: : oh: : mais minina...isso aqui ah: : : deixa pra lá
462 HM: o quê
463 NS: falô é: : isso aqui
464 EC: oh Le nada
465 NS: oh escuta...qual...heim fia²¹
466 EC: o: **isso aqui aqui banana ali ali.. isso aqui...le EC**
467 **compro isso aqui... guaraná**
468 HM: **alguém quer suco**
469 NS: **eu quero suco**
470 HM: **eu to achando forte esse suco heim**
471 NS: tá memo
472 HM: vou pôr um pouco mais de água
473 EC: gostoso né...o: : : ia...chique o: : : ia +MS descasca a
474 banana+

²¹ Significa “filha”.

475 MS: muito obrigado
476 HM: será que a sua mãe quer tomar um café...o seu A quer
477 falar...não
478 VM: não
479 EM: vem cá... na semana que vem como é que vai ser
480 então... nós vamos fazer na sua casa mesmo seu SP? +volta-se
481 para SP+
482 SP: na: : não ((risos))
483 MS: na: : ao ((risos))
484 EM: desistiu
485 NS: a: e agora
486 SP: tudo tudo presente...tudo tudo +mostrando para os
487 colegas+
488 EM: todo mundo deixa o presente lá e vai embora ((risos)) então
489 que quiser...
490 ES: bem pensado
491 EM: o CD sertanejo do LM...o creme da HM...vai deixar tudo
492 lá...já viu né
493 VM: pastel
494 HM: e é todos os presentes
495 MS: pastel...ma: : ravelha
496 Visitante: pastel...pastel
497 HM: a VM já sabe é salgado... a gente tava fazendo a
498 lista... doce por enquanto quem quer trazer? +conversa com a
499 fono que vai trazer o doce+
500 EM: ah é nossa os pastéis já famosos
501 HM: então tudo bem...panetone
502 NS: mas é é salgado
503 HM: não tudo daí cê faz um doce...panetone ...mais básico
504 alguma coisa°xx°
505 EM: ah é...ah dá...deve dar você sabe
506 HM: panetone natal afinal cê quer panetone
507 EM: quem vai trazer bebida?
508 HM: então a bebida ficou assim oh...a MG...[a SI... o LM
509 EM: [a coca

- 510 NS: panetone aham²²... panetone
- 511 HM: a C/a C disse que vai trazer o **suco**
- 512 MS: Camila... Camila +canta+
- 513 HM: pronto...a Dona MN...NS panetone e doce...MS
- 514 salgado... alguma coisa salgada... o que a senhora quiser
- 515 MN: é por que°xxx°
- 516 HM: ótimos... perfeitos... ótimos perfeito perfeito
- 517 EM: eu levo o violão ou não HM
- 518 EC: /leva/
- 519 MS: violão... cantora
- 520 EM: trazer a cantora AP... vou perguntar pra ela se ela
- 521 pode vir...a AP vem cantar °xx° vou ver se ela pode vir tá
- 522 bem...agora só músicas natalinas né
- 523 MS: não
- 524 EM: ah: : :
- 525 MS: Ca: na-val ah: : : : ((risos))
- 526 EM: não... vai ser o repertório natalino
- 527 HM: não... mais é pouquinho +conversa com a AL+ Visitante:
- 528 forró serve...forró também serve
- 529 EM: anoiteceu +cantando+
- 530 MS: car-na-val a la lalalalala
- 531 EM: esse é o espírito natalino
- 532 JM: pode deixar aberto JM
- 533 MS: e ai tava lá... e ai
- 534 JM: tudo certo... tava lá
- 535 HM: uma bananinha...vocês não querem comer alguma coisa... o
- 536 pavê foi todo em MS
- 537 HM: +volta-se para MN+ salgado... pronto... +volta-se para NS
- 538 +você doce e a dona Natália salgado +barulho da porta
- 539 abrindo... JM aparece+ pipoca... deixa aberto JM
- 540 EM: +volta-se para JM+ e ai tá na hora
- 541 JM: tá tudo certo
- 542 EM: pô gente... tá tudo pronto lá no filme

²² Esta expressão significa uma “afirmação”.

Para entender esse recorte, devemos pensar no tópico deste encontro, “festa de final de ano”. Na L411, HM introduz o subtópico “preparativos para a festa de final de ano”, que faz parte do tópico “festa”: +podia aproveitar a situação com vocês pra combinar o que cada um quer trazer+. Nesse contexto, podemos observar que os sujeitos interagem de forma coerente, cada um com a sua respectiva responsabilidade enunciativa e interacional, fenômeno que se dá negociadamente, dentro da sequencialidade tópica mencionada, principalmente encaminhada por HM.

5.2. Recorte do corpus – Funções textual-discursivas da repetição

A seguir, serão feitos alguns recortes para melhor exemplificar as formas e as funções da repetição na linguagem de afásicos como organizadora do tópico discursivo encontradas no *corpus* da pesquisa.

No que se refere às funções textuais discursivas, a repetição (R) em nosso *corpus* apresentou as marcas que caracterizam o fenômeno no processamento do texto falado. Neste, a R pode apresentar marcas de coesão por sequenciação e referenciação; formulação por correção, expansão e hesitação; compreensão por intensificação, reforço e esclarecimento; argumentação por reafirmação, contraste e contestação; interação por responsividade e incorporação.

5.2.1 Coesão por referenciação

Conforme a teoria da referência (Lyons 1977: 45), dois elementos se repetem referencialmente quando têm o mesmo referente, seja este um objeto, um indivíduo, um fato ou um conteúdo proposicional. No exemplo abaixo, o tópico principal é café, todos manifestam interesse em tomar um cafezinho, como diz HM.

Dado 1

Sujeitos afásicos presentes: MS (sexo masculino) MG, VM (sexo feminino)

Sujeito não afásico: HM, GM, EM (sexo feminino)

- 1 MG: ai eu vô dá... pixiu +olhando para GM+
- 2 HM: hu: : m a gente vai ter que **tomar né um golinho...**é
- 3 isso?
- 4 MS: isso
- 5 GM: hoje eu pus mais porque °xx° para HM é melhor
- 6 HM: é **forte** só isso +balança a cabeça+
- 7 GM: é... eu ia até corrigir... **muito forte não... é bem**
- 8 **forte**
- 9 HM: [**é forte é forte é /POWER/((risos))**]
- 10 GM: [**é diferente né**]
- 11 EM: **é pra acordar**((risos))
- 12 GM: vamos vê se aprova ou não né
- 13 MS: eh... é... não + conversando com HM+ mara
- 14 e: : xcelente +movimenta as mãos+ xxxxiu...ridicoli²³
- 15 MG: não...é... já tá melhor
- 16 HM: já tá mesmo
- 17 MG: /nossa/
- 18 HM: já melhorou bem
- 19 MG: três e:: seções +Chega perto da mesa e coloca uma
- 20 xícara de café em cima+
- 21 HM: já melhorou... então tem que fazer as dez heim...
- 22 São dez para ficar boa não é isso?
- 23 MG: não... mais uma amanhã...mais uma
- 24 HM: na segunda feira e depois faz ah... depois na outra semana
- 25 faz outra... melhora bem né...ai que bom né
- 26 MG: +balança afirmativamente a cabeça+
- 27 HM: eu vou pegar um **café** também... alguém quer um
- 28 **cafezinho** +levanta da mesa+
- 29 MG: Ah eu quero
- 30 HM: que... **com açúcar ou adoçante?**
- 31 VM: **adoçante**
- 32 HM: **adoçante**

²³ Significa “ridículo”

Nesse seguimento, MG, na L1, inicia o tópico olhando para GM “ai eu v^o dá... pixiu”; na L2, HM complementa dizendo que vai ter que tomar um golinho e MG confirma “isso”. MS, na L13, muda o tópico, fala sobre as fisioterapias que está fazendo, que está bem melhor. Continuam falando sobre as fisioterapias até a L14. Mas HM na L27 retoma ao tópico principal dizendo “eu vou pegar um café também...alguém quer um cafezinho”. Vê-se aqui uma R com a função coesiva referencial, MG inicia o tópico, que foi desviado e retomado por HM que revela o referente principal “café”. Da L1 até a L14 falam sobre algo que querem tomar, mas só na L27 HM revela cataforicamente que o produto que todos querem é o café. A R com função coesiva referencial opera no sentido de confirmação do referente, anaforicamente ou cataforicamente. No caso do exemplo a retomada foi catafórica, ressaltam interesse por algo da L1 até a L27, momento em que foi revelado que todos querem café. Percebe-se que o referente “café” ficou implícito até o final da interação, mas para quem está na situação isso já era informação partilhada. Todos sabiam que se estava a falar do café – o referente não foi verbalizado, mas fazia parte da situação interativa.

Dado 2

Sujeitos afásicos presentes: SP, MS (sexo masculino), SI, MG (sexo feminino)

Sujeito não afásico: HM (sexo feminino)

- 1 HM: e aí vocês já assistiram o filme né...é... MS que vai
- 2 levar o seu ingresso... há...dá tempo de escolher
- 3 MG: pra mim num interessa
- 4 HM: você já gastou né? mas tudo bem...gastou antes...
- 5 depois agora...sempre uma meia entrada pra gente ir...
- 6 então...o horário que a gente vai é mais barato a gente
- 7 vai°xxx°
- 8 SP: ah
- 9 MS: ah:: é:::

- 10 HM: é:: dona MN
11 MS: e: eu queri...
12 MG: Nana NS por que não veio
13 HM: num sei num sei...é mesmo... a NS já devia tá
14 aqui... deve ter acontecido alguma coisa... ela avisou
15 alguma coisa semana passada
16 MG: não
17 HM: a prime... a primeira pessoa que chegô foi ela... ela
18 não veio a semana passada?
19 SI: +sinal afirmativo com a cabeça+
20 HM: o quê... sentar +olhando para VM+
21 VM: na: ao na: ão
22 HM: pode ficar... dona MN fica aqui na frente... ela
23 senta ali pode ficar a gente muda você vai ver que na
24 semana que vem eu vou estar sentada ali
25 MG: no m: meu não
26 HM: ah vô... na semana que vem é meu aniversário
27 MS: maravilha
28 HM: vo senta ai e vou ficar assim... aquelas assim+faz
29 movimentos com o corpo+ to brincando
30 MS: ahh... **Oscar**... eu a-cer-tei /TUDO/
31 HM: eu num assisti /nada/... eu vi... eu vi os
32 resultados... mas não assisti nada
33 MS: O: **dos fracos ah é não...não tem vez**
34 HM: ah dos fracos não tem vez os fracos não tem vez...ah
35 é desculpa... **os fracos não tem vez**
36 MS: éééé o: : s e o **Queen**... isso
37 HM: ah é... **os irmãos Queen**
38 MS: e: : eu acertei tudo
39 HM: todos os seus chutes o sen...o senhor
40 acertou... **sessão filme ator atriz**... tudo
41 MS: é: : : na não é: +sinal afirmativo com a cabeça+

Como se pode ver, na L1, HM introduz o tópico “filme”, perguntando se todos assistiram ao filme. Na L7, SP inicia uma quebra de tópico, e começam a falar sobre os colegas que ainda não chegaram, aponta para o lugar de MN, e HM, na L9, esclarece, “é: : dona MN”. MG na L12 pergunta por que NS não veio, na L12 HM responde responsivamente que não sabe “num sei num sei”.

Na L7 ocorre o desvio de tópico e na L30 MS reintroduz o tópico principal, “filme”, dizendo que acertou tudo (todos os indicados) no Óscar. Este exemplo evidencia a tentativa de interrupção do tópico e a sua retomada (Jubran 1993; Stech 1982: 81). Em seguida, HM, dando sequencialidade ao tópico, ressalta que não assistiu nada (da premiação); então, MS aproveita para elencar os filmes que foram os vencedores do Óscar – “dos fracos ah é não... não tem vez, éééé o: : s e o Queen...isso”. HM encerra o tópico perguntando se MS – “acertou tudo, sessão filme ator atriz”. Percebe-se que todos elementos repetidos colaboram para a sequência do tópico em andamento, filme. Neste amoldamento textual, a R evidencia-se como uma estratégia eficaz para a sequenciação de unidades, favorecendo a coesividade textual, instaurando assim a progressão tópica.

Dado 3

Sujeito não afásico: AS (sexo feminino)

1 AS: Nós vamos fazer um jogo agora que é o seguinte... eu
2 vou explicar°°xxx°°vamos fazer uma roda __ já tem uma
3 diferença de quando a gente chegou e agora né? __ o nosso
4 jogo agora é o seguinte... está comigo... eu vou olhar
5 depois vou escolher uma pessoa... escolhi você ((*olhando*
6 *para MS*)) sem falar o que a gente vai fazer... A gente
7 vai levantar e trocar de lugar... você fica no meu lugar
8 ... aí está com você... você vai olhar pra outra pessoa
9 sem falar... você vai olhar pra outra pessoa e
10 escolher...escolha uma pessoa... quem tá sentado tem
11 que ficar ligado... aí cês vão trocar de lugar.

No segmento o tópico é sobre a atividade que irão realizar, o “jogo”. Na L1 AS, ressalta “Nós vamos fazer um jogo agora”, na L4 repete a palavra “jogo” e no decorrer do discurso vai utilizando elementos que fazem referência ao jogo. Percebe-se que as estratégias de referenciação são utilizadas para manutenção e esclarecimento do tópico.

Dado 4

Sujeito não afásico: AS (sexo feminino)

1 As: Já fizeram improvisação? De onde estou... (8s) onde
2 estou? Estou num banco... estou no deserto... estou no
3 espaço... é:: quem sou? Aí tem uma profissão... esses
4 dias fizeram né? Depois a gente pode continuar com esses
5 ... tá? cês tem alguma sugestão? (8s) Pode continuar se
6 quiser (5s)

No recorte acima o tópico em questão é sobre “improvisação”. AS pergunta se “Já fizeram improvisação?”, em seguida explica fazendo referência ao termo – “onde estou... (8s) onde estou? Estou num banco... estou no deserto... estou no espaço...”. Percebe-se nessa interação que AS usa o mesmo tipo de estrutura (paralelismo estrutural), o que favorece a coesão entre os espaços mencionados (banco, deserto e espaço).

5.2.2. Coesão sequencial

De acordo com Andrade (1998: 195) a coesão sequencial diz respeito a uma relação textual em que o aspecto referencial é pressuposto e, portanto, não há necessidade de ser focalizado. A sequenciação é estabelecida pela conjectura de preservação dos referentes; pela manutenção do mesmo nível informacional e comunicativo quanto à cadeia tópica; pela produção de conectividade com base em

relações lógicas; pela preservação da prosódia como identificadora e delimitadora de unidades.

O tópico da conversação no dado abaixo é a atividade teatral. AS pede a todos que imaginem onde estão, assim MS introduz o tópico dizendo que está em “Marte”. Vejamos o dado abaixo.

Dado 5

Sujeitos afásicos presentes: MS, SP (sexo masculino), MG, VM, SI (sexo feminino)

Sujeito não afásico: AS (sexo feminino)

- 1 AS: onde estamos...MS?
- 2 MS: ah ma: rti
- 3 AS: nós estamos em Marte?
- 4 MS: isso
- 5 AS: e como é marTE?
- 6 SP: [neve...neve
- 7 MS: [frio...frio
- 8 VM: nossa Senhora/
- 9 AS: quantos graus estamos?
- 10 MS: ah: : do: : is... a: : baixo... de ze: : ro
- 11 AS: vixi...dois graus abaixo de zero/ é muito frio lá
- 12 VM: nossa/
- 13 MS: /muito frio/
- 14 AS: ai meu Deus/ então precisa esquentar então... tá
- 15 frio... então [a gente se agita um pouquinho]
- 16 SP: [venus...vênus... vênus é calor]
- 17 MS: [ah ah...ca-lor]
- 18 SP: é...calor
- 19 AS: então vamos pra Vênus...estamos em Vênus...como é
- 20 que é Vênus?
- 21 SP: Vênus? Vênus é
- 22 AS: calor?
- 23 MS: nã: o... ce: : n...to e: : : graus
- 24 AS: é...que cor é Vênus? que cor é Vênus pra você?

25 +olhando para MG+

26 MG: [ah num sei

27 AS: [é **cor de rosa?**

28 MS: nã: : o é: : a: : zul

29 AS: é azul?

30 MS: azul

31 AS: e se for verde?

32 MS: não... a: : azul

33 AS: azul?

34 MS: isso

35 AS: então tudo ao redor de nós está **azul**

36 MS: /i: : sso/

37 AS: /Oh meu Deus do céu/... a gente pode ir nadando lá

38 né...ua ua ua... +faz gesto de como nadar+... tá muito

39 quente? vocês acham que tá muito quente?

40 VM: não

41 AS: não tá quente? quantos graus?

42 VM: num sei

43 AS: usa o seu termômetro assim... e fala assim... sei

44 lá... trinta graus

45 VM: é isso mesmo ((risos))

46 AS: é isso mesmo ((risos))

47 AS: ai meu Deus (3s) pra onde que a gente tá indo?

48 MS: Jú-pi-ter ((Risos)) fri: o

49 AS: Como [é que é Júpiter?]

50 VM: [num sei]

51 SI: num sei

52 AS: inventa...como é como é? Que cor ele é? escolhe uma

53 cor a cor que você curte

54 AS: [o planeta de SI

55 MG: vermelho

56 AS: o planeta da SI ele é azul

57 MS: ah ah ah...[mar-rom]

58 AS: marrom?

59 MS: isso

Um caso típico deste tipo de R é o que ocorre no exemplo acima, que contribui para a progressão temática, operando no nível das relações intra e interturnos. Nesse segmento, AS inicia o tópico com uma atividade teatral, perguntando a MS “onde estamos...MS?”. Este responde “ah: Ma:: rti”, daí se desenvolve a sequenciação textual na qual AS pergunta como é Marte. SP ressalta que tem neve, MS reforça que é frio. Nesse contexto interacional falam sobre outro planeta, mas que agora é quente. SP introduz o referente “venus...vênus... vênus é calor”. A sequencialidade é marcada pelas cores do planeta, AS ressalta: “é cor de rosa?”, MS contesta: “nã: : o é: : a: : zul”, AS pergunta “é azul?”, e MS confirma “azul”. Dando continuidade ao tópico, AS pergunta “ai meu Deus (3s) pra onde que a gente tá indo?”. MS responde “Júpiter((Risos))fri: o”. AS questiona novamente: “como é como é? Que cor ele é? escolhe uma cor a cor que você curte”. MG acha que é “vermelho”; para AS, “o planeta da SI ele é azul”; para MS, “ah ah ah...[mar-rom]”.

Dado 6

Sujeitos afásicos presentes: SP, MS (sexo masculino), MG (sexo feminino)

Sujeitos não afásicos: HM e AS (sexo feminino)

1 AS: Ah é... ah...então vamo começar trabalhando então?

2 Pode ser? Vamo fazer uma roda em pé... vamo fazer um

3 °°xx°°vamo juntar um pouquinho mais

4 SP: ((Cantarolando))

5 ((Risos))

6 As: Agora em vez de dar as mãos...a gente vai pegar aqui

7 oh +segurando na cintura das pessoas ao lado+ oh... faz

8 que °°xxxxx°°

9((Risos))

- 10 AS: Olha no olho... respira... como se dessem bom dia
11 SP: Bom dia
12 MS: Bom dia
13 ((Risos))
14 AS: Vamos continuar olhando
15 MG: Não... assim não... assim eu caio
16 ((risos))
17 AS: Vamo chegar um pouquinho mais pra frente... ninguém
18 pode ficar °°xxx°° a roda (5s) vamo começar girar
19 devagarzinho pra lá assim oh... devagarzinho bem
20 devagarzinho a gente vai mexendo com o corpo... como se
21 fosse girar sabe?
22 MG: Oh... você\... /ele cai... ele cai
23 ((risos))
24 AS: Já sei... a gente vai chegar até aquela mesa junto
25 sem se soltar... a gente vai chegar bem devagarinho até
26 ali naquela mesa ali atrás oh... a gente vai chegar até
27 lá... bem devagarinho... bem devagarinho... a gente não
28 pode soltar o bloco aqui... a gente tem que ir junto pra
29 chegar lá... tem que ir olhando no olho do outro
30 ((Risos))

No segmento acima o tópico em questão são as atividades teatrais desenvolvidas diariamente por AS. A atividade irá retratar a coordenação motora, o equilíbrio. Inicialmente, AS pede aos integrantes do grupo para se abraçarem, em seguida vai dando as coordenadas de tudo que será executado naquele momento. Na L1, AS introduz o tópico que vai se desdobrando em subtópicos por meio da repetição por coesão por sequenciação – “então vamo começar trabalhando então, Vamo fazer uma roda em pé... vamo fazer um °°xx°°vamo juntar um pouquinho mais”. Observa-se nesse fragmento que AS utiliza-se da repetição para a organização e manutenção do tópico.

5.2.3 Correção

De acordo com Marcuschi (1992: 125), a correção é muito comum na interação verbal, é uma estratégia que quase sempre acarreta uma repetição, pois ao corrigir o interlocutor reformula o que foi dito e, por meio da repetição, esclarece o que foi dito anteriormente.

Na interação abaixo o tópico em questão são as cores. AS, em mais uma atividade teatral proposta ao grupo, pede para que cada membro do grupo pense em uma cor, veja-se o dado abaixo:

Dado 7

Sujeitos afásicos presentes: MS, SP (sexo masculino), MG, VM, SI, MN (sexo feminino)

Sujeito não afásico: AS (sexo feminino)

1 AS: então...vamos fazer o seguinte...a gente vai escolher uma
2 cor que a gente gosta ...cada um escolhe a sua e aí é como se
3 em volta de si tivesse essa cor...por exemplo eu escolho verde
4 é como se ao redor de mim tudo estivesse verde...e é como se o
5 meu olho agora estivesse tudo verde...é como se eu mandasse
6 verde pras pessoas...assim uma coisa como azul cor rosa
7 vamos lá?...vamos segurar as mãos aqui vamos fechar os
8 olhinhos...imaginar a cor que eu mais gosto (7s)e enxergar ao
9 redor de mim essa cor que eu gosto (30s) movimenta (28s) isso
10 (10s)respira...essa cor agora essa é rosa... vamos assim
11 preencher toda essa sala... seus amigos... bem... vai
12 abrindo os olhos... continua (18s)
13 MG: so so
14 MS: sono
15 MG: estô ah ah
16 MS: /isso/... muito bem
17 AS: bem agora... depois que eu pensei eu vou olhar pra

18 pessoa e falar a cor... falar azul... olhando assim pra
19 pessoa e falar a sua cor((olhando para MS))
20 MS: \verde\ cor de rosa ((olhando para SI))
21 AS: SI olha pra mim e fala uma cor
22 SI: verde... não... é::
23 AS: esta cor? ((apontando para a calça de SI))
24 SI: não é: : aquela ã
25 AS: Vermelho?
26 SI: é: : vermelho ((apontando para seu SP))
27 AS: ela falou vermelho pra você ((olhando para SP))
28 AS: pode apontar pode apontar pra quem você estiver
29 afastado
30 SP: \amarelo\ ((olhando para dona MN))
31 AS: pra quem você falou?
32 SP: amarelo ((olhando para MN))
33 MN: \pode repetir?\
34 AS: pode
35 MN: \é: a: zul\ ((olhando para VM))
36 VM: é é

No contexto acima o tópico em relevância são as “cores”. AS pede para cada membro do grupo pensar em uma cor para falar para o seu colega e diz “depois que eu pensei eu vou olhar pra pessoa e falar a cor”. Em seguida MS olha para SI e fala “\verde\ cor de rosa ((olhando para SI))”, AS pede para SI “SI, olha pra mim e fala uma cor”, SI responde “verde... não... é::” e, em seguida, SI corrige dizendo “é:: vermelho”.

No exemplo acima, SI repete o que MS disse “verde” e em seguida corrige dizendo que não é verde, é “vermelho”. Nesse exemplo, a repetição do tópico relacionado às cores se dá por meio de uma R, ressalta por meio da repetição que é a cor verde, mas imediatamente percebe um erro em sua constatação e corrige dizendo “verde... não... é:: é:: vermelho”.

Dado 8

Afásica presente: MS (sexo masculino)

Não afásica: HM (sexo feminino)

1 HM: __ foi produzindo o texto... junto... ele produzia...
2 escrevia... levava... a gente corrigia relia num sei
3 que... daí ele depois que fez essa edição... e: : h a gente
4 escolheu as fotos ele levou um monte de fotos a gente
5 escolheu ele escaneou levou no cd aí a gente
6 selecionou... organizou fez tudo pra ele produzir... são
7 dois volumes... esse é o... mas tem um primeiro né? Esse
8 é o primeiro? ((direcionando-se para MS))
9 MS: Hã: :
10 HM: É esse... é o primeiro?
11 MS: I: : sso
12 HM: Tá vendo... **é a história dele... a história de vida**
13 de: : le oh lá... daí a gente recortou... a gente tem o
14 texto ali °°xxx°° a gente foi recortando o texto e
15 inserindo fotografias pra ilustrar esses textos (2s) é
16 que ele fazia °°xxx°° ele viajou °°xxx°° a mulher
16 dele... a cadeira que ela dormia ((mostrando fotografias))

O tópico em questão é sobre a biografia de MS, escrita por ele, conta toda a sua história. Primeiramente HM explica como foi a execução do primeiro volume em seguida explica na L12 que é a história dele e em seguida corrige explicando que é a história de vida dele (MS). HM utiliza a repetição para a correção e manutenção do tópico em andamento.

5.2.4. Expansão

A expansão, segundo Marcuschi (1992: 124), se dá com mais frequência como autorrepetição, já que é mais difícil expandir a produção linguística do outro.

Dado 9

Sujeito afásico presente: MS (sexo masculino)

Sujeitos não afásicos: HM, EM (sexo feminino)

- 1 HM: como que é o filme? conta um pouco
2 MS: ah... hã... três gerações... hã... trinta hã
3 papapapapapaaaaa
4 EM: tá
5 MS: hã hã hã... França... hã... Rússia hã hã hã hã
6 EM: isso é ...isso é época da Guerra?
7 MS: /isso/
8 EM: [Alemanha
9 MS: [hã hã hã Alemanha...maravilha... eh... hã... papapa
10 é ((fazendo sons de
11 tiroteios))... hã trinta...quarenta... hã papapapapapa
12((risos))... hã hã cinquenta... eu
13 a-chei ótimo
14 EM: tá... retratos da vida

No exemplo acima, observam-se várias expansões numa progressão tópica em que o texto vai sendo formulado na esteira de um conjunto de fragmentos expandidos com R sucessivas. MS dá continuação ao tópico “filme” e ressalta que é sobre três gerações – “trinta hã” e, na L9, retoma dizendo “hã trinta... quarenta”, “hã, hã hã cinquenta”. A característica básica da R com a

função de expansão é a retomada literal de um elemento, que a esse adiciona outros elementos, dando continuidade tópico.

Esse mesmo papel interacional pode ser encontrado no fato de a expansão reforçar o enquadramento estabelecido pelos interlocutores em relação ao tópico em andamento. Aliás, dentro da dinâmica do texto conversacional, esse enquadramento é sempre necessário, como forma de mostrar que o enfoque é pertinente e o tópico não está esgotado.

Os integrantes estão falando sobre o filme retratos da vida, onde o sujeito afásico MS realça “ah... há... três gerações... há...trinta há papapapapapaaaaa”, há trinta... quarenta... há papapapapapa ((risos))... há há cinquenta...”. O trecho inserido tem como objetivo a expansão ou determinação do referente, intensificando o que foi dito e auxiliando a manutenção do tópico.

Dado 10

Sujeito afásico presente: VM (sexo feminino)

Sujeitos não afásico: HM (sexo feminino)

1 **HM:** ual vamos ver vamos abrir os mapas aqui então sabe
2 que a gente vai retomar aquela... aquela questão que a
3 gente começou no ano passado que a gente começou... de
4 ver... oia que lindo de ver os...na lista telefônica né
5 os seus endereços...achá...**de ver os... de ver os... de**
6 ver os na lista telefônica né de endereços eu achar opa
7 opa deixa eu sentar no meu lugar deixa eu sentar no meu
8 lugar (SI)

O tópico em questão é sobre “lista telefônica”. HM explica ao grupo como eles vão realizar a atividade, ou seja, procurar o nome deles na lista telefônica. Observa-se a

expansão no momento em que o discurso vai sendo formulado: HM repete o mesmo fragmento tentando explicar que são os endereços dos sujeitos na lista telefônica.

5.2.5. Hesitação

Marcuschi (1991) define a hesitação como indício de “dificuldade de processamento cognitivo verbal na estrutura sintagmática”, não sendo, portanto, uma solução apresentada para um dado problema de formulação textual, mas antes um sinal de busca de solução de problemas “on line”. Entre os fenômenos que despontam na fala como evidência de “problemas de formulação” ou hesitação estão os prolongamentos vocálicos, as pausas preenchidas, os falsos começos Koch (1996: 410), muito comuns na linguagem de afásicos.

Dado 11

Sujeitos afásicos presentes: SP (sexo masculino), MG, EC (sexo feminino)

Sujeitos não afásicos: EM, JM e a fonoaudióloga (sexo feminino)

- 1 EM: ta... beleza... agora a gente podia distribuir aqui pro
- 2 pessoal... SI leva lá tá +entregando o jornal+ dona MN...
- 3 tem mais por gentileza ai +referindo-se à JM+
- 4 JM: +entrega os jornais+
- 5 fonoaudióloga: [cê viu que legal
- 6 MG: /nossa/
- 7 EM: [pro senhor leva né
- 8 EC: eu quero cinco
- 9 SP: é: : : na na na na tem tem mais
- 10 EM: tem...tem mais aqui...

O tópico em questão é sobre o “jornal do CCA”. O jornal do CCA, formulado semestralmente pelo grupo, contém informações gerais e informações específicas sobre os afásicos, dentre outras informações. EM, na L1, distribui o jornal entre os integrantes do grupo. SP na L9 utiliza-se da repetição por hesitação para perguntar se tem mais jornal “é: : : na na na na tem tem mais” e EM na L10 complementa dizendo “**tem...tem mais aqui...**”. A R por hesitação assinala a dificuldade do sujeito afásico SP, mas mostra sua participação no desenvolvimento do tópico discursivo, dizendo para EM que tem mais alguns jornais.

Dado 12

Sujeito não afásico presente: EM (sexo feminino)

1 **EM:** Então é isso... vamos ver se: : : funciona e a
2 outra
3 coisa **que a gente: : e: :** que a gente estava conversando
4 na semana passada que a gente conversou semana passada
5 que
6 eu entrasse em contato com um aluno daqui que trabalha
7 com cinema... cinema de animação enfim o que é o cinema
8 animado é desenho também são formas que a gente pode
9 fazer com argila tal e depois na técnica cinematográfica
10 faz o movimento dessas formas

O tópico discursivo em andamento é sobre “cinema de animação”. EM na L1 ao introduzir o tópico produz alguns prolongamentos vocálicos, hesita tentando explicar o que é cinema de animação e como são as técnicas.

5.2.6. Intensificação

De acordo com Marcuschi (1992: 129), no processo de compreensão situa-se a função ligada “à facilitação da tarefa do ouvinte na compreensão”. Para Travaglia (2006: 62) a intensificação incide sobre a forma como o locutor profere seu discurso, como o produtor do texto quer que seu interlocutor considere os conceitos e modelos cognitivos ativados no texto. Considerada uma das marcas do processo de compreensão, a intensificação, enquadra-se nos quesitos de contiguidade/proximidade. No exemplo abaixo, os integrantes estão falando sobre o filme *Dançando na chuva*, mas MS ressalta que existe outro filme muito bom *Retratos da vida*.

Dado 13

Sujeitos afásicos presentes: MS, LM (sexo masculino)

Sujeitos não afásicos: HM, EM (sexo feminino)

- 1 HM: cê tem dvd na sua casa? ((voltando-se para LM)) (7s) o
2 aparelho de dvd?
3 LM: ((balança a cabeça negativamente))
4 HM: não
5 EM: °xx° oh (2s) se você tivesse °xxxxx° três horas de
6 dança
7 MS: ((tosse))
8 HM: não mais é... é porque daí o MS tem o filme... ele
9 podia emprestar
10 MS: é:
11 LM: hum:
12 EM: a gente num quer nem saber... você vai assistir esse
13 filme ((risos))
14 HM: você vai dar um jeito... arranja ele emprestado
15 ((risos))
16 EM: todo mundo aqui tem que passar por isso

17 ((*direcionando-se para LM*))[três horas de um filme que
18 dança
19 MS: [pe-da-ços da vi-da
20 EM: hãh?
21 MS: pe-da-ços da vi-da
22 HM: é /retratos/
23 MS: ah ah retratos hahaha cinco
24 EM: é mesmo MS?
25 MS: mui: to /MUI: : TO/ ((faz gestos que é muito bom))

No segmento acima os integrantes do grupo estão falando sobre o filme “Dançando na chuva”, sendo o tópico principal “Filme”. HM pergunta para LM se já assistiu ao filme. O tópico se desenvolve até que MS faz um desvio do tópico, evocando outro filme, “Pedaços da vida”. EM corrige o título fornecido por MS, indicando que o nome é “Retratos da vida”. Em seguida, MS ressalta que deu a nota cinco (5), sua nota máxima, ao filme e menciona que ele é “mui: to /MUI: : TO/” bom. Como se pode ver, ao repetir, MS intensifica ao dizer que o filme é “mui: to MUI: : TO bom”. No exemplo, o desvio do tópico baseia-se numa relação paradigmática ou associativa, evocada a partir do item lexical filme, e a R intensifica essa associação, o que chama a atenção de todos para esse filme, que agora passou a ser o foco da conversação.

Dado 14

Sujeito afásico presente: MS (sexo masculino)

Sujeito não afásico: HM (sexo feminino)

1 HM: Ahh... sabia... porque que não me pediu antes?
2 Ahh... vamos ver se dá pra comer com o
3 garfinho°°xxxxx°°... do
4 que que é esse pudim? ... já que você acordou às três
5 horas da manhã pra fazer
6 MS: E: : xe: : -len-te

- 7 HM: Não... não... mas eu não perguntei se é excelente eu
8 quero saber de que que é... e agora não adianta escapar
9 MS: **A-ba-ca-xi**
10 HM: **/de abacaxi/**
11 MS: É
12 HM: Alguém mais quer que eu sirva?

No exemplo acima os interactnates estão falando sobre o pudim que MS trouxe para o lanche do grupo. Na L7 HM pergunta a MS o sabor do pudim e, na L9, ele ressalta que é de “abacaxi”. Na L10 HM reforça intensivamente dizendo /de abacaxi/.

5.2.7. Reforço

A repetição é sempre produzida visando uma finalidade – no exemplo abaixo, objetiva-se com a repetição reforçar o que foi dito. A repetição apresenta traços de seletividade em relação à sua matriz e essa relação se dá na seleção e marcação de um foco localizado em algum ponto da cadeia de constituintes em relação à matriz. Sendo assim, a matriz opera como proposta de composição textual-discursiva é a base para a topicalidade e a argumentação.

O exemplo abaixo mostra o tópico em questão, a chegada de mais um integrante do grupo, MS.

Dado 15

Sujeito afásico presente: MS (sexo masculino)

Sujeito não afásico: HM (sexo feminino)

- 1 MS: °xxxx° la la /la la/ la la na /nanana/na na
2 HM: lá vem o cantor.../uau/ **alegria alegria**

3 MS: maravilha maravilha

4 HM: maravilha

Nesse exemplo, o tópico em destaque é a chegada de MS. Na L2, HM ressalta “já vem o cantor.../uau/ alegria alegria” e, na L3, MS reforça “maravilha maravilha”. Percebe-se nesse dado que MS para assegurar a atenção de todos utiliza-se da repetição “maravilha, maravilha”, faz uso desse mecanismo de composição textual, visando assegurar a condução do tópico discursivo em andamento e também a compreensão, pois a sua chegada se tornou alegre e maravilhosa.

Dado 16

Sujeito afásico presente: VM (sexo feminino), SP, MS (sexo masculino)

Sujeito não afásico: AS (sexo feminino)

1 AS: Então vamos pra Vênus como é que é Vênus?

2 SP: Vênus? Vênus é

3 AS: Calor?

4 MS: Nã: o... ce: : n...to e qua...renta graus

5 AS: Que cor é Vênus? É cor de rosa?

6 MS: nã: : o é: : a: : zul

7 AS: azul?

8 MS: azul

9 AS: E se for verde?

10 MS: Não... a: : azul

11 AS: Azul?

12 MS: Isso

13 AS: Oh /meu Deus do céu/... a gente pode ir nadando

14 lá... tá muito quente? Vocês acham que está muito

- 15 quente?
16 VM: não
17 AS: não... tá quente? Quantos graus?
18 VM: Num sei
19 AS: Olha o seu termômetro e fala assim... sei lá...
20 trinta graus
21 VM: é... i: : sso mesmo ((risos))
22 AS: é isso mesmo ((risos))

Nesse recorte, o tópico é sobre uma viagem imaginária que os integrantes do grupo irão realizar, AS sugere que façam uma viagem a Vênus. AS sugere que a temperatura em Vênus seja uns trinta graus, VM na L21 concorda – “é... i::sso mesmo” e, na L22 AS reforça – “é isso mesmo”.

5.2.8. Esclarecimento

O tópico do segmento abaixo é sobre “amigo secreto”. HM esclarece ao grupo que todos devem comprar um presente para o seu amigo secreto.

Dado 17

Sujeitos afásicos presentes: SP, MS (sexo masculino), MN, EC (sexo feminino)

Sujeitos não afásicos: EM, HM (sexo feminino)

- 1 HM: a senhora vai comprar pra quem a senhora tirou
2 EM: não vai contar aqui... vai entregar [só a semana que
3 vem
4 HM: [só a semana
5 que vem
6 e a pessoa que tirou a senho...

- 7 MN: mas eu eu num sei quem é
8 HM: é
9 EC: /nossa/ ai... num sabe ((risos))
10 EM: a HM lembra... ela sabe
11 HM: essa pessoa que escreveu pra senhora que eu não sei
12 quem é... ela tá perguntando pra senhora o que que a
13 senhora quer ganhar porque a pessoa que tirou esse...
14 tirou o nome da senhora no bilhetinho...a pessoa que
15 escreveu... [e ela quer saber o que que compra pra senhora.
16 EC: [cê pego EC...tá com EC? + EC
17 pergunta para MS+ ((risos))
18 SP: isso
19 MS: [é é ...é LM +aponta para LM+
20 EM: é esse o jogo dona MN... [bem... no fundo... a
21 pessoa pode ter tudo... mas é só uma lembrança... um
22 agrado
23 EC: [aham... muito bem °xx°
24 tudo aê ((risos))
25 HM: um sabonete um creme um bôn

No diálogo acima, HM explica para MN que ela deve comprar um presente para seu amigo, mas a pessoa só irá conhecer sua identidade no dia da brincadeira. HM esclarece para MN que foi a pessoa que “tirou o nome da senhora no bilhetinho”, MN diz “mas eu eu num sei quem é” e, após algumas intervenções, HM repete dizendo “a pessoa que escreveu...[ela quer saber o que que compra pra senhora”. Percebemos nesse enunciado que a repetição foi utilizada como uma resposta a um enunciado anterior não totalmente aceito ou compreendido, pois ao sanar a dúvida de MN, HM desenvolve e retoma o tópico, fazendo uso da repetição – “tirou o nome da senhora no bilhetinho”.

5.2.9. Reafirmação

Esse tipo de função ocorre sempre como um autorrepetição; é comum que o falante repita o mesmo argumento para dar visibilidade ao seu ponto de vista. No caso do exemplo abaixo, MS ressalta sua discordância sobre a mudança de comportamento das pessoas em relação ao aquecimento global.

Dado 18

Sujeito afásico presente: MS (sexo masculino)

Sujeitos não afásicos: HM, EM (sexo feminino)

- 1 HM: então...mas pra uso de energias alternativas você
2 tenha menos destruição e poluição do ambiente...num é
3 isso?...aproveitamento...hoje essa coisa toda com
4 reciclagens né...[então isso vai ter°xxxx°?
5 EM: [se o Brasil colaborar...°xxx° não continuar com o
6 desmatamento...né
7 MS: não a-cre-di-to
8 EM: ham?
9 MS: não a-cre-di-to
10 EM: não...na melhora.../cê acha que não vai melhorar?/
11 HM: eu acho que a gente vai conseguir retardar um pouco
12 esse/essa destruição

Em se tratando do tópico em questão, “o aquecimento global”, na L7, MS ressalta que não acredita na mudança de comportamento em relação ao desmatamento dizendo “nã o a-cre-di-to” e, na L9, reafirma – “nã o a-cre-di-to”. Em concordância com Marcuschi (1992: 147), é oportuno lembrar aqui que a reafirmação e reforço tem semelhanças mas não se confundem, pois o reforço realiza-se em pontos

que não são estrategicamente importantes ou essenciais na argumentação em andamento, já a “reafirmação é a sugestão de centralidade e validade de uma assertiva”. Nesse exemplo, a sequência de repetições visa esclarecer ao interlocutor a respeito sobre o tópico em andamento. Este é um caso de multifuncionalidade, a primeira R-lexical comprova sua discordância e a segunda R reafirma o seu posicionamento, contribuindo assim para a manutenção do tópico discursivo em questão.

Dado 19

Sujeito afásico: VM (sexo feminino)

Sujeitos não afásicos: HM (sexo feminino)

- 1 HM: A °°xxx°°anotou num anotou? Anotou né? °°xxxx°°
- 2 ficou de fazer uma tabela num ficou? Com as datas de
- 3 aniversário? Num ficou alguém? Pra fazer? Quando que é o
- 4 seu aniversário ((olhando para VM)) ...onze?
- 5 VM: Eh... Setembro
- 6 HM: Onze...
- 7 VM: Eh...
- 8 HM: setembro? Que dia?
- 9 VM: ((*desenha a data na mesa*))
- 10 HM: faz de novo... nove?
- 11 VM: [Oito]
- 12 HM: Oito
- 13 HM: Nove do oito É nove de agosto ok ...você escreveu...
- 14 a data? Você quer que escreva num papel pra você?

Nesse exemplo, o tópico em andamento é o dia e o mês do aniversário de VM. Na L1, HM pergunta à VM o dia e o mês do seu aniversário, em seguida realiza uma sequência de repetições visando esclarecer o interlocutor sobre o tópico em andamento. HM pergunta se é dia onze ou dia nove, em seguida, VM esclarece que é dia nove de agosto e HM reafirma – “Nove do oito...é nove de agosto”. Como se pode ver, a repetição por reafirmação contribui para a manutenção do tópico discursivo em questão.

5.2.10. Contraste

A R por contraste mostra bem o posicionamento do interlocutor em relação ao tópico em questão, nesse caso o nome do filho de EC. No segmento abaixo, esta função é plenamente desempenhada pela repetição da palavra “esquisito”, produzida de forma interrogativa por AS, de modo a atuar no desenvolvimento do tópico em andamento.

Dado 20

Sujeito afásico presente: MN, SI (sexo feminino)

Sujeito não afásico: AS (sexo feminino)

1 MN: EC isso...o: filho tem um nome também esquisito

2 AS: esquisito?

3 SI: ((risos))

No exemplo acima, o tópico conversacional é sobre o nome do filho de EC, que tem, segundo MN, um nome esquisito. A R (lexicalmente) literal produzida por AS em relação à assertiva de MN introduz surpresa que, com a mudança de entonação, dá a entender que está em desacordo com MN, objetivando em forma de desacordo esclarecer a MN. De acordo com Andrade (1998: 197), a repetição busca sair da

condição de subdesenvolvido para atingir a condição de desenvolvido. Aqui, AS se vale da R para contestar ou questionar o posicionamento de MN.

Dado 21

Sujeito afásico presente: MN, SI (sexo feminino)

Sujeito não afásico: AS (sexo feminino)

- 1 HM: A gente pode ver então... eu vejo isso senão qual
2 seria a outra por exemplo esse o Cantando na Chuva seria
3 uma sugestão? Por ser um clássico... vamos ver Casa
4 Blanca... quando a gente mostrou casa Blanca... fez o
5 maior sucesso Casa Blanca
6 MG: °°xxxxx°° todo mundo já assistiu
7 HM: Você se importa em assistir de novo?
8 CD: **Casa Blanca todo mundo já viu**
9 HM: **Todo mundo já viu quinhentas vezes Casa Blanca e tem**
10 **um monte de gente assistindo é impressionante**

No segmento acima estão selecionando o filme a que irão assistir. CD na L8 ressalta que “Casa Blanca todo mundo já viu”, mas HM em desacordo com a suposição de CD contrasta dizendo que “Todo mundo já viu quinhentas vezes Casa Blanca e tem um monte de gente assistindo... é impressionante”. A repetição, nesse caso, contribui para a manutenção e continuidade tópica.

5.2.11. Contestação

Trata-se de uma relação de discordância em relação ao seu interlocutor e acontece sempre como uma heterorrepetição (Marcuschi 1992: 149). Ainda em relação ao tópico “ausência de alguns integrantes do grupo”, eles discutem sobre a ausência de outra colega e no decorrer do tópico eles vão dizendo algumas características desse sujeito, como grande, gorda, se tem filhos, se é solteira. O exemplo abaixo vai mostrar bem a postura de MN.

Dado 22

Sujeitos afásicos presentes: SP (sexo masculino), MN, SI, VM (sexo feminino)

Sujeitos não afásicos: AS, RT (sexo feminino)

- 1 AS: e tá faltando uma outra pessoa também não tá... uma
2 pessoa nova no grupo
3 MN: Ah... é aquela gran: : : dona... gor::: da
4 AS: como ela é?
5 MN: é gorda
6 AS: gorda grandona
7 MN: sim...que tem um filhinho que veio na na na festa
8 AS: filhinho pequeno?
9 MN: é sim... ai quatro anos cinco
10 AS: quatro cinco anos... **ela tem... ela é solteira?**
11 MN: **não... não... ela tem um marido**
12 AS: [tem um marido
13 SP: [° xx°
14 RT: [como é E... o sobrenome dela mesmo
15 AS: [que veio aqui
16 SP: é
17 AS: ah... eu tô me lembrando ((risos)) como é o nome
18 dela?

19 MN: \ não sei\
20 VM: como que é
21 SP: esqueci o nome
22 MN não sei
23 AS: e a como é que é o nome dela? ((pergunta para as
24 meninas do grupo))
25 RT: é pra dizer
26 AS: é
27 RT: [ES
28 AS: [ES
29 MN: ES isso...o: filho tem um nome também esquisito
30 AS: esquisito?
31 SI: ((risos))

O exemplo expressa bem a postura de MN em relação à pergunta de AS que na L10 pergunta a EC “ela é solteira?”. Na L11, MN contesta a suposição de AS e fornece uma informação de que dispõe – “não... não... ela tem um marido”. MN repete contestando, por inferência contextual, a fala de AS, contribuindo para a fluência do tópico em andamento.

Dado 23

Sujeitos não afásicos: HM e EM (sexo feminino)

1 HM: É velho...mas este outro também que a gente tava
2 vendo é de mil novecentos e sessenta “O Sol como
3 Testemunha” (4s) e aí? o que a gente precisaria decidir
4 hoje pra poder passar no dia dezessete de abril senão só
5 vai pro outro mês
6 AS: **E tem que ser necessariamente esse?**
7 HM: **Não...não... eu sugiro esse** porque eles já têm... a
8 gente já sabe que qui: : que já tá na página... já tem a
9 propaganda

O exemplo acima retrata a relação de discordância de HM em relação ao que foi perguntado por EM – “E tem que ser necessariamente esse?”. HM ressalta que “Não...não... eu sugiro esse porque” todos já viram a propaganda do filme. HM discorda contestando o questionamento de EM, contribuindo assim para a manutenção do tópico em andamento.

5.2.12. Incorporação

Para Marcuschi (1992: 156), a incorporação revela um alto grau de envolvimento entre os interlocutores, sendo que a sua ausência indica um distanciamento entre os falantes.

Dado 24

Sujeitos afásicos presentes: SP, LM (sexo masculino), MN, SI (sexo feminino)

Sujeitos não afásicos: GM, AS (sexo feminino)

- 1 GM: O MS também né... foi pra Bahia
- 2 SP: ham
- 3 GM: foi pra Bahia né
- 4 SP: há esse aí sei sei
- 5 AS: vamos pegar os pés e dar uma giradinha (12s)
- 6 ok...isso
- 7 MN: aquele homem aquele homem que foi pra pra...falta
- 8 aqui um homem
- 9 AS: falta aqui um homem?
- 10 MN: é o que foi foi pra Bahia
- 11 AS: ah... quem é que foi pra Bahia...que falta aqui
- 12 MN: é o...aquele que fala... fala fala... fala...

13 fala... [fa: : : la fala que tráz muitos papéis pra gente
14 que...
15 AS: [alguém tem uma sugestão...o outro pé
16 AS: +volta-se para MG+ quem é que tá faltando que ela
17 descrevendo ai... um homem que fala... fala... fa: : la...
18 que foi pra Bahi: a
19 SI: é o: : qual é falto ((risos))
20 MN: SI falô o nome dele
21 SI: não sei ((risos))
22 AS: falô
23 MN: num lembra
24 AS: alguém lembra o nome desse ilustre senhor que
25 faltou...que foi pra Bahia...uma pessoa que fala...
26 fala... fala
27 MN: tem lá um filho na Bahia
28 LM: **[MS**
29 AS: [**qual é o nome dele? MS**
30 MN: **ai é o MS... /isso/** +leva as mãos à cabeça+
31 ((risos)) **eu num lembrava o nome dele**
32 LM: ((risos))

A R por incorporação opera como confirmação da matriz (M) proposta pelo interlocutor, sendo aprovada e incorporada na fala do outro. É muito importante para a manutenção tópica, pois há um envolvimento entre os interlocutores acerca do que se fala. Nota-se no exemplo acima que MN incorpora a fala de HM – “ai é o MS... /isso/ +leva as mãos à cabeça+ ((risos))eu num lembrava o nome dele”, repetindo que não lembrava o nome do colega que faltou, mostrando assim que está a par do tópico em andamento.

Neste caso, ao incorporar a fala do outro, o sujeito MN contribui para a manutenção do tópico em andamento. O tópico discutido no segmento acima é a viagem do sujeito afásico MS para a Bahia. No decorrer do tópico, HM pergunta se alguém se lembra do nome do ilustre sujeito – “qual é o nome dele? MS” e, em seguida,

MN ressalta incorporando a fala de HM dizendo “ai é o MS... /isso/ +leva as mãos à cabeça+ ((risos))eu num lembrava o nome dele”.

Dado 25

Sujeitos afásicos: SI, VM, SI (sexo feminino)

Sujeito não afásico: HM (sexo feminino)

- 1 HM: Que ano que cê nasceu Vera? Ele quer saber o
2 ano...Você quer escrever? (4s) nove de agosto de que ano?
3 ((entregando papel e caneta para Vera))
4 VM +escreve cinquenta e nove+ cinquenta e nove? Vamos
5 fazer a conta agora? Quantos anos ela tem? ((olhando para
6 MS))
7 SI: Que ano?
8 HM: Mil novecentos e cinquenta e nove
9 SI: Cinquenta e nove?
10 HM: Nove de agosto... Ela nasceu em cinquenta e nove
11 quantos anos ela tem? Ela tem ela vai fazer esse ano?

No segmento, o tópico em andamento são o mês e o ano em que VM nasceu. Na L4, VM escreve que foi em cinquenta e nove. Na L8, HM incorpora da escrita de VM, dando sequencialidade ao tópico.

5.2.13. Interação por responsividade

Considerando-se a relação entre os falantes, a R por responsividade opera como um aspecto de confirmação ao que foi dito anteriormente. Nas palavras de Norrick (1987: 249), funciona como pares adjacentes, pergunta e resposta. Pode-se dizer que o

par adjacente pergunta/resposta é utilizado para dar continuidade ao tópico (Fávero *et al.* 2006).

Dado 26

Sujeito afásico presente: SP (sexo masculino).

Sujeito não afásico: HM (sexo feminino)

1 SP: é é é aqui +aponta para o mapa mostrando os países que

2 ele tinha as listas telefônicas+

3 HM: °xxx°

4 HM: Brasil?

5 SP: Bra-Bra-Brasil e o (3s) é é ... como é hum hum ba ba

6 ba + aponta o dedo e levanta a mão mostrando no mapa+

7 HM: Itália

8 SP: é ((risos))

9 HM: ok...então o senhor tinha to... todas essas

10 SP: é... todas todas todas

11 HM: uau...vamos ver... vamos abrir os mapas aqui...então

12 sabe que a gente vai retomar aquela aquela questão que

13 a gente começou no ano passado que a gente começou de

14 ver... oia que lindo... de ver os...na lista telefônica

15 né... os seus endereços...de ver... achá...

16 opa...opa...deixa eu sentar no meu lugar...dexa eu

17 sentar no meu lugar((risos))

Na interação acima, na “Atividade ou Programa de Linguagem do CCA”, os sujeitos estão olhando nos mapas as cidades que eles têm na lista telefônica. SP, de nacionalidade francesa, ressalta que tem a lista de vários países. Percebe-se nesse segmento que SP introduz o tópico por meio de uma hesitação associada a uma ação não verbal, apontando para o mapa, mostrando os países que ele possui na lista telefônica.

Nesse seguimento, SP inicia o tópico “lista telefônica, “ mostrando a HM quais são os países dos quais ele tem a lista telefônica. SP hesita, utiliza-se da repetição lexical “é é é” e, posteriormente, aponta dizendo que “Bra-Bra-Brasile o (3s) é é ... como é hum hum ba ba ba”. A seguir, HM toma o turno perguntando se é Itália, SP confirma “é”. HM pergunta se SP tinha as listas de todos os países e ele responde responsivamente confirmando que tinha “todas todas todas”. Com uma expressão de admiração, HM utiliza-se da interjeição “uau” como forma de admiração e, em seguida, reintroduz o tópico repetindo “vamos ver... vamos abrir os mapas”, dando prosseguimento ao assunto que foi abordado no encontro anterior de ver os nomes de todos os integrantes do grupo na lista telefônica.

Dado 27

Sujeito afásico presente: MS (sexo masculino).

Sujeito não afásico: AS (sexo feminino)

1 AS: Dá tempo de assistir esses filmes? Tem quanto tempo?

2 MS: Filmes bra-si-leiros

3 AS: Nossa Senhora... você assistiu mesmo?

4 MS: Sim sim

5 HM: **Vamos afastar as mesas Ana?**

6 AS: **Vamos**

No segmento acima o tópico é sobre “filmes”. AS na L1 pergunta se dá tempo de assistir todos os filmes, mas HM, preocupada em realizar todas as rotinas, muda o tópico e pede a AS para ajudar a afastar as mesas para iniciar as atividades teatrais. Na L5, HM pede “Vamos afastar as mesas Ana?”. Na L6, responsivamente AS diz “vamos”. Neste caso, a interação por responsividade contribui para a mudança de tópico.

5.3. Aspectos formais da repetição

Em sua dimensão formal, as marcas relativas à repetição apresentam a seguinte tipologia proposta por Marcuschi (1992: 49) que retrata os aspectos relativos à produção (autorrepetição: Intraturno e Interturno), (heterorepetição: Interturno), (segmento Lexical Sintagmática e Oracional), distribuição (próxima e distante) e configuração (literal, próxima e com variação) conforme assinalado no (quadro III).

5.3.1. Produção

Considerando-se a relação entre os participantes, têm-se dois tipos de R: autorrepetição, em que a M (matriz) e a R (repetição) são produzidas pelo mesmo falante e heterorrepetição, em que a M e a R são efetuadas por falantes distintos. Vejamos, a seguir, os exemplos.

5.3.1.1. Autorrepetição

O tópico em questão são os presentes que cada um quer ganhar. Nesse segmento, EM diz por que quer ganhar uma caneta, pois a caneta lhe agrada muito, mesmo possuindo várias, como mostra o exemplo abaixo.

Dado 28

Sujeito afásico presente: NS (sexo feminino)

Sujeito não afásico: EM (sexo feminino)

- 1 EM: [se se eu ganho...eu já tenho um monte de caneta... se eu
2 ganho uma caneta colorida... uma lembrança daquela... me agrada
3 isso é é só isso... não é pra dar o que precisam... o que
4 precisa mesmo é amizade amor...
5 NS: [amizade mesmo tá certo amizade mesmo amizade mesmo

Nesse segmento, EM ressalta o tópico amigo secreto, explica que é uma brincadeira e que se ela ganhar uma caneta, mesmo tendo várias, ela vai gostar; afirma que não é para dar o que a pessoa precisa, é apenas um agrado, pois o que vale na atividade ali em curso é a amizade. Percebe-se nesse fragmento que, na L5, NS utiliza-se da autorrepetição reforçando que “é amizade mesmo... amizade mesmo amizade mesmo”, colaborando para a continuidade do tópico discursivo.

Dado 29

Sujeitos afásicos presentes: NS, MG e MN (sexo feminino)

Sujeito não afásico: EM (sexo feminino)

- 1 MG: Não com com
2 HM: Com a EM
3 MG: é
4 HM: Não sei ela deve estar chegando... ela vem... não vai
5 ser só eu hoje.... pode ficar tranquila... não vai ser só
6 eu hoje... vocês não precisam sofrer por causa disso
7 MG: Não por isso não
8 HM: tô brincando tô brincando bacana dona MN a senhora
9 quer ler
10 MN: Não

O tópico nesse segmento é sobre EM, se ela vai participar do encontro. HM menciona que “vocês não precisam sofrer por causa disso”. Na

L8, HM utiliza-se da autorrepetição reforçando que é brincadeira – “tô brincando tô brincando”.

5.3.1.2. Heterorrepetição

No segmento abaixo o tópico em questão é sobre os presentes sugeridos por cada integrante. Como os falantes estão submetidos a uma estrutura de troca, nesse caso, EC utiliza-se da heterorrepetição para reforçar o que foi dito por EM.

Dado 30

Sujeito afásico presente: EC (sexo feminino)

Sujeitos não afásicos: EM, HM (sexo feminino)

- 1 HM: pra responder o bilhete
- 2 EM: +volta-se para MN+ ah...o que então a senhora
- 3 gostaria?
- 4 pode ser eu ... pode ser o LM pode ser qualquer
- 5 EC: linha... linha... linha bordar linha num sei né
- 6 EM: é pode ser... de repente
- 7 EC? É: : : linha... novelo
- 8 EM: uma agenda dois mil e nove
- 9 EC: nove é: : : :

EM pergunta a MN o que ela gostaria de ganhar. EM, então, na L8, sugere uma agenda – “uma agenda dois mil e nove”; EC, na L9 reforça produzindo uma heterorrepetição – “nove é: : : :”, contribuindo, assim, para a manutenção do tópico.

Dado 31

Sujeito afásico presente: MS (sexo masculino)

Sujeito não afásico: EM (sexo feminino)

1 **MS:** Maravilha e-e-e-e-e eu com ela +aponta para RT+e-e-

2 eu com ela ma-ra-vilha sonho

3 **EM:** a: a você **sonhou...sonhou** com a gente

Ao entrar na sala, MS conta à EM que sonhou com RT. Na L3, EM incorpora a fala de MS, por meio da heterorrepetição, perguntando se MS sonhou com ela. EM utiliza-se da repetição para a manutenção do tópico.

5.3.1.3. Intraturno

A R intraturno ocorre sempre como autorrepetição, a M e a R são produzidas pelo mesmo falante, dentro do mesmo turno.

Dado 32

Sujeitos afásicos presentes: EC, MN (sexo feminino)

Sujeito não afásico: EM (sexo feminino)

1 EC: le quê...esse ai é bom... genda genda lê genda

2 MN: uma agenda pequinina

3 EM: uma agenda pequenina ah... pode ser

4 MS: grande... grande

5 EC: a lê genda grandão... EC... ah lê genda grandão... EC

6 EM: já entendi

7 EC: le que seja grandão

8 EM: gente... é o seguinte... se você pegou ela tem que

9 dar uma agenda grandona

Na L1, EC ressalta que quer ganhar uma agenda – “genda genda lê genda”; na L5, esclarece que deverá ser uma “lê genda grandão... ah lê genda grandão...” e, na L7, reforça – “le que seja grandão”. Percebe-se nessa passagem que EC utiliza-se da repetição intraturno com a intenção de finalizar seu turno, passando ao falante EM a oportunidade de encerrar o tópico em questão.

Dado 33

Sujeito afásico presente: MG (sexo feminino)

Sujeito não afásico: HM (sexo feminino)

1 HM: e aí vocês já assistiram o filme né... é MS que vai

2 levar o seu ingresso... há... dá tempo de escolher

3 MG: pra mim num interessa

4 HM: você já gastou né? mas tudo bem...gastou antes...

5 depois... agora...sempre uma meia entrada pra gente ir...

6 então...o horário que a gente vai é mais barato a gente

7 vai°xxx°

No segmento acima, o tópico em questão é sobre o “filme”. HM na L1 pergunta se alguém já assistiu ao filme, pois os integrantes ganharam alguns ingressos. Na L3 MG ressalta que para ela não interessa mais e HM na L4 pergunta se ela já gastou o ingresso dela – “você já gastou né?”, em seguida reforça que MG utilizou o

ingresso antes. Nesse caso, HM faz uso da repetição intraturno, com a função de interação por reforço.

5.3.1.4. Interturno

A repetição interturno se dá quando o sujeito utiliza-se da repetição em turnos diferentes. No segmento que se segue, o tópico conversacional é sobre o amigo secreto que tirou o nome de MN – ela acha que não é uma pessoa afásica por causa da letra que, segundo ela, não parece ser de uma pessoa com dificuldade de escrever.

Dado 34

Sujeitos afásicos presentes: EC, MN, VM, NS (sexo feminino)

Sujeitos não afásicos: EM, HM (sexo feminino)

- 1 EM: a letra é bonita? +volta-se para MN+
- 2 MN: é bonita mas num é assim de +faz sinal com as mãos+
- 3 EM: com dificuldade
- 4 MN: di: dificuldade
- 5 VM: ((risos))
- 6 EM: a senhora acha que é um homem ou uma mulher... a
- 7 senhora acha que um homem ou mulher
- 8 EC: le homem le homem
- 9 NS: parece que... muiê eu
- 10 EC: le homem
- 11 NS: muiê
- 12 HM: mas sabe de uma coisa
- 13 HM: ah lá
- 14 HM: tem pessoas... por exemplo... quem disse que dona SI
- 15 num pediu pra alguém escrever o bilhete pra ela
- 16 EM: pode ser

- 17 EC: é: : : :
18 HM: quem disse que a NS não pediu pra uma das filhas
19 escreverem pra ela
20 EM: [essa letra parece de moça...mas pode ser o LM
21 HM: [a MG num pediu
22 EC: /LM LM/
23 HM: o LM tem filha... pode ser de uma filha do LM...
24 pode ser a dona S pode ser uma das mini...
25 EM: é...é segredo... só mesmo a pessoa contando a semana
26 que vem +volta-se para MN+

Na L8, EC toma o turno para enunciar “le homem le homem” e, na L10, produz uma autorrepetição intraturno, reforçando o referente que é “le homem”, contribuindo para o desenvolvimento do tópico discursivo em andamento, a pessoa que retirou o nome de MN como amigo secreto.

Dado 35

Sujeito afásico presente: MG (sexo feminino)

Sujeito não afásico: HM (sexo feminino)

- 1 **MG:** a: a +abraço+ Como é que foi?
2 **HM:** Fui bem mas não fui aprovada mas tá bom
3 **MG:** a: a
4 **HM:** Vamos continuar é sempre assim né?
5 **MG:** Isso
6 **HM:** Mas tá tudo em ordem
7 **LM:** MG você quer com: ?
8 **HM:** sem açúcar
9 **LM:** Sem nada assim?
10 **MG:** mu-mu-Muito obrigada

O tópico é sobre o concurso que HM realizou. MG pergunta “Como é que foi?”, na L2 ressalta que foi bem, mas que não foi aprovada – “mas tá bom” e, na L6, repete reforçando – “Mas tá tudo em ordem”. Percebe-se que HM por meio da repetição inter-turno encerra o tópico ressaltando que está tudo bem.

5.3.2. Segmentos

De acordo com Andrade (1998: 190), mesmo não havendo um método consensual para se considerar a divisão dos segmentos repetidos, sua marca diz respeito a unidades de estrutura da língua. As marcas segmentais aqui consideradas são de tipo lexical, sintagmático e oracional. Tomemos tais marcas de forma mais detalhada.

5.3.2.1. Lexical

Esta marca é definida por Freitas (2013: 3) nos seguintes termos: “a repetição lexical ativa e reativa o signo, que acaba por desencadear uma rede isotópica, ou seja, um recorte temático capaz de conduzir o leitor ao raciocínio interpretativo idealizado pelo produtor do texto.”

Dado 36

Sujeitos afásicos presentes: EC, MN, VM, NS (sexo feminino)

Sujeitos não afásicos: EM, HM (sexo feminino)

- 1 HM: horário... a VM tá preocupada com horário pra fazer
2 pipoca
3 VM: isso mesmo
4 MS: maravilha
5 HM: tá bom... eu vou ver se a pipoca chegou tá bom
6 EM: tá... é o seguinte... o filme é dez e meia... aí umas

7 dez e dez... vou pedir pra alguém ir lá... certo... na
8 sala do telão... viu JM... pra ver se tá tudo em cima
9 HM: o bilhete o MS viu o bilhete... lê... lê o bilhete
10 MS: é: : : :
11 HM: amigo
12 MS: isso... amigo sei que [você tem um um CD
13 HM: [gosta de...
14 EM: ele tá perguntando qual?
15 MS: não é: : : : ma: rivilha

O tópico conversacional no fragmento acima é sobre o filme que o grupo vai assistir na “sessão de cinema”. HM, para esclarecer um pouco mais sobre o tópico bilhete, enuncia na L9 “o bilhete o MS viu o bilhete... lê... lê o bilhete”, criando uma digressão. A mudança de tópico se dá por meio da repetição da expressão “bilhete” e pela palavra “maravilha”. MS na L3 produz uma repetição lexical, “maravilha”, concordando com VM sobre o horário que vai fazer as pipocas. Na L14, MS repete “ma: rivilha”.

Dado 37

Sujeito não afásico: HM

1 HM: pode ficar...dona MN fica aqui na frente... ela senta
2 ali pode ficar a gente muda você vai ver que na semana
3 que vem eu vou estar sentada ali

Uma rotina do grupo é MG sentar sempre no mesmo lugar, assunto em evidência no exemplo acima. No dia deste encontro, MN sentou no lugar de MG, HM na L1 pede para a MN ficar no lugar e que na próxima semana ela iria sentar no lugar em que MN estava – “pode ficar...dona MN fica aqui na frente... ela senta ali pode ficar a gente muda você vai ver que na semana que vem eu vou estar sentada ali”. HM utiliza-se da repetição lexical para reforçando que MN pode ficar naquele lugar.

5.3.2.2. Sintagmática

Dado 38

Sujeitos afásicos presentes: MS (sexo masculino) EC, NS (sexo feminino)

Sujeitos não afásicos: EM, HM, JM (sexo feminino)

- 1 EM: ele tá perguntando qual?
2 MS: não é: : : : ma: ravelha
3 EC: CD?
4 MS: é: : mais...
5 HM: mais
6 MS: er: tanejo... não
7 EM: qualquer CD
8 MS: /não NÃO/ ((risos))
9 HM: qual...mas qual... dá uma ideia de algum artista
10 EM: qualquer CD... menos de música sertaneja
11 HM: por exemplo
12 MS: o: pera
13 EC: é: : nossa muito bom le ópera
14 MS: Clássicos
15 HM: música clássica
16 MS: NPB
17 HM: MPB
18 EM: mas sertaneja não né
19 JM: Zezé de Camargo e Luciano
20 EC: ((risos))
21 MS a: : : : +coloca a mão no rosto sinalizando que não
22 gosta+
23 EM: mas tem a democracia... o LM já gosta...NS gosta
24 também
25 NS: a: : eu gosto
26 EM: gosta MG... de sertanejo
27 MG: +balança negativamente a cabeça+

28 EM: e você EC?

29 EC: gosta... gosta aqui ah ah... +faz sinal no nariz

30 como fez o MS+

31 MS: CD... sertanejo +volta-se para SP+

32 EM: gostaria de ganhar um CD de música sertaneja +volta-

33 se para SP+

O tópico é sobre “presente”, ele ressalta por meio da repetição sintagmática que pode ser um CD, mas não pode ser de música sertaneja – “**er: tanejo... não**”, “**CD... sertanejo**”. MS repete esclarecendo que não pode ser CD sertanejo, contribuindo para a progressão tópica.

Dado 39

Sujeitos afásicos presentes: MS (sexo masculino) MN (sexo feminino)

Sujeito não afásico: EM (sexo feminino)

1 **EM:** é ele falou que vem já na semana que vem aí eu falei

2 pra ele bom aí você vai lá e a gente vê o que consegue

3 fazer a gente **faz uma oficina... faz uma oficina** e depois

4 a gente né ele chama H... é um aluno de mestrado aqui e

5 tem esse conhecimento e já trabalhou na rede pública como

6 professor

7 MN: ele também é doente também é: é

8 EM: Ele

9 MN: é

10 EM: Não o rapaz Não

11 MS: Ci-ne-as-tas

12 EM: agora eu não sei como é que faz pra fazer esse

13 negócio mas ele vai ensinar conforme for a conversa com

14 ele na semana que vem nós fazemos a oficina de teatro

15 que tal assim

O tópico em andamento é sobre a “oficina”, animação virtual. EM explica que será realizada na semana seguinte uma oficina com bonecos de massinha. EM utiliza da repetição sintagmática para explicar que irão fazer uma oficina de animação.

5.3.2.3. Oracional

As R oracionais, por serem mais extensas, são encontradas com menos frequência no *corpus*, mas não fica excluída sua produção tanto por afásicos, quanto por não afásicos. No segmento abaixo, o tópico em questão é “quem trouxe as bananas para o café”.

Dado 40

Sujeitos afásicos presentes: MS (sexo masculino) e EC (sexo feminino)

Sujeito não afásico: HM (sexo feminino)

- 1 HM: [olha as bananas...quem
2 trouxe quem quiser...olha tem até um saquinho aqui para por a
3 casca
4 EC: le banana é meu...calma aí +olhando para MS+
5 MS: banana menina que tem vitamina lalalala

Na L1 HM ressalta que tem banana para o café, “olha as bananas... quem trouxe”; e, na L3, EC motivada pela iniciativa de tomar o turno, produz uma repetição oracional esclarecendo que foi ela quem trouxe a banana – “le banana é

meu...calma aí". EC produz aqui uma heterorrepetição oracional, contribuindo para a continuidade tópica.

Dado 41

Sujeito afásico: MS (sexo masculino)

Sujeitos não afásicos: HM e AS (sexo feminino)

- 1 AS: Nossa...tem muitos filmes aqui meu Deus...
- 2 MS: ((risos))
- 3 AS: Dá tempo de assistir esses filmes? Tem quanto tempo?
- 4 MS: Filmes bra-si-leiros
- 5 AS: Nossa Senhora... você assistiu mesmo?
- 6 MS: Sim sim
- 7 HM: Vamos afastar as mesas AS?
- 8 AS: Vamos
- 9 HM: Vamo... então bora ... a NS pessoal... ela num tá
- 10 vindo ainda... ela num... que os passes dela acabaram...
- 11 vamo ver e o LM disse que viria vamos ver se ele vem...
- 12 Ah... obrigada seu SP... vamos empurrar devagar?

O trecho acima é um recorte de um encontro em que os participantes iriam selecionar alguns filmes para o grupo assistir. Quanto à introdução ao tópico, AS espalha os filmes sobre a mesa mostrando seu espanto com a quantidade de filmes. AS, na L1, introduz o tópico – “tem muitos filmes aqui meu Deus”; em seguida, na L3, utiliza-se da repetição oracional com variação, questionando se dá tempo de assistir a todos os filmes. A repetição, nesse segmento, marca ainda outra característica do tópico, a organicidade, onde as sequências textuais se desdobram em supertópicos e subtópicos. O supertópico seria a ideia principal; nesse caso, os filmes; o subtópico seria a quantidade de filmes e a nacionalidade dos filmes.

5.3.3. Distribuição

De acordo com sua colocação no texto, segundo Andrade (1998: 190), as R podem ser usadas para voltar ao tópico prévio e apresentam as seguintes posições: proximidade e distanciamento. Para essa divisão, foram adotados os pressupostos estabelecidos por Marcuschi (1992: 167) em relação aos princípios organizacionais do texto, que postulam a linearidade linguística e a sequenciação hierárquica da estrutura informacional, relativa à organização tópica e ideacional do texto.

5.3.3.1. Próxima

Dado 42

Sujeitos afásicos presentes: MS (sexo masculino), EC (sexo feminino)

Sujeito não afásico: HM (sexo feminino)

- 1 EM: quem trouxe a banana?
- 2 EC: é meu
- 3 EM: ah é...olha só
- 4 MS: [ah é
- 5 HM: [então a gente não tem prato pra comer
- 6 EC: ah...lê prata
- 7 EM: é?
- 8 EC: /lê prata/

A R próxima ocorre no espaço interno do tópico discursivo; neste caso, “banana”. EC, na L6, explica para HM que a banana é “lê prata” e, na L8, reforça em um tom mais elevado, dizendo “/lê prata/”. EC, para manter a continuidade tópica, especifica que tipo de banana ela trouxe: a banana prata.

Dado 43

Sujeito não afásico: HM (sexo feminino)

1 **HM:** Então eu estava contando que foi o resultado do
2 mestrado dele... que ele fez e a pesquisa de mestrado...
3 ele fez a partir do trabalho que ele fazia aqui e daí
4 depois ele transformou a dissertação dele de mestrado em
5 um livro e aí teve o lançamento... lembra que o sr SP o
6 MS o LM foram... lembra que teve o convite e essa semana
7 teve em São Paulo de novo

O tópico é “o que faz JT”, um ex-aluno do mestrado. EM explica quem é JT utilizando-se da repetição lexical pronominal “ele”, fazendo referência a JT por meio da repetição próxima.

5.3.3.2. Distante

Dado 44

Sujeitos afásicos presentes: MS, LM (sexo masculino), EC, MN, VM, NS (sexo feminino)

Sujeitos não afásicos: HM, EM (sexo feminino)

1 HM: tem pessoas... por exemplo... quem disse que dona SI
2 num pediu pra alguém escrever o bilhete pra ela
3 EM: pode ser
4 EC: é: : : :
5 HM: quem disse que a NS não pediu pra uma das filhas
6 escreverem pra ela
7 EM: [essa letra parece de moça...mas pode ser o LM
8 HM: [a MG num pediu
9 EC: /LM LM/
10 HM: o LM tem filha... pode ser de uma filha do LM...
11 pode ser a dona S pode ser uma das mini...

- 12 EM: é... é segredo... só mesmo a pessoa contando a semana
13 que vem +volta-se para MN+
- 14 HM: e... pode ser qualquer um dos... pode ser qualquer um
15 dos alunos lá...dos alunos de fono... pode ser qualquer
16 um de nós... qualquer
- 17 MN: eu num sei... co-com quem seja
- 18 HM: então
- 19 EM: ótimo
- 20 HM: essa é a brincadeira
- 21 MN: é é o que é que eu vô pedi
- 22 EM: uma agenda a senhora falou... uma agenda pequenina
- 23 LM: ((risos))
- 24 EC: [((risos))]
- 25 MN: dá trabalho
- 26 HM: num dá trabalho dona MN
- 27 EC: uma genda grandão
- 28 NS: nada
- 29 HM: dá opções dona MN... fala uma agenda ou... que mais?
- 30 EC: CD... ele procura... procura... achá... não
31 perdido...
- 32 HM: CD
- 33 EC: CD CD... isso... le procura EC... le campinho
34 procura achá
- 35 VM: +volta-se para EM + alguém mais
- 36 EM: fala... alá²⁴ gente a VM
- 37 HM: horário... a VM tá preocupada com horário pra fazer
38 pipoca
- 39 VM: isso mesmo
- 40 MS: maravilha
- 41 HM: tá bom... eu vou ver se a pipoca chegou tá bom
- 42 EM: tá... é o seguinte... o filme é dez e meia... aí
43 umas dez e dez... vou pedir pra alguém ir lá... certo...
44 na sala do telão... viu JM... pra ver se tá tudo em cima
- 45 HM: **o bilhete o MS viu o bilhete... lê... lê o bilhete**

²⁴ A expressão significa “olha lá”

As R distantes instauram-se na retomada de um tópico discursivo. HM, na L2, introduz o tópico “bilhete”, comentando a respeito da letra de quem escreveu o bilhete. A seguir, na L37, muda o tópico, perguntando sobre o horário da pipoca. Para exemplificar essa mudança, HM ressalta “horário... a VM tá preocupada com horário pra fazer pipoca”; continuam falando sobre o filme e posteriormente retoma-se o tópico bilhete, utilizando-se da repetição sintagmática – “o bilhete, lê o bilhete”, reintroduzindo o tópico em questão: “bilhete”.

5.3.4. Configuração

Este aspecto refere-se à relação estabelecida entre uma R e sua M. Tal relação pode ser de literalidade (R idêntica) ou de variação. Esta última pode ser equivalente quanto à forma, ou seja, há equivalência de ordem lexical ou estrutural, ou pode ocorrer uma variação relativa ao conteúdo, isto é, entre a R e a M há equivalência ou similaridade de natureza semântica.

5.3.4.1. Literal

A R literal é aquela produzida da mesma forma. Neste caso, o tópico em questão é o “bilhete” que o MS recebeu de seu amigo secreto. O segmento abaixo traz esse fenômeno:

Dado 45

Sujeitos afásicos presentes: MS (sexo masculino), EC (sexo feminino)

Sujeitos não afásicos: HM, EM (sexo feminino)

1 HM: o bilhete o MS viu o bilhete... lê... lê o bilhete

2 MS: é: : : :

- 3 HM: amigo
4 MS: isso... amigo sei que [você tem um um CD
5 HM: [gosta de...
6 EM: ele tá perguntando qual?
7 MS: não é: : : : ma: ravelha
8 EC: CD?
9 MS: é: : mais...
10 HM: mais
11 MS: er: tanejo... não
12 EM: qualquer CD
13 MS: /não NÃO/ ((risos))

No exemplo acima, HM pede para MS ler o bilhete do amigo; em seguida, MS produz uma heterorrepetição literal incorporando a fala de HM, dando continuidade ao que está escrito no bilhete – “isso... amigo sei que [você tem um um CD”. Eis aqui a repetição com a função de continuar o tópico discursivo em andamento.

5.3.4.2. Com variação

Dado 46

O tópico em questão é sobre “presente” para o amigo oculto.

Sujeitos afásicos presentes: MS (sexo masculino), EC, NS (sexo feminino)

Sujeitos não afásicos: HM, EM, JM (sexo feminino)

- 1 HM: qual...mas qual... dá uma ideia de algum artista
2 EM: qualquer CD... menos de música sertaneja
3 HM: por exemplo
4 MS: o: pera
5 EC: é: : nossa mui bom le ópera
6 MS: Clássicos
7 HM: música clássica
8 MS: NPB

9 HM: MPB
10 EM: mas sertaneja não né
11 JM: Zezé de Camargo e Luciano
12 EC: ((risos))
13 MS a: : : : +coloca a mão no rosto sinalizando que não
14 gosta+
15 EM: mas tem a democracia... o LM já gosta...NS gosta
16 também
17 NS: a: : eu gosto

Neste tópico sobre o presente de amigo secreto, alguém sugere um CD para dar a MS. EM, sabendo do gosto de MS, informa que pode ser qualquer um, menos de música sertaneja. Na L15, EM menciona que “tem a democracia... o LM já gosta... NS gosta também” e NS, responsivamente, produz, na L17, uma repetição com variação – “a: : eu gosto”, contribuindo para o encerramento do tópico discursivo.

Dado 47

Sujeito não afásico: EM (sexo feminino)

1 **EM:** a: a tem um novo grupo de alunas estagiárias de
2 fonoaudiologia mas então vamos apresentar elas a vocês
3 caso vocês se interessem em dar seguimento a aquele
4 acompanhamento individual de vocês e para benefício do
5 grupo elas ajudam a gente a fazer também um jornalzinho

No exemplo acima, EM explica ao grupo que tem um novo grupo de alunas estagiárias de fonoaudiologia – “alunas estagiárias de fonoaudiologia, mas então vamos apresentar elas”; utiliza-se da repetição com variação com a função de esclarecer sobre o tópico discursivo em andamento: “novos estagiários”.

Passaremos, a seguir, à discussão dos resultados e teceremos nossas considerações finais.

Capítulo 6 – Discussão dos resultados e considerações finais

6.1. Discussão dos resultados

Para um bom entendimento do *corpus*, realizaremos, baseando-nos em Koch (2006: 82), as denominações que serão empregadas na análise do tópico. Um conjunto de segmentos tópicos forma os subtópicos; diversos subtópicos formam o quadro tópico e, por último há um tópico superior que engloba vários tópicos, o supertópico. O diagrama (quadro V) abaixo exemplificará melhor essa estruturação tópica.

Antes de enfocarmos o quadro tópico, lembraremos rapidamente o modelo comum de tópico, “*aquilo sobre o que se fala*” (cf. Koch 2006: 81), que estamos eguindo nesta pesquisa.

Para Marcuschi (2006: 10), “a noção de tópico diz respeito à produção enunciativa dos objetos de discurso mediante modos de enunciação sociocognitivamente situados”. A proposta desse autor é a de que “quando utilizamos a língua para produzir novos enunciados, não estamos apenas transformando objetos do mundo em objetos de discurso, mas estamos produzindo *objetos de discurso*”.

Fávero (2001: 40) ressalta uma característica essencial e definitiva do tópico discursivo: “a centração norteia o tópico de tal forma que, quando se tem uma nova centração, tem-se um novo tópico”. Já a segunda propriedade da noção de tópico, a organicidade, diz respeito, especialmente, às relações de dependência tanto no plano intratópico, quanto no intertópico.

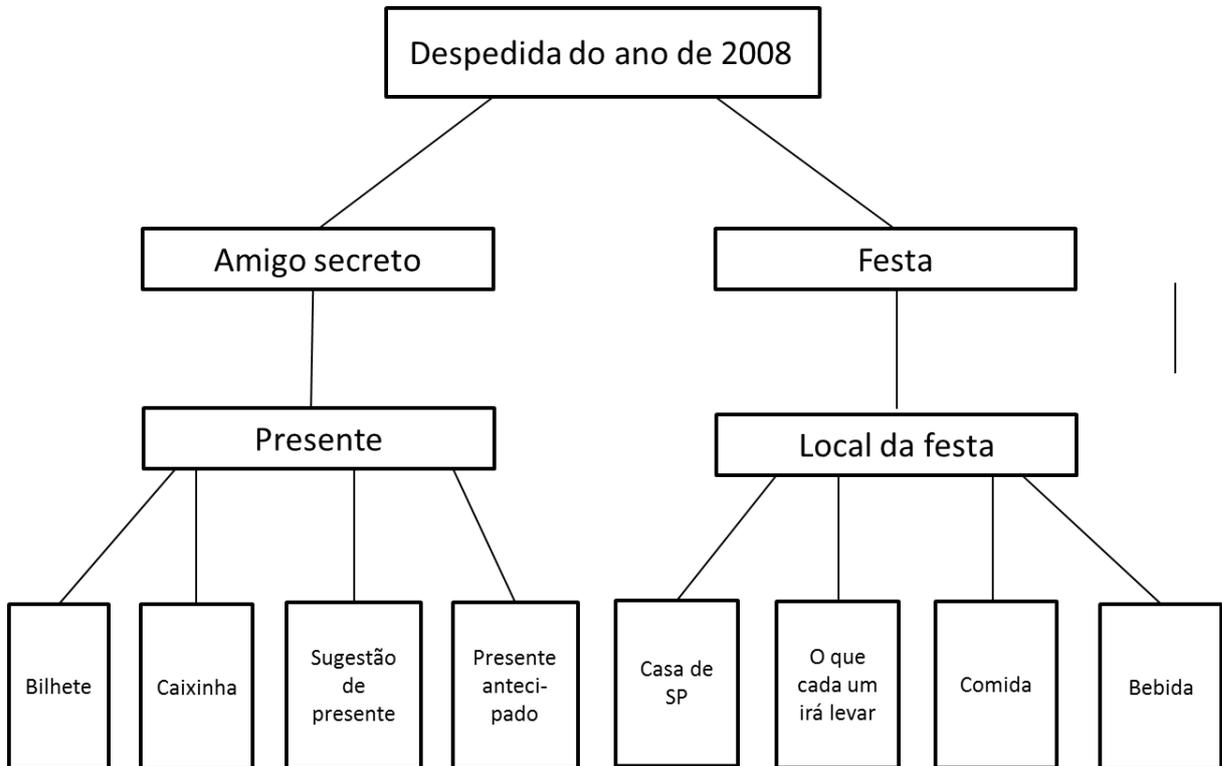
A organicidade é a propriedade que, segundo a autora, permite estabelecer a abrangência e a organização textual dos tópicos, bem como as perspectivas assumidas pelos interactantes. A organicidade abrange, assim: i) o plano hierárquico, consoante as dependências de superordenação e subordenação entre tópicos que se implicam pelo grau de abrangência do assunto; ii) o plano linear, relativo às articulações intertópicas em termos de adjacência ou interposições de tópicos diferentes na linha do discurso

(Jubran 2006b: 94). O plano hierárquico, cumpre destacar, é o que configura, de acordo com a autora, uma relação dinâmica de ordenação dos tópicos, uma relação vertical em que um tópico maior se desdobra em tópicos menores em função da abrangência referencial e temática (Jubran 2002 [1992], 2006b), permitindo que se estabeleçam, para fins analíticos, os “quadros tópicos” (QT). Tais QT são caracterizados por duas condições imprescindíveis, de acordo com Jubran (2002): a de Supertópicos e a de Subtópicos. A autora considera ainda uma terceira condição possível, a de um tópico que possa vir a ser, a um só tempo, Supertópico ou Subtópico, caso faça a mediação entre dois níveis não imediatos (Jubran *et al.* 2002 [1992])²⁵.

Fazendo uma discussão mais exaustiva do exemplo 1 sobre a organização tópica da conversação, iniciamos pautando o foco principal: “despedida do ano de 2008”. Procuramos, assim, pontuar a repetição como organizadora do tópico, observando o esquema apresentado a seguir.

25 Nesse caso, tal condição segue as características aqui dispostas: “a) centração num tópico mais abrangente (SUPERTÓPICO, ST), que recobre e delimita a porção de discurso em que ele é focal; b) divisão interna em tópicos co-constituintes (SUBTÓPICOS – SbT), situados numa mesma camada de organização tópica, na medida em que apresentam o mesmo teor de concernência relativamente ao ST que lhes é comum; c) subdivisões sucessivas no interior de cada tópico coconstituente, de forma que um tópico pode vir a ser ao mesmo tempo ST ou SbT, se mediar uma relação de interdependência entre dois níveis não imediatos” (Jubran 2002: 346).

Quadro V – Quadro Tópico



O exemplo acima foi analisado anteriormente e fragmentado para evitar a exaustão na leitura (conferir o texto completo no anexo I). O dado compõe-se de dois subtópicos (**presente e preparativos para a festa**), dois quadros tópicos (**amigo secreto, festa**), oito segmentos tópicos (**bilhete, caixinha para deixar os bilhetes, escolha dos presentes presente antecipado**), local da festa (**casa de SP, o que cada um irá levar, comida, bebida**) e um supertópico (**despedida do ano de 2008**).

Como se pode ver, por ser um dado de maior extensão, percebem-se algumas discontinuidades e quebras tópicas, muito comuns no contexto conversacional. Observa-se que, da L1 à L60, houve a manutenção de tópico (festa de final de ano), mas na L77 percebe-se a mudança de tópico, passando-se a falar sobre café, doença (do esposo de NS), cabelo (do cabelo de NS), fotos de MG, dentre outros assuntos e, só na L166, EC retorna ao tópico conversacional “amigo secreto” e, mais uma vez, outros

assuntos são inseridos. Na L187, EC menciona as fotos trazidas por MG, ressaltando também os jornais do CCA, sobre a sua distribuição aos integrantes do grupo, aos familiares, dentre outras pessoas. HM, insistentemente, retoma o tópico “bilhete” e fala, na L330, sobre os bilhetes que foram deixados na caixinha. Continuam falando sobre os presentes que cada um quer ganhar. Mas HM na L373 interrompe o tópico focando sobre os jornais que seriam entregues a todos do CCA, mas os integrantes não dão continuidade ao tópico, continuam a falar sobre os presentes que querem ganhar. Na L407, ES resalta mais uma vez o jornal e, na L411, não querendo perder o foco da interação, fala sobre a importância de darmos continuidade ao tópico, discorrendo como cada um irá contribuir para que a “festa de final de ano” aconteça, menciona sobre o lugar da festa, se seria mesmo na casa de SP.

É importante observar que, durante todo o processo interacional, a repetição foi uma grande condutora do tópico, seja para reforçar, seja para intensificar e reintroduzir o tópico, dentre outras funções. Observa-se também, de acordo com Koch *et al.* (2006: 88), que os limites da unidade tópica são depreensíveis não apenas pelo conteúdo, mas também por um conjunto de aspectos formais e funcionais como a autorrepetição, que, de acordo com Marcuschi (2006: 223), configura-se quando o falante reproduz a repetição em seu contexto conversacional, ou seja, autorrepete-se. Exemplo disso é a fala de NS, afásica, quando utiliza a autorrepetição para reforçar o seu argumento “[amizade mesmo tá certo amizade mesmo amizade mesmo”, dando continuidade ao tópico em andamento, aos amigos do CCA que irão receber o presente.

Já nas heterorrepetições, o interlocutor repete o segmento dito pelo locutor, seja para reforçar, seja responsivamente, como no caso do afásico SP na conversa com a não afásica HM, no momento em que esta diz “ok...então o senhor tinha to... **todas** essas”, SP responde, “é...**todas todas todas**”, funcionando a repetição, aqui, como manutenção tópica.

Em se tratando das repetições lexical, sintagmática e oracional, percebe-se a relevância dessas marcas no processo conversacional contribuindo para a manutenção ou desvio do tópico. No caso do diálogo entre MS, afásico, e EM, não afásica, MS resalta que não quer ganhar um CD de música sertaneja, em seguida EM vira-se para

SP e pergunta se ele “gostaria de ganhar **um CD de música sertaneja**”. EM repete o sintagma produzido por MS, focalizando outro interlocutor; nesse caso, o afásico SP, contribuindo para a manutenção tópica.

Analisando os dados, percebe-se que as repetições oracionais são produzidas em maior quantidade pelos falantes não afásicos; isso se explica por ser uma produção mais longa, o que dificulta a produção dos afásicos. O exemplo em questão indica que HM, não afásica, pede para olhar as bananas, dizendo: ‘**[olha as bananas...quem quiser...olha tem até um saquinho aqui para pôr a casca]**’; em seguida, EC, afásica, diz ‘**le banana é meu...calma aí**’, produzindo um enunciado para esclarecer os interlocutores sobre quem trouxe a banana.

Outro aspecto da forma de repetição é a distribuição, que pode ser classificada em próxima, contígua e distante. No decorrer do *corpus*, percebe-se a importância dessas formas para a organização tópica. Observa-se a repetição próxima, como no exemplo a seguir, em que EC, afásica, qualifica a banana: “**ah...lê prata**” e, em seguida, EM, não afásica, a questiona: ‘é?’, recebendo a confirmação de EC por meio de um reforço “**/lê prata/**”.

Observa-se também a repetição contígua, quando há a necessidade de expansão ou mesmo hesitação no decorrer do tópico, como no exemplo em que MS, afásico, ressalta que é “**mui: to /MUI: : TO/**” bom guardar fotografias, que fazem parte da nossa vida. No que se refere à repetição distante, nos dados não foram encontradas essa forma de repetição por parte dos afásicos.

No que tange ao aspecto configuração, as marcas literal e com variação configuram formas de participação do interlocutor no processo interacional, seja repetindo o outro literalmente para reforçar, ou com variação, marcando assim a colocação, funcionando sempre como manutenção tópica. O exemplo em questão mostra como MS, afásico, participa da interação enunciando “**maravilha maravilha**”, produzindo a palavra *maravilha*, repetindo-a literalmente. No que se refere à repetição com variação, temos o exemplo em que HM, não afásica, pergunta a

SP se é do Brasil que ele está falando “Brasil?” e SP, afásico, responde “**Bra-Bra-Brasil**”.

A presença da correção é constante na linguagem oral, já que não se pode apagar o que se disse. No *corpus*, temos o exemplo da correção da palavra “carxinha/caxinha”, no momento em que EC queria esclarecer que era para deixar o bilhete na caixinha: repete a palavra corrigindo-a.

A repetição por intensificação ocorre quando NS, afásica, esclarece sobre os problemas do marido “então as costa **direto... direto... direto** as costa R já passou médico... remédio... miora... depois vorta...vorta”. Pode-se perceber que, na explicação de NS, ela utiliza uma repetição lexical de compreensão por intensificação “**direto... direto... direto...**”.

Como exemplo, analisamos a repetição por reforço “**triste** EC”, “**le triste** EC”. Ao participar da interação, EC, afásica, revela que o não recebimento do bilhete lhe causou tristeza. Note-se que a repetição por reforço opera com vistas a manutenção do tópico em andamento.

A repetição por esclarecimento ocorre quando EC, afásica, introduz um subtópico: “tiara”. Denominamo-lo subtópico por fazer parte do tópico cabelo. EC pergunta sobre a “tiara” e, na L124, repete “tiara... ai” esclarecendo a NS sobre o que ela está falando. NS, afásica, incorpora a fala de EC, dizendo: “aqui oh...lá em casa tem... tem tiara... um monte”.

No que se refere a repetição por responsividade, esta ocorre quando há uma participação direta do alocutário na interação, contribuindo para o desenvolvimento do tópico em questão; significa que os interlocutores estão responsivamente participando da interação: “brincadeira” “brincadeira”.

No que se refere à repetição por sequenciação, a sequência e a estrutura são partes necessárias da compreensão dos mecanismos de sequenciação, uma vez que estas fazem-se interdependentes, encadeiam-se no texto, sendo essenciais para a progressão

textual. NS, afásica, explica que o seu cabelo fez muito sucesso: “escuta a Sônia a menina falou assim NS bonito demais... Roberto...Roberto o: : Che...nossa **cabelo** bonito a Rejane... ééé... hoje no ponto...olha assim sabe... a Vânia a Vânia é prima né... NS não conheci você NS... o cabelo... eu falei **vixe maria**... a Sônia falô vô **cortar**... vou **cortar assim curtim**... /não... não/ vou **cortar**... então vô embora... não é brincadeira”.

Como se pode observar, o uso de repetições que estão ao serviço da coesão por sequenciação, funciona como estratégia de monitoração rítmica de coerência, favorecendo a coesão e auxiliando a geração de sequências mais compreensíveis. “Propiciam uma textualidade, sobretudo no caso das repetições, tornam-se um mecanismo que contribui para a sintaxe e organização discursiva” Marcuschi (1999: 1).

A coerência do texto falado ou escrito, está submetida a inferenciações sucessivas comandadas parcialmente pelas evidências textuais e parcialmente por realidades mentais (e.g. Marcuschi 2006: 20); não está inscrita no texto, mas submete-se a um conjunto de indicadores como aqueles relativos a festa, como comida, bebida, música, presente. O controle textual não se prende à sua imanência e resulta de processamentos complexos relativos aos aspectos internos e externos ao texto. Entre os aspectos internos mais relevantes está a repetição lexical por sequenciação, função relevante para o desenvolvimento e progressão do tópico textual. Trata-se de uma progressão linear produzida pelos materiais linguísticos envolvidos na organização e encadeamento informacional, “sua característica básica é não depender de relações textuais imediatas, mas de atividades cognitivas mediadoras”. Nesta perspectiva, a R evidencia-se como uma estratégia eficaz para a sequenciação de unidades, favorecendo a coesividade do texto, bem como a progressão tópica.

Vale salientar que os sujeitos afásicos, mesmo apresentando um quadro de afasia, atuam de forma expressiva para a manutenção, desenvolvimento e progressão tópica. Observa-se o uso expressivo das variadas formas e funções da R na linguagem dos sujeitos afásicos, desmitificando as visões mais tradicionais que relatam que a afasia tem sido relacionada com a perda ou a alteração da metalinguagem ou da competência

linguística, que afirmam dos que são incapazes de manter e organizar o tópico discursivo ou orientar os atos comunicativos como a argumentação, referencição ou a relevância comunicacional (Morato 2006: 105).

A R por referencição é um mecanismo encarregado de remeter elementos que podem fazer referência e/ou ativar inferências, dentro do âmbito textual, de acordo com o seu contexto. O exemplo analisado apoia bem essa ideia: “**Sônia** gostô... nossa... nossa segunda terça...a **Sônia**...nossa NS **Sônia**... senhora...que lindo... eu falei... é caro mas a **Sônia** compensa... nossa **Sônia**... nossa **Sônia** eu falei assim eu num gosto num gosto o Cabelo curto parece que é nova... o cabelo grande parece que é veia”. A afásica NS desenvolve o seu discurso repetindo o nome ‘Sônia’, fazendo referências positivas a essa pessoa.

A referencição está relacionada com a maneira pela qual introduzimos novos elementos em um texto e, também, ao modo como os referentes são retomados e se relacionam nentre si (Marcuchi 2006). A referencição sustenta-se na coesão referencial, “aquela em que um componente da superfície do texto faz remissão a outro(s) elemento(s) nela presente (s) ou inferíveis a partir do universo textual” (Koch 2010: 31). Este mecanismo é o encarregado de remeter elementos que podem fazer referência e/ou inferência, no âmbito textual, de acordo com o seu contexto.

No que tange a R por reafirmação, essa costuma ocorrer mais de uma vez nas interações em que aparece. Na L137, NS, afásica, ressalta que não gosta de cabelo grande: “o **Cabelo curto** parece que é nova... o **cabelo grande** parece que é veia”. Há uma intervenção de ES, que menciona que “ai depende se vê de frente se vê atrás”, em seguida NS reafirma que “o **cabelo grande** se parece que é veia”.

A contestação ocorre, por exemplo, quando MG, afásica, na L164, pede “café; ES atende ao pedido de MG, afásica, e pergunta: “**sem açúcar... sem nada** sem...”; NS, na L172, r esponde, dizendo “é **puro** ele... é **puro** ai: ”.

Em nível global, pode-se dizer que as repetições operam sempre na condução do tópico discursivo, visando à sua reintrodução, manutenção ou desvio. Assim, o exemplo 1 (secção 5.1), por ser um texto com poucos recortes, mostra que as R marcam bem a centralização e a organização do tópico. Contudo, como o texto se produz linearmente, é preciso marcar essa progressão textual e, para isso, o falante lança mão de recursos sintáticos, ou seja, emprega marcas formais que assinalam as condições interacionais, dentre as quais tem-se a repetição. A R auxilia a reintroduzir o tópico discursivo, pois tem caráter bidirecional (retrospectivo e prospectivo), já que serve para pinçar o tópico que ficou interrompido e, ao trazê-lo novamente à tona, faz com que ele tenha (ou fique disponível para) dar continuidade ou progressão.

Como se pode ver, a intervenção direcionada sob esse enfoque permite ao sujeito cérebro-lesado agir sobre suas dificuldades, organizando formas alternativas de lidar com elas, visando atingir a significação. A relação não é baseada no déficit ou no que se perdeu, mas os processos patológicos são tomados como uma prática de determinada situação e relacionados aos processos normais de significação. As situações interativas criadas entre afásico e não afásico, por exemplo, são contrapostas com o uso social da linguagem, de maneira que o afásico perceba "que o sentido não é dado previamente, mas se faz em meio a contingências enunciativas e antropoculturais" (Coudry 2002: 113).

6.2. Considerações finais

Ao final desse percurso, podemos avaliar o que foi possível averiguar em relação à R enquanto organizadora do tópico na linguagem de afásicos e não afásicos.

Com o intuito de organizar os achados alcançados por nossas análises, retomamos a hipótese inicial sobre o tópico discursivo na dinâmica conversacional envolvendo afásicos e não afásicos, analisando as ocorrências das formas e das funções da repetição (R) enquanto organizadora da estrutura tópica, nomeadamente nas condições de introdução, manutenção e mudança/desvio de tópico.

A repetição nas afasias, assim como ocorre na linguagem de sujeitos não afásicos, apresenta regularidade quanto à sua estrutura e ao seu funcionamento, tendo lugar nos diversos níveis linguísticos e podendo ser frequentemente identificada em situações de hesitação, correção, expansão (Ramos 1983; Tannen 1987, 1989; Norrick 1987; Johnstone 1987; Marcuschi 1990 e 2006; Koch 1993, 2001, 2005), dentre outros. No entanto, poder-se-ia afirmar que, na linguagem de sujeitos afásicos, o processo de repetição enquanto organizadora do tópico se mantém com a mesma regularidade que na linguagem de não afásicos?

O fato de termos encontrado as formas e funções da R, tanto no discurso dos afásicos, quanto no dos não afásicos sugere que, do ponto de vista interacional, a R segue sua função primordial, a de garantir a compreensão. No entanto, observa-se no *corpus* um número elevado de repetições por hesitação, expansão e correção por parte dos afásicos, o que se deve aos déficits linguístico-cognitivos que as afasias apresentam na forma das parafasias, do agramatismo e da dificuldade em encontrar palavras, em particular.

Quanto à questão do tópico discursivo, percebe-se que, na maioria das vezes, a introdução tópica e ou mudança tópica se deu por parte do não afásico. A mudança de tópico por parte dos afásicos se deu sempre em situações não direcionadas, como, por exemplo, a hora do café. Como as atividades desenvolvidas no CCA são regularmente direcionadas, fica a cargo do sujeito não afásico a atividade de introdução do tópico conversacional, mas, para que haja uma ação conjunta sobre a manutenção e/ou o

desvio do tópico, a participação do afásico é essencial para o reconhecimento de intenções e para a preservação do intuito comunicacional. Nesse sentido, não podemos afirmar que o afásico participa apenas da manutenção ou da continuidade tópica.

Isso significa que os componentes linguísticos e interacionais compõem de tal forma na linguagem dos afásicos que se torna impossível dizer que a R enquanto organizadora do tópico opera na linguagem desses sujeitos com o intuito de solucionar problemas. Mais precisamente, é preciso definir a R como reguladora constante da atividade linguística em seus diversos graus de heterogeneidade. Se a introdução do tópico é uma tarefa muitas vezes laboriosa para o afásico, também podemos observar nos dados como os aqui apresentados que não lhe é destituída a postura reflexiva relativamente à língua, bem como a seus processos formais e funcionais.

Percebemos que a R instaura a coesão no discurso de afásicos e não afásicos, favorecendo a sequência comunicativa e a compreensão. Assim, a textualidade se estabelece de modo mais dinâmico, já que permite um envolvimento interpessoal mais estreito. Pode-se dizer, então, que a R contribui para a sintaxe e a organização discursiva, na medida em que auxilia na progressão textual no nível linear (coesão), ou seja, nas topicalizações, ênfases ou manutenção dos referentes, bem como no nível hierárquico (coerência), fazendo emergir uma forma de relevância marginal, motivacional, metaconversacional (Andrade 1998: 203).

Se toda conversação, como postulou Grice, é comandada pelo princípio da cooperação entre indivíduos – e não parece ser diferente em relação à conversação que envolve afásicos –, só se estabelecendo e se mantendo se houver algo sobre o que conversar, no *corpus* desta pesquisa, pôde-se perceber que o tópico principal se manteve apesar das várias interrupções e demais características da linguagem dos afásicos. Observou-se também que o ambiente e o contexto atuaram de forma relevante na produção das mudanças e dos desvios de tópicos analisados. As interrupções analisadas foram de dois tipos: i) aquelas em que o tópico conversacional é mantido, já que são elocuições constituídas de elementos que compõem um mesmo assunto e, por isso, caracterizam os subtópicos (desvios ou quebras de tópico – um novo curso do tópico); ii) e aquelas em que o tópico conversacional dá lugar a outro tópico, já que são

elocuções constituídas de elementos que compõem outro assunto e, por conseguinte, devem ser chamadas de mudanças de tópico em si.

Assim, pode-se dizer que a R é um mecanismo que serve para articular informações dadas à nova, mantendo, com isso, a relação de topicalidade. Nesse sentido, constitui-se como ponto de referência para a rearticulação do discurso. Consideramos que o texto constrói-se e progride com base nas formas e nas funções da repetição. A análise das interações permite-nos referendar a asserção de que a R é uma característica da conversação face a face, uma vez que a topicalidade organiza o discurso, permitindo a continuidade, a centração e a organicidade.

A R é um recurso recorrente que os sujeitos afásicos e não afásicos utilizam para participar da conversação e manter o fluxo interacional nas práticas discursivas (cf. Mira (2012: 150). A utilização desse recurso, no contexto das afasias, não deixa de evidenciar alguns déficits linguísticos impostos pela condição afásica, tais como a hesitação, a correção, dentre outros. Por outro lado, permite entrever que o conhecimento das particularidades do uso da linguagem e das propriedades da conversação não é prejudicado pela carência metalinguística que caracteriza a afasia.

Sendo assim, o papel organizador do tópico discursivo é de fundamental importância em qualquer processo interacional, tanto quanto a estruturação conversacional é na organização da topicalidade. No que tange às interações observadas, vimos que houve manutenção, introdução e mudança tópica, tanto por parte dos afásicos, quanto dos não afásicos, mostrando, assim, que o tópico atua como elemento responsável pelo engajamento dos participantes e pela negociação entre os interactantes. Podemos considerar, no âmbito deste trabalho, que a R é grande favorecedora do tópico, atuando como fio condutor da organização discursiva, constituindo um traço fundamental para definir os processos de entrosamento e colaboração entre os falantes na determinação dos núcleos comuns para demonstrar a forma dinâmica pela qual a conversa se estrutura.

Diante dos resultados obtidos, vimos como pode ser a competência multifacetada, heurística e estratégica, dependente dos processos de significação que constituem e se constituem nas interações. Evocando Morato (2006: 107), diríamos que

as ações linguísticas e cognitivas realizadas por afásicos surpreendem não porque se servem de processos outros que não a linguagem para dar conta da produção e da expressão da significação, mas porque é da linguagem e da reflexão sobre ela que toda interação potencialmente supõe e permite que se criem condições para superar as limitações da afasia em que são recorrentes as dificuldades de acesso lexical ou de processamento linguístico, bem como as alterações de ordem fonético-fonológica ou sintática.

Pode-se dizer, tendo em vista todo o exposto, que a interação no CCA organiza-se em função do tópico que configura o enquadre interativo definido pelas formas e funções da R, pois as qualidades específicas das práticas interativas que ocorrem dependem não só dos fatores intrínsecos da conversação, mas também da configuração social do grupo. Assim, reforçamos com os dados aqui analisados a hipótese de que os afásicos não perderam sua competência relativamente à linguagem que lhes permite interagir nas situações conversacionais, manipulando de forma satisfatória as formas e as funções da R, contribuindo para a centração e a organicidade tópica. Não podemos negar que, frente aos déficits linguísticos que as afasias acarretam, os sujeitos afásicos demonstram que o conhecimento das regras da conversação não está destruído ou perdido em decorrência da afecção do sistema linguístico. Os afásicos reconhecem e participam da configuração textual-interativa da conversação, manifestada pela movimentação do tópico, das formas e das funções da R.

Evidenciou-se ainda que a R é um dos princípios organizadores para a coerência textual, pois, para que o texto apresente continuidade tópica, é necessário que a progressão tópica se realize de forma que não ocorram rupturas definitivas ou interrupções excessivamente longas do tópico discursivo em andamento, pois a topicalidade constitui um princípio organizador do discurso, sendo mantida pelas repetições lexicais, semânticas, dentre outros elementos linguísticos e extralinguísticos. Nas palavras de Fávero (2006: 101), “o tópico precisa ser visto como algo dinâmico e resultante de deslocamentos operados pelos interactantes”. O processo repetitivo só pode ser devidamente configurado se associado à elaboração de um tópico discursivo. Qualquer que seja a manifestação linguística da R, percebemos que é no interior de um segmento tópico que são apreendidas as similaridades entre construções linguísticas

(Jubran 2006: 37). Sendo assim, a manutenção do tópico permite a todos operarem eficientemente com os recursos compartilhados, tornando-se os participantes mais ou menos ativos no processo de interação.

No entanto, a despeito da riqueza dos dados obtidos, estamos certos da complexidade do tema e da necessidade de uma análise mais aprofundada. Assim, julgamos ser o presente trabalho, que não pretende esgotar o tema, uma pequena contribuição para o estudo da R enquanto organizadora do tópico no contexto da linguagem afásica. Os resultados abrem possibilidades de novas abordagens da produção linguística e comunicativa de afásicos, baseada, sobretudo, na relevância de expedientes sociais e terapêuticos de caráter interacional para o entendimento e enfrentamento da condição afásica. A investigação das práticas conversacionais, tomadas enquanto fenômeno sociocognitivo, pode fornecer ganhos heurísticos, no contexto patológico, para o entendimento das relações entre linguagem e cognição, bem como permite rediscutir, no âmbito dos estudos linguísticos, o próprio conceito de afasia que, em geral, é “amparado num logocentrismo que se deixa ver de forma quase caricatural nas baterias de testes-padrão utilizados nos diagnósticos” (Mira 2012: 154).

À guisa de conclusão, esperamos que o presente trabalho tenha logrado colaborar para uma aproximação dos quadros afásicos, buscando compreendê-los não somente a partir de sua dimensão patológica, que limita a vida do sujeito, mas, sobretudo, permitindo que os sujeitos acometidos por essa patologia possam ser percebidos socialmente a partir de uma perspectiva de reconhecimento do uso de expedientes linguísticos e interacionais para participarem, como falantes, do “exercício prático das potencialidades cognitivas do ser humano em suas relações interpessoais” (Marcuschi 1998: 07), ou seja, a conversação. Com o presente trabalho, na esteira dos estudos sobre a conversação, percebemos que o tópico discursivo é a base ou o início de uma interação, concorrendo para a sua estruturação. Ao lado de várias outras características formais e funções da R, o tópico atua na organização da interação face a face, em especial na coerência conversacional.

Referências Bibliográficas

- Ahlsén, Elisabeth (2006): *Introduction to Neurolinguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Andrade, Maria Lúcia da Cunha Vitória de Oliveira (1998): “A repetição como elemento condutor do tópico discursivo”. In: *Filologia e Linguística Portuguesa* 2: 179-204.
- Antunes, Irané (2003): *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Ardila, Alfredo & Rosselli, Monica (1995): “Repetition in afasia”. In: *Journal of Neurolinguistics* 7(1/2): 103-113.
- Bakhtin, Mikhail ([1929] 1995): “A interação verbal”. In: Bakhtin, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec: 110-127.
- _____ (2000): *Estética da Criação Verbal*. [Tradução: Maria E. Galvão] 3.^a ed. São Paulo: Martins Fontes.
- _____ ([1929] 2004): *Marxismo e filosofia da linguagem*. 11.^a ed. São Paulo: Hucitec.
- Bear, Mark, Connors, Barry e Paradiso, Michael (2002): *Neurociências. Desvendando o sistema nervoso*. [Trad]: Jorge Quillfeldt 2 Porto Alegre: Artmed.
- Beeke, Suzanne (2003): “‘I suppose’ as a resource for the construction of turns at talk in agrammatic aphasia”. In: *Clinical Linguistics & Phonetics* 17(4-5): 291-298.
- Berlo, David (1991): *O processo da comunicação: introdução à teoria e à prática*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bessa Neto, Regina (1991): *A repetição lexical em textos narrativos orais e escritos*. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: UFMG.

- Bouton, Charles (1984): *Discours physique du langage: genèse et histoire de la neurolinguistique*. Paris: Klincksieck.
- Brait, Beth (1993): “O processo interacional”. In: Preti, Dino (org.), *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas: 189-214.
- _____ (1997): “Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem”. In: Brait, Beth (org.), *Bakhtin – Dialogismo e construção de sentido*. Campinas: UNICAMP: 87-98.
- Broca, Paul ([1861] 1969): “Remarques sur le siège de la faculté du langage articulé, suivies d’une observation d’aphémie (perte de la parole)”. In: Hécaen, Henri & Dubois, Jessica (orgs.), *La naissance de la neuropsychologie du langage*. Paris: Flammarion.
- Brown, Gillian & Yule, George (1983): *Discourse Analysis*. London: Oxford Press.
- Bujosa i Homar, Francesc (1981): “La afasia y su historiografía”. In: *Dynamis: Acta Hispanica ad Medicinae Scientiarumque Historiam Illustrandam* 1. Universidade de Granada: 131-164.
- Camerin, Ida Maria Piovesan Dal Pozzo (2005): *Discurso cotidiano no CCA – Centro de Convivência de Afásicos (IEL/Unicamp)*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, SP. Internet. Disponível em http://www.iel.unicamp.br/projetos/cogites/pdf/td_camerin01.pdf (consultado a 04/06/15).
- Caplan, David ([1987] 1993): *Neurolinguistics and linguistic aphasiology*. Nova Iorque: Cambridge University Press.
- Carter, Rita (2003): *O Livro de Ouro da Mente*. Rio de Janeiro: Ediouro.
- Castilho, Ataliba Teixeira de (1998): *A Língua Falada no Ensino de Português*. São Paulo: Contexto.
- Cavalcante, Mônica Magalhães; Pinheiro, Clemilton Lopes; Lins, Maria da Penha Pereira & Lima, Girlene (2010): “Dimensões textuais nas perspectivas sociocognitiva e interacional”. In: Bentes, Anna & Leite, Marli Quadros (orgs.), *Linguística de texto e Análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil*. São Paulo: Cortez: 225-261.

- Chapey, Roberta, Duchan, Judith F., Elman, Roberta J., Garcia, Linda J., Kagan, Aura; Lyon, Jon G. & Simmons-Mackie, Nina (2000): "Life participation approach to aphasia: A statement of values for the future". In: *The ASHA Leader* 5(3): 4-6.
- Clark, Herbert & Wilkes-Gibbs, Deanna (1986): "Referring as a collaborative process". In: *Cognition*: 1-39.
- Clark, Herbert (1992): *Arenas of language use*. Chicago: University of Chicago Press.
- Coudry, Maria Irma Hadler (1988): *Diário de Narciso: discurso e afasia*. São Paulo: Martins Fontes,
- _____ (2001): "A linguagem em funcionamento na afasia". In: *Letras de Hoje* 36(3). Porto Alegre: PUCRS, 449-455.
- Coulon, Alain (1995): *Etnometodologia*. Petrópolis: Vozes.
- Denes, Peter B. & Pinson, Elliot N. (1993): *The speech chain: the physics and biology of spoken language*. New York: W. H. Freeman & Company.
- _____ (1996): *Using Language*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- _____ (2000): "O uso da linguagem". In: *Cadernos de Tradução*. Porto Alegre: Núcleo de Editoração do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: n. 9: 49-71 [Trad.] de Azevedo Nelmon de Oliveira & Garcez Pedro.
- Easter, Kyle Patrick (2011): *Conversational repetition and aphasia: a case study*. University of Illinois at Urbana: Champaign (Department of Speech and Hearing Science).
- Epifânio, Nathalia do Nascimento (2014): *O estatuto da partícula "le" na fala de um sujeito afásico – um estudo da reconstrução da linguagem em contextos*. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP.
- Erickson, Courtney; Hengst, Julie & Duff, Melissa Collins (2008): "Conversational repetition and amnesia". In: *Language*. Hearing Association: ASHA. Chicago.
- Fávero, Leonor Lopes (1999): *Coesão e coerência textuais*. 7.^a ed. São Paulo: Ática.
- Fávero, Leonor Lopes; Jubran, Clélia Spinardi; Hilgert, José Gaston; Barros, Kazuê Saito Monteiro de; Toscano, Maria Eulália Sobral; Andrade, Maria Lúcia; Crescitelli, Mercedes Fátima de Canha; Galembeck, Paulo de Tarso & Aquino,

- Zilda Gaspar de Oliveira (2010): “Interação em diferentes contextos”. In: Bentes, Anna Christina & Leite, Marli Quadros (orgs.), *Linguística de textos e análise da conversação – Panorama das pesquisas no Brasil*. São Paulo: Cortez: 91-158.
- Fávero, Leonor Lopes, Cunha, Maria Lúcia da & Aquino, Zilda Gaspar de (2006): “A movimentação tópica numa visão pragmático-discursiva”. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos* 48. Campinas: 85-104.
- Fillmore, Lily Wong (1991): “Second language learning in children: A model of language learning in social context”. In: Bialystok, Ellen (Ed.), *Language processing by bilingual children*. New York: Cambridge University Press: 49-69.
- Fiorin, Rosalia Perrucci (2008): “Repetição: uma estratégia de construção textual vivaz na oralidade”. In: *Revista Eutomia* 2, 538-559.
- Françoza, Edson (1987): *Linguagem Interna e Afasia*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP.
- Freitas, Maria Noêmi Freire da Costa (2013): “A repetição lexical como recurso da argumentação”. In: *Anais do SILEL* 3(1): Uberlândia: EDUFU.
- Fraser, Bruce (2009): “Topic Orientation Markers”. In: *Journal of Pragmatics* 41: 892–898.
- Galembeck, Paulo de Tarso (1977): “O turno conversacional”. In: Preti, Dino (org), *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas: 55-80.
- _____ (2006): “Correlação entre descontinuidade tópica e alternância de tipos textuais em programas de entrevistas e debates”. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos* 48(1). Campinas: 135-142.
- _____ (2010): “O turno conversacional”. In: Dino Preti (Org.), *Análise de textos orais*. 7.^a ed. São Paulo: Humanitas: 3-54.
- _____ (2013): “O tópico em textos falados e escritos”. In: *Cadernos do CNLF*, XVII (3). Minicursos e Oficinas. Rio de Janeiro: CiFEFiL.
- Gardner, Roderick (1987): “The identification and role of topic in spoken interaction”. In: *Semiotica* 65(1-2). Michigan: 129-142.

- Givón, Talmy (1976): "Topic, pronoun and grammatical agreement". In: Charles, Li (ed.), *Subject and Topic*. New York: Academic Press: 149-188.
- Gorski, Edair Maria (1994): *O tópico semântico-discursivo na narrativa oral e escrita*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Goffman, Erving ([1959] 1995): *A representação do eu na vida cotidiana*. [Trad. Maria Célia Santos Raposo]. 6.^a ed. Petrópolis: Vozes.
- _____ ([1964] 1998): "A situação negligenciada". In: Ribeiro, Branca Telles & Garcez, Pedro M. (orgs.), *Sociolinguística interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre: Editora Age: 11-15.
- _____ ([1974] 1998): "Footing". In: Ribeiro, Branca Telles & Garcez, Pedro M. (orgs.), *Sociolinguística Interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre: Editora Age: 70-97.
- Goldstein, Kurt (1948): *Language and Language Disturbances: Aphasic Symptom Complexes and Their Significance for Medicine and Theory of Language*. New York: Grune & Stratton.
- Gonçalves, Adair Vieira (2004): "O fazer significar por escrito". In: *Selisigno – IV Seminário de Estudos sobre Linguagem e Significação*, União da Vitória: 01-10.
- Goodglass, Harold & Kaplan, Edith (1979): *Evaluación de la Afasia y de Trastornos Similares*. Buenos Aires: Editorial Médica Panamericana.
- _____ (1983): *The assessment of aphasia and related disorders*. Philadelphia: Lea & Febiger.
- Hengst, Julie Ann (2003): "Collaborative referencing between individual with aphasia and routinecommunication partners". In: *Journal of Speech, Language, and Hearing Research* 46: 831-848.
- Hengst, Julie Ann & Duff, Melissa Collins (2007): "Clinicians as communication partners: Developing a mediated discourse elicitation protocol". In: *Topics in Language Disorders* 27(1): 37-49.
- Hengst, Julie Ann, Duff, Melissa Collins & Dettmer, Alexis (2010): "Rethinking repetition in therapy: Repeated engagement as the social ground of learning". In: *Aphasiology* 24(68): 887-901.

- Heritage, John & Atkinson, Max (1984): "Introduction". In: Atkinson, J. Maxwell & Heritage, John (orgs.), *Structures of Social Action*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Hilgert, José Gaston (2002): "A colaboração do ouvinte na construção do enunciado do falante – um caso de interação intraturno". In: Preti, Dino (org.), *Interação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas – FFLCH/USP: 89-124.
- Jakobson, Roman (1960): "Linguistics and Poetics". In: T. Sebeok (ed.), *Style in Language*. Cambridge, MA: M.I.T. Press: 350-377.
- _____ (1984): "Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia". In: Jakobson, Roman. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix: 34-62.
- Johnstone, Barbara (1987): *Repetition in Discourse: Interdisciplinary Perspectives*. vol. 2. Norwood, NJ: Ablex.
- Jubran, Clélia Cândida Spinardi (1992): "Inserção: um fenômeno de descontinuidade na organização tópica". In: Castilho, Ataliba Teixeira de (org.), *Gramática do Português Falado III*. Campinas: Edunicamp/Fapesp: 61-97.
- _____ (2006): "Revisitando a noção de tópico discursivo". In: *Cadernos de Estudos Linguísticos* 48(1). Campinas: 33-41.
- _____ (2007): "Uma gramática textual de orientação interacional". In: Castilho, Ataliba Teixeira de; Morais, Maria Aparecida Torres; Lopes, Ruth; Vieira, Elizabeth & Cyrino, Sônia Maria Lazzarini (orgs.), *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. São Paulo: Editora Pontes: 313-327.
- Jubran, Clélia Cândida Spinardi *et al.* ([1992] 2002): "Organização tópica da conversação". In: Rodolfo, Ilari, (Org.). *Gramática do português falado*. 2.^a ed. Campinas: Unicamp: 341-428.
- Jubran, Clélia Cândida Spinardi; Risso, Mercedes Sanfelice; Urbano, Hudinilson & Fávero, Leonor Lopes (1993): "Organização tópica da conversação". In: Ilari, Rodolfo (org.), *Gramática do português falado II*. Campinas: Ed. UNICAMP/FAPESP: 357-397.
- Koch, Ingedore Grunfeld Villaça (1994): "Funções retóricas e interativas da repetição". In: *Boletim da ABRALIN* 15: 153-158.

- _____ ([1997] 1998): *O texto e a construção dos sentidos*. 3.^a ed. São Paulo: Contexto.
- _____ (2001): “Organização tópica da conversação”. In: Koch, Ingedore Grunfeld Vilaça. *A inter-ação pela linguagem*. 6.^aed. São Paulo: Contexto.
- _____ (2001): “A Repetição e suas Peculiaridades no Português Falado no Brasil”. In: Hudinilson, Urbano; Dias, Ana Rosa Ferreira; Leite, Marli Quadros; Silva, Luiz Antonio da; Galembeck, Paulo de Tarso (orgs.), *Dino Preti e seus temas: oralidade, literatura, mídia e ensino*. São Paulo: Cortez. 118-127.
- _____ (2001): “A referenciação como atividade cognitivo-discursiva e interacional”. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos* 41. Campinas: IEL/UNICAMP: 75-89.
- _____ (2005): “A construção dos sentidos no discurso: uma abordagem sociocognitiva”. In: *Investigações* 18. Recife: 9-38.
- _____ (2006): “Construção/reconstrução de objetos de discurso: manutenção tópica e progressão textual”. *Cadernos de Estudos Linguísticos* 48. Campinas: IEL/UNICAMP: 23-32.
- _____ (2010): *A coesão textual*. 22.^a ed. São Paulo: Contexto.
- Koch, Ingedore Grunfeld Vilaça; Jubran, Clélia Cândida Spinardi, Urbano, Hudinilson, Fávero, Leonor Lopes & Marcuschi, Luiz Antônio (1990): “Aspectos do processamento do fluxo de informação no discurso oral dialogado”. In: Castilho, Ataliba Teixeira de (org.), *Gramática do português falado I*. Campinas: Editora da UNICAMP; São Paulo: FAPESP: 143-184.
- Koch, Ingedore Grunfeld Vilaça, Jubran, Clélia Cândida Spinardi, Urbano, Hudinilson, Fávero, Leonor Lopes, Marcuschi, Luiz Antônio, Santos, Maria do Carmo O. T & Risso, Mercedes Sanfelice (2006): “Aspectos do processamento do fluxo de informação no discurso oral dialogado”. In: Castilho, Ataliba Teixeira de (org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da UNICAMP; São Paulo: 121-154.
- Koch, Ingedore Grunfeld Vilaça, Bentes, Anna Cristina & Rezende, Renato Cabral (orgs.) (2006): “O tópico discursivo”. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos* 48. Campinas: IEL/UNICAMP: 1-155.

- Koch, Ingedore Grunfeld Vilaça, e Silva, Maria Cecília Pérez de Souza (1996): “Atividades de composição do texto falado: a elocução formal”. In: Castilho, Ataliba Teixeira de & Basílio, Margarida (orgs.), *Gramática do Português Falado*. Campinas: Editora UNICAMP: 371-405.
- Kohn, Susan & Katherine L. Smith (1991): “The relationship between oral spelling and phonological breakdown in a conduction aphasic”. In: *Cortex* 27(4): 631-639.
- Lagrotta, Márcia Gomes Mota (2001): *A Repetição em Idosos em Diferentes Situações Institucionais*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH/USP.
- Lebrun, Yvan (1983): “A Dominância Cerebral para a Linguagem”. In: Parente, Maria Alice Matos Pimenta (org), *Tratado de Afasia*. São Paulo: Panamed: 9-19.
- Lecours, André Roch & Lhermitte, François (1979): *L’aphasie*. Paris: Flammarion.
- Leiwo, Matti & Klippi, Anu (2000): “Lexical repetition as a communicative strategy in Broca’s aphasia”. In: *Aphasiology* 14(2): 203-224.
- Lemos, Claudia de (2006): “Sobre o paralelismo, sua extensão e a disparidade de seus efeitos”. In: Lier-Devitto, Maria Francisca & Arantes, Lúcia (orgs.), *Aquisição, patologias e clínica de linguagem*. São Paulo: EDUC; FAPESP.
- Lent, Robert (2002): *Cem Bilhões de Neurônios. Conceitos Fundamentais de Neurociência*. São Paulo: Atheneu.
- Lier-Devitto, Maria Francisca (2006): “Singularidade e repetição”. In: XIV Congresso Internacional da ALFAL – Associação de Linguística e Filologia da América Latina, Monterrey – México. *Anais da XVI ALFAL*, Santiago - Chile: Propriedade Intelectual – 154.805.
- Lima, Sílvia Saraiva Pereira (2004): *O estatuto neurolinguístico da perseveração na afasia*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP.
- _____ (2010): “A questão da perseveração na afasia”. In: Morato, Edwiges Maria (org), *A semiologia das afasias: perspectivas linguísticas*. São Paulo: Cortez: 186-213.
- Lima, Sílvia Saraiva Pereira & Morato, Edwiges (2009): “The neurolinguistic statute of perseveration in aphasia”. In: *Revista da sociedade brasileira de fonoaudiologia* 14(2): 256-260.

Luria, Alexander Romanovich (1977): *Neuropsychological studies in aphasia*. Amsterdão: Swets e Zeitlinger B.V.

_____ (1981): *Fundamentos de neuropsicologia*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: EDUSP.

Lyons, John (1977): *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press.

Mowrer, Donald & Younts, Jan (2001): “Sudden onset of excessive repetitions in the speech of a patient with multiple sclerosis: A case report”. In: *Journal of Fluency Disorders* 26: 269-309.

Marcuschi, Luiz Antônio (1986): *Análise da Conversação*. São Paulo, Ática.

_____ (1990): *A repetição na língua falada e sua correlação com o tópico discursivo*. Recife, UFPE.

_____ (1991): *Formas e posição da hesitação como descontinuidade da fala*. Texto mimeografado, Pernambuco.

_____ (1992): *A Repetição na Língua Falada: Formas e Funções*. Tese de livre docência. Pernambuco: UFPE.

_____ (1999): “Atividades de compreensão na interação verbal”. In: Preti, Dino (org.), *Estudos da língua falada*. 2.^a ed. São Paulo: Humanitas.

_____ (2001): “Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos”. In: Signorini, Inês (org.), *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. Campinas: Mercado das Letras: 23-74.

_____ (2002): “A presença da repetição na fala e algumas perspectivas de tratamento”. In: *Investigações: Linguística e Teoria Literária* 2: 31-47.

_____ (2006): “Referenciação e progressão tópica: aspectos cognitivos e textuais”. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos* 48(1). Campinas: 7-22.

Marinho, Júlia da Silva (2012): *O prompting e suas funções linguístico-interacionais nas afasias*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP.

Marx, Otto (1996): “Aphasia studies and language theory in the 19th century”. In: *Bulletin of the history of medicine* 40: 328-349.

Menn, Lise & Obler, Loraine (1990): *Agrammatic Aphasia: A Cross-language Narrative Sourcebook*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

Mira, Caio César Costa Ribeiro (2007). *O CCA como uma comunidade de práticas: uma análise das interações do Centro de Convivência dos Afásicos*. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP.

_____ (2012): *Afasia e interação: uma análise da dinâmica de turnos e da gestão do tópico nas práticas conversacionais de sujeitos afásicos e não-afásicos*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP.

Mondada, Lorenza (2001): “Pour une linguistique interactionnelle”. In: *Marges Linguistiques* 1: 142-162. Internet. Disponível em http://www.revue-texto.net/Parutions/Marges/artml0000_ml.pdf (consultado em 01/06/2014).

Morato, Edwiges Maria (2001): “Neurolinguística”. In: Mussalin, Fernanda & Bentes, Anna Cristina (org), *Introdução à Linguística: Domínios e Fronteiras*. São Paulo: Cortez, 143-170.

_____ (2004): “O interacionismo no campo linguístico”. In: Mussalin, Fernanda & Bentes, Anna Cristina (org.). *Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos*. 3.^a ed. São Paulo: Cortez: 311-352.

_____ (2005): *Análise da competência pragmático-discursiva de sujeitos afásicos que frequentam o Centro de Convivência de Afásicos (CCA-IEL/UNICAMP)*. Campinas: (Relatório Final de Pesquisa, FAPESP, processo 03/02604-9).

_____ (2006): “Gestão do tópico e relevância conversacional na interação entre afásicos e não afásicos, ou quando uma mão lava a outra”. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 48(1). Campinas: 105-113.

_____ (2008): “O caráter sócio-cognitivo da metaforicidade: contribuições do estudo do tratamento de expressões formulaicas com afasia e com Doença de Alzheimer”. In: *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte: 157-177.

_____ (2010): “As querelas da semiologia das afasias”. In: Morato, Edwiges Maria (org), *A semiologia das afasias: perspectivas linguísticas*. São Paulo: Cortez: 23-47.

_____ (2012): “Referenciação metadiscursiva no contexto das afasias e da Doença de Alzheimer”. In: *Letras de Hoje* 47(1). Porto Alegre: 45-54.

- Morato, Edwiges Maria (org.) (2002): *As afasias e os afásicos: subsídios teóricos e práticos elaborados pelo (CCA)*. Campinas: Editora da Unicamp.
- Neisser, Ulric (1895): “Krankenvorstellung Fall von ‘asymbolie’”. *Allg. Z. Psychiat*, 51-87.
- Norrick, Neal (1987): “Functions of repetition in conversation”. In: Johnstone, Barbara (ed.). *Text* 7(3): 245-264.
- Oelmchlager, Mary L. & Damico, Jack S. (1998): “Spontaneous verbal repetition: a social strategy in aphasic conversation”. In: *Aphasiology* 12(11): 971-988.
- Ombredane, André & Durand, Marguerite (1939): *Le syndrome de désintégration phonétique dans l'aphasie parisienne*. Paris: Masson.
- Ortiz, Karin Zazo (2010): “Afasia”. In: Ortiz, Karin Zazo (org.). *Distúrbios neurológicos adquiridos: linguagem e cognição*. Barueri, SP: Manole.
- Perini, Mário Alberto (1980): “A função da repetição no reconhecimento de sentenças”. In: *Ensaio de linguística*. UFMG: 111-123.
- Pinheiro, Clemliton Lopes (2005): “Organização tópica do texto e ensino de leitura”. *Linguagem & Ensino* 8(1). Pelotas: 149-160.
- _____ (2006): “O tópico discursivo como categoria analítica textual-interativa”. *Cadernos de Estudos Linguísticos* 48(1). Campinas: 43-51.
- _____ (2012): “Objeto de discurso e tópico discursivo: sistematizando relações”. *Linguagem em (Dis)curso*. Tubarão, SC: 793-812.
- Preti, Dino (org.) (2002): *Interação na fala e na escrita*. São Paulo, FFLCH/USP.
- Preti, Dino & Urbano, Hudinilson (org.) (1990): “A sobreposição de vozes numa perspectiva psicocultural e interacional”. In: *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. São Paulo: FAPESP.
- Rezende, Renato Cabral (2006): “O tópico discursivo em questão: considerações teóricas e análise de uma narrativa literária”. In: *Cadernos de estudos linguísticos* 48(1). Campinas: 71-84.
- Ramos, Jânia (1983): *Hipóteses para uma taxonomia das repetições no estilo falado*. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: UFMG.

- Rodrigues, Ângela C. Souza (2001): “Língua falada e língua escrita”. In: Preti, Dino (org.), *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas: 15-38.
- Rojer, Franco (2010): “A anomia no espaço da Afasiologia”. In: Morato, Edwiges Maria (org.), *A semiologia das afasias: perspectivas linguísticas*. São Paulo: Cortez: 48-61.
- Rondal, Jean & Séron, Xavier (1999): *Troubles du langage: Bases théoriques, diagnostic et rééducation*. Sprimont, Bélgica: Peirre Mardaga.
- Sacks, Harvey, Schegloff, Emanuel A. & Jefferson, Gail (2003): “Sistemática Elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa”. In: *Veredas*, 7(1-2). [Original – (1974): “A Simplest Systematics for the Organization of Turn Taking for Conversation”. In: *Language* 50(4): 696-735.]
- Salomão, Margarida Maria (1999): “A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem”. In: *Revista Veredas*. Juiz de Fora: 61-79.
- Salomão, Mircia Hermenegildo (2014): “A repetição como estratégia de formulação do discurso oral e a organização tópica”. In: *Revista Línguas & Letras*. Unioeste: 1981-4755.
- Saussure, Ferdinand de ([1916] 2006): *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix.
- Schegloff, Emanuel, Jefferson, Gail & Sacks, Harvey (1977): “The Preference for Self-Correction in the Organisation of Repair in Conversation”. In: *Language*. Chicago: 361-382.
- Schegloff, Emanuel (1991): “Conversation analysis and socially shared cognition”. In: Lauren Resnick, John Levine & S. Behrend (orgs.), *Perspectives on socially shared cognition*. Washington: American Psychological Association: 150-171.
- Scollon, Ron & Scollon, Suzanne Wong (1995): *Intercultural Communication*. Oxford: Blackwell UK & Cambridge: USA.
- Silva, Luiz Antônio (2001): “Monitoramento na conversação: a interferência do ouvinte”. In: Urbano, Hudinilson; Dias, Ana Rosa Ferreira; Leite, Marli Quadros; Silva, Luiz Antônio & Galembeck, Paulo de Tarso (orgs.), *Dino Preti e Seus Temas: Oralidade, Literatura, Mídia e Ensino*. São Paulo: Cortez: 128-144.

- Stech, Ernest (1982): "The analysis of conversational topic sequence structure". In: *Semiótica XVII*: 79-91.
- Tagliaferre, Rita de Cássia Silva (2010): (2008): *Formas e funções da repetição no contexto das afasias*. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP.
- _____. "O caráter multifuncional da repetição no contexto das afasias". In: Morato, Edwiges Maria (org), *A semiologia das afasias: perspectivas linguísticas*. São Paulo: Cortez: 138-156.
- Tannen, Deborah (1987): "Repetition in conversation: Toward a poetics of talk". In: *Language* 63(3): 574-605.
- _____. ([1989] 2007): *Talking voices: Repetition, Dialogue, and Imagery in Conversational Discourse*. 2.^a ed. Cambridge: Cambridge University Press.
- Tannen, Deborah & Wallat, Cynthia (1987): "Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: exemplos de um exame/consulta médica". In: Ribeiro, Branca Telles & Garcez, Pedro (orgs.) (1998), *Sociolinguística interacional*. Porto Alegre: Editora Age: 120-141.
- Tranel, Daniel; Biller, José; Damasio, Hanna; Adams, H. P. Junior & Cornell Steven H. (1987): "Global aphasia without hemiparesis". In: *Neurology* 44(7): 304-308.
- Travaglia, Luiz Carlos (1999): "O Relevo no Português falado: tipos e estratégias". In: Neves, Maria Helena de Moura (org.), *Gramática do Português Falado*. Campinas: UNICAMP: 77-130.
- _____. "O relevo no processamento da informação". In: Jubran, Clélia Cândida Abreu Spinardim & Koch, Ingedore Grunfeld Villaça (orgs.), *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. Campinas: UNICAMP: 77-130.
- Tubero, Ana Lúcia (2010): "Parafasia: o quiproquó das palavras". In: Morato, Edwiges Maria (org.), *A semiologia das afasias: perspectivas linguísticas*. São Paulo: Cortez: 62-101.
- Ulatowska, Hanna K.; Olness, Gloria Streit; Hill, CaSaundra L., Roberts, Julie A., & Keebler, Molly (2000): "Repetition in narratives of African Americans: the effects of aphasia". In: *Discourse Processes* 30(3). Texas, United States: 265-283.
- Van Dijk, Teun A. ([1977] 1995): *Texto y contexto*. Madrid: Cátedra.

Vilela, Mário Augusto Quinteiro, e Koch, Ingedore Grunfeld Villaça (2001): *Gramática da língua portuguesa: gramática da palavra, gramática da frase, gramática do texto/discurso*. Coimbra: Almedina.

Viscardi, Janaisa Martins (2005): *O Estatuto Neurolinguístico do Automatismo*. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP.

_____ (2010): “Eu preciso falá: automático e voluntário na semiologia do automatismo”. In: Morato, Edwiges Maria (org), *A semiologia das afasias: perspectivas linguísticas*. São Paulo: Cortez: 157-185.

Wakernagel-Jolles, Barbara. (1971): *Untersuchungen Zur Gesprochenen Sprache: Beobachtungen Zur Verknüpfung spontanen Sprechens*. Goeppingen, Kummerle.

Watzlawick, Paul, Beavin, Jane, H. & Jackson, Don. (1967): *Pragmática da comunicação humana*. São Paulo: Cultrix.

Wernicke, Carl (1994): “Some new studies on aphasia”. In: Paul Eling (ed.), *Reader in the history of aphasia: from Franz Gall Norman Geschwind*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

Whitaker, Harry A. (1971): *On the representation of language in the human brain: problems in the neurology of language and the linguistic analysis of aphasia*. Edmonton. Linguistic Research.

Whitaker, Haiganoosh & Whitaker, Harry A. (1976): *Studies in Neurolinguistics*. New York: Academic Press.

Apêndice

Transcrição completa do 1.º exemplo

MS: ((canta)) larararaa
NS: psiu +pedindo para HM ajudá-la a escrever o bilhete+
MS: minino rosa +volta-se para VM+
EC: +volta-se para HM+ a lê cartinha assim... le
carxinha... caxinha
HM: há é exatamente
LM: ah tá
EC: colocou?
LM: +balança afirmativamente a cabeça+
EC: /colocou/ O: lha
HM: psssssssssssssiu
NS: ai que susto
HM: oh... o M envem lá o MS vai escrever lá
EC: vai MS... vai MS
HM: vamo MS...
EC: MS
HM: tem que por um bilhete
EC: é verdade
HM: eu não pus aí um bilhete... então tamem coitadinha aí
da minha amiga não vai receber nenhum... sinto muito... eu
\esqueci\
EC: +volta-se para HM+ Ah ah ah legal
HM: a cara dela
EC: o: o le triste
HM: porque?
EC: o le triste EC
HM: porque tá triste
EC: o Le triste EC
HM: porquê?

EC: le brincá le brincá uai

HM: eh... brinca... agora assim... tem gente que fica trazendo presente já antecipado

EC: verdade eh auai, eh eh

HM: ah que coisa

JM: são só para as pessoas especiais

EC: é verdade eh eh le deu presente a você le deu EC

NS: ah: : : ra

HM: hoje você lembrou JM de trazer bilhete?

JM: não

HM: você lembrou ES de fazer o bilhete

ES: esqueci também

EC: ah ahha le casa... ah le casa

HM: oh nenhum dos nossos amigos vai receber... tá vendo

EC: vi: : : xe

JM: eu também

EC: ah: ah: meu Deus

ES: eu não achei aí a lista de presente

HM: ah... mas é que não tem de todo mundo... não foi todo mundo que escreveu

NS: nossa... esqueci memo

EC: ah: ah:

NS: não dá não

[[°xxxxxxxx° +falando todos ao mesmo tempo+

HM: uai escreva um bilhete pro amigo secreto...seu amigo secreto... isso você pode escrever... você põe o nome do seu amigo secreto... só que ele não vai saber que é você que está escrevendo... você fala... por exemplo... pra mim... HM ...

JM: [nossa...cabelo bonito +olhando para NS+

NS: [[sapassado aí °xxxxxxxx°

HM: que que você gostaria...o que que você gostaria de ganhar... né? diga o que você gostaria de ganhar... aí eu vou escrever... para o amigo secreto de HM... aí daí ele responde por exemplo... entendeu?

ES: [[é o jeito

HM: LM escreve assim... eu LM quero ganhar ((risos)) /um carro/

EC: ((risos))

HM: ele escreveu a semana passada...

EC: verdade?

HM: não foi LM?... não é assim... que a gente tem que brincar... brincadeira

NS: é brincadeira

EC: é: : tem brincar

HM: não... é isso aí... é assim não é... olha quem quiser café... eu fiz café

NS: nossa... gostoso café

MS: ma: ra: vilha

EC: gostoso

NS: tá gostoso café viu

HM: alô oi [[Cris... HM tu: : do bem...quero saber notícia...se vem se não vem((falando ao telefone))

EC: [[+volta-se para VM+ toma café le puro °xxx°

VM: [[pingado...

NS: pingado é... pingado

HM: +HM sai falando ao telefone+

NS: nossa gostoso café é... hoje tem cinema...eu não sei eu to pensando em (Rober)...(Rober) tá no hospital

MS: ah é... o: : : que tem

NS: então... a cabeça e as costa

LM: + volta-se para NS+ o que é

NS: não...então... direto... as costa direto

EC: ((dá a xícara de café a VM))
VM: brigada
MS: u: : h muito bem
NS: ai ai eu um cordei Roberto cordô [[num trabaiá não vô
trabaiá não vô no hospital ai eu falei vô Unicamp não vô
tamem né ele não vai na Unicamp vô sozinho ai eu falei cê
que sabe tô pensando né °xxx°
EC: [[chá colhersinha
MS: [[não não
LM: + volta-se para NS+ °xxxxxxxx°
NS: então as costa direto... direto... direto as costa R
já passou médico... remédio... mióra... depois
vorta...vorta
HM: +entrando na sala+ [[o pessoal da prefeitura não vai
poder vir
NS: [[e agora é...
EC: não vai poder vir
HM: não
EC: nossa
HM: é... que pena
LM: +volta-se para NS+ °xxxxxxxxxxxxx°
NS: na: não eu chego em minha casa três três e poquim
EC: você é: : +passando a mão no cabelo+
NS: cortá
EC: chapinha
EC: [[iiiiii: : :
NS: aham +mexendo no cabelo+ [[e amanhã sim... outro
amanhã... a Sônia vai cabar... acabar
EC: nossa meu Deus hein
NS: é minha fia a Sônia
EC: é::::

NS: escuta a Sônia a menina falou assim NS bonito demais... Roberto...Roberto o: : Che... nossa cabelo bonito a Rejane... é:::.... hoje no ponto... olha assim sabe... a Vânia a Vânia é prima né... NS não conheci você NS... o cabelo... eu falei vixe Maria... a Sônia falô vô cortar... vô cortar assim curtim... /não... não/ vou cortar... então vô embora... não é brincadeira

EC: tiara

JM: tem café?

EC: tiara... ai +indo em direção da NS+

NS: aqui oh...lá em casa tem... tem tiara... um monte

EC: nossa... óia +olhando a tiara+

Ns: o quê

EC: nada nada nada nada nossa... le cor aqUi ó+ apontado algo sobre a mesa+

NS: ah tá é + fazendo sinal de zigue zague sobre a mesa+

EC ((risos)) é:::....

HM: [[°xxxxxxxxx°

GM: +lavando as louças+

NS: Sônia gostô... nossa... nossa segunda terça... a Sônia... nossa NS Sônia... senhora... que lindo... eu falei... é caro mas a Sônia conpensa...nossa Sônia...nossa Sônia eu falei assim eu num gosto num gosto o cabelo curto parece que é nova... o cabelo grande parece que é veia

JM: é veia... mais veia +olhando para EC+

NS: é::

ES: aí depende se vê de frente se vê trás ((risos))

NS: então eu vi eu vejo no espeio espelho

ES: hum

NS: o cabelo grande se parece que é veia

JM: \mais velha né\

NS: mais

ES: tô precisando cortar o meu muito grande o meu
NS: muita... muita[[gente gosta de cabelo
EC: [[pinta né
ES: [[o meu já é escuro só pra retocar
JM: [[o meu não presta curto muito cheio
NS: [[meu também cheio
JM: [[se cortar...
NS: [[cheio
EC: chegou hein eu falava você sumiu hein + falando com MG
que tinha chegado+ ((risos)) /presente Evandra/
MG: e
EC: que ah... + abrindo o presente+
MG: é
EC: brigada
JM: presente é só na próxima semana
EC: é verdade verdade
ES: +volta-se para MG+ Bom Dia
MG: café...
EC: uh uh uh...
JM: olha
ES: bom dia
MG: +vira-se para ES+ bom dia... por acaso eu quê café
NS: ((risos))
ES: sem açúcar... sem nada sem...
EC: hum... aqui + referindo-se ao presente que recebeu+
NS: +volta-se para MG+ é puro ele... é puro ai: :
MG: é
NS: ave Maria
NS: de de
EC: de qualé cidade +olhando as fotos que MG trouxe para
mostrar para o ao grupo+
NS: depois eu quero vê

MG: A: alemanha
EC: /ho: : : no: : ssa/
MS: Germiny
JM: ichi::
NS: esse aqui +mostrando uma foto par MG+
MG: a minha mãe
NS: é: : :
EC: a lê mãe... Frevandra
NS: há: : nossa
JM: há: :
ES: há: :
NS: Germam
NS: e essa aqui na não eu sei irmã +mostrando a foto+
EC: Alemanha
NS: essa aqui
EC: [/Meu Deus/ que isso[mais que isso] + mostrando a foto
para MS+
MG: [Londres
EC: não é ma... nossa senhora
MG: mamãe shi: : : + faz gesto que já morreu+
NS: meu Deus
NS: morreu
MG: morreu ((risos))
NS: mas qual essa aqui
MG: morreu
EC: linda veja: : :
MG: é: : :
MS: ((risos))
NS: esse aqui +mostrando a foto+
MG: ah é min-ha sobrinha
NS: sobrinha
MG: é

EC: o sauru +mostra a foto a MG+

MG: é

EC: \meu Deus MS\ + tom de voz baixo+

NS é você oh + mostra foto a MG+

MG: é

JM: essa + apontando para a foto+

MG: é... é... não num é essa aqui

JM: bom dia dona MN

MS: /Bom Dia/... Bom Dia... ma: ravelha

MG: a um: : lá +tenta explicar+

MN: [+cumprimenta todos+

NS: [agora cê °xx° né? +mostrando a foto+ essa aqui não
agora cê °xx° né tá aqui o corpo né

MN: [[oi °xxx°

JM: [[só dia 15

MG: é: : ((risos))

MS: [((risos))

NS: mas tá bom né tá bom né graças a Deus cê

EC: [nossa heim chique heim

JM: friu né

EC: friu... tudo aí heim nossa heim

MG: ((risos))

LM: bom dia

MN: bom dia

LM: então tá bão

NS: é você +mostra a foto+

MG: osno

JM: osno!

MG: é

MS: dotor Niega

NS: é então você não é muié

MG: não...eu

NS: você então é você ah... eita simpática ((risos))
simpática... velhos tempo né
EC: le °xx° le filho
MG: não
Ec: não né
MG: não dô oh +faz gesto com a mão no olho+ ((risos))
NS: é você né... só que num tem num tem o: a a cabeça
MS: ((risos))
NS: aqui MS num tem a cabeça +mostrando a foto para MS+
((risos))
LM: ((risos))
MS: ((risos))
NS: ((risos))
MS: cor: tou a ca: beça ((risos))
EC: ai meu Deus [[que isto raspei ah meu Deus e aí
+mostrando a foto para MG+
NS: [[meu Deus do céu
EC: meu Deus MS olha que lindo heim ferjão heim tudo ai
heim hum: : : bonito heim °xxx° +mostra a foto para MS+
EC: legal heim aqui MS
SP: +chega cantando e coloca algo na caixa+ na na na na
não nan...
NS: ah: : cê que vê + passando a foto para EC+
NS: depois cê vê tá +falando com EC+
MG: ah: : é +olhando para SI e passando a mão na cabeça+
NS: ói SI cabelo
MG: isso
SI: ((chega e coloca o chapéu e uma sacola sobre a mesa))
NS: cortô né SI... isso... tá... depois eu
SI: °xxx°
MN: +coloca o chapéu de SI na cabeça+
SI: +cumprimenta LM+

NS: [[ah é: : i...eu ói SI
SP: [[oi +cumprimenta JM+
NS: [[ei SI cê cortô o cabelo né: : ai tá veno...
bonito... vô pintá tamem cabelo... num gosto de preto
preto... castanho... já
SI: [[°xxxx°
EC: [[no: : : ssa +olhando fotos com MG e MS+
NS: [[ah tá
JM: bom dia SI... tudo bom... cortou o cabelo?
NS: eh...pintou também
JM: pintou... todo mundo... essa foi a semana do cabelo né
NS: é
JM: NS [também
NS: [tamém fia chovê é: : é: quinze não...chovê... é:
treze... é: : casamento
JM: ah: : :
JM: [olha aí...Dudu tamém cortou o cabelo...oh tô dizendo
que foi a semana do cabelo
NS: [pertinho da minha casa
EC: oia cortô cabelo ih: : : nossa
NS: +volta-se para EM+ óia a SI cortô tamém... eu tamém
cortei tamém óh
EM: ficou legal... nossa você ficou com um cabelão eu tô
achando
EC: /é: : /
EM: fez aquela progressiva definitiva
NS: amanhã... amanhã
EM: cê lembra que a gente falou °xx° daquela definitiva
aqui... lembra? Você já °xxx° sobre formol... foi barra
pesada lembra? A gente falava sobre o produto
NS: há... tô esqueci

EM: é... a gente conversou aqui... lembra MG? Que a gente falou que ia formol...alguém falou

EC: ((risos))

EM: daquela escova que é super definitiva

NS: isto

EM: lembra disso?

NS: acho que sim... é amanhã... mas a Sônia vai é

EM: aí vem a quantidade que...

NS: é amanhã... manhã Sônia vai coisar... agora lisinho... lisinho...lisinho

EM: seu SP também tá louco pra deixar bem lisinho... não... todos os dois +apontando para MS+ um lisinho aqui

SP: aha ((todos risos))

MS: outro lisinho lá ((todos risos))

EM: +faz um gesto com as mãos+ né

EM: ai ai ai ai cê pegou lá os jornais e tudo... brigada... bom dia gente

ES: as meninas °xx° quero vê viu

EM: então eu vi cara

MS: ponto ponto ponto +fazendo gesto com a mão para frente+ ((todos risos)) ponto

ES: lápis que... tão

EM: a gente pega aqui

ES: ah é: :

SP: lalalaralaralarla

NS: +conversa com MG sobre a foto+ aqui é gente conhecida

MG: é:

MS: co-nhe-cido

EC: conhecido

NS: [conhecido ((risos))

EM: [+Em pega algo em sua bolsa e coloca na caixa+

EM: oi gente... esqueceu o filme? ((risos)) MS ia ter uma coisa heim

EC: ô loco

MS: eu touxe... eu filme

EC: hahahah (risos))nossa queceu tem aqui

EM: não confia?

EC: confia é: : : é MS ((risos))

EM: agora gente o filme ele parece ser de mais ou menos na linha daquele que a gente assistiu o Baile... lembra?

MS: isso

EM: tudo que a gente apreende acompanha... o filme é embalado pelas músicas... é... são umas pessoas que se encontram e vivem durante uma noite no salão do baile... chega de saudade... eu nem sei se tem fala

MS: não...não

EM: tem?

MS: muita

EM: sabe... ou ele é só música

MS: não... não... não

EM: tá... mas o importante é que o ambiente

MS: este fonoecelia...ma: ra: vilha +pronuncia uma palavra sem sentido+

EM: ah: : maravilha... a: : então... então é assim... toda aquela gente que vive num... que vai num salão... jovens... velhos... [se conversam se namoram

MS: [Maria Flor

EM: Maria Flor

MS: ma-ra-vilha

EM: então é isso... mas... acho que ah... o fio condutor é a orquestra... [a música

NS: [nossa

MS: isso

NS: nossa
EM: que convida as pessoas a interagirem... se você me entende
MS: isso... é: : : entendo...
NS: entendo
MS: entendo((todos risos))
EM: as vezes interage mais...
MS: ou as veze menos
EM: isso
EC: é menos ((risos))
EM: menos do que o esperado...
MS: isso
EM: têm essas coisas né?...ai meu Deus... bom... é o seguinte... o nosso jornal ficou pronto
EC: /pronto/
EM: \fico maravilhoso\ eu acho... eu acho
EC: ah mais ele é lindo... certeza
EM: +volta-se para ES+ cê tem cê tem o jornal jornal aí?
ES: o jornal está aqui na caixa
EM: tá na caixa... não eu tô falando já...
ES: ((pega o jornal))
EM: uaaaaaaaaaaaaau
EC: ohhhhhh
EM: +volta-se para MS+ sabe o que falaram aqui...sabe aqui do IEL Instituto... sabe o que ele falou?
MS: hanhan
EM: é um jornal de verdade? tem dicas de verdade... dicas de vinho... dicas de cinema de verdade... ele achou super interessante a ideia da dica da carteira de motorista especial... gostou de rever a novela... achou interessante os relatos autobiográficos... gostou da história do

chapéu... acharam um jornal de verdade... então a gente pode cobrar e botá na °xxx°

MS: isso isso isso ((risos))

ES: +entrega o jornal aos integrantes do grupo+ um para cada um tá... mas vocês vão levar mais

EM: informa... entretêm... diverte... entendeu... aí disseram que o único texto meio chato é esse meu aqui do começo... °xxxx° brincadeira... vamos dar uma olhada gente... eu já detectei uns errinhos... o importante gente... por exemplo oh oh

NS: que

ES: errinho de redação

EM: é porque...o ano que vem no primeiro semestre a gente arruma... por exemplo...tem que colocar o número... não... é o número dois... tem colocar aqui o número dois

ES: [então é só isso... faltou o número dois

EC: [é: : verdade né... lê dois

EM: porque eu começo aqui... +lendo o jornal+ esse nosso segundo número... mas não tem o número aqui...

EC: ah: : le duro

EM: então a gente tem... sabe gente oh... eu sugiro que a gente dê uma olhada aqui na cria+ +mostrando o jornal+ e vê o que ficou assim bom o que ficou ruim pra gente sabe...ir se precavendo da próxima vez e arrumar.. o que cê acha

MS: ma: rivilha

EM: vê se tá ok... vê se ceis gostam das fotos... vamos ver algumas né... vão vê se da próxima a gente faz colorida alguma coisa né

MS: e: u con-sigo

EM: a gente põe na conta de seu SP também... ((risos))

MS: hum: : legal

EC: é: colocá: : :

EM: +volta-se para SP+ fazer colorido...fica mais caro né?
a gente põe na conta

SP: ah va va va va

EM: cadê dona MN...a senhora viu sua foto + olhando para
MN+

MN: é:

EM: tá velhinha? Num sei... Chô vê como a senhora tá
aqui...cho vê como a senhora tá... tá muito bem a foto

MS: mioco... puta que pariu na-não puxa é: : :

EM: é: ficou também simpático a matéria do... aqui veio
como veio para nós tá... a MN tá super simpática aqui... oh

MS +mostra para MS+

MN: e: : u achava que estava mais nova +mostrando no
jornal+

MS: ((risos))

EM: ((risos)) ai Dona MN

MN: ai meu Deus do céu

EM: mas olha... tá bem... compatível com a idade... tá bem
conforme a idade da senhora

MN: pois tá... mas eu...

EM: não tá como vinte anos mas também tá bonita como a
idade que a senhora tem

MN: ai meu Deus do céu

EM: ah eu sei... as [belezas se modificam... tem que falar
pro rapazes isso né ((risos))

EC: [sombriho...sombriho aqui oh
+dirigindo-se a MS+

NS: te ajudá +levanta para ajudar MG+

EM: e aí SI... oh SI cê viu a foto aqui +mostrando o
jornal+

SI: bom bom é:

EM: cê tá... cê já se viu aí né

EC: olha...[nó:: EC tá aqui... no: : ssa senhora
MN: [o que acha...nossa meu Deus do Céu +conversa com
SI+
SI: [pinta cabelo
EM: é isso aí... pinta o cabelo...ela falô
EC: EC
MN: é: : começa a ficá com a +passa a mão na cabeça+
EM: as raízes né...
MN: num num gosto
SI: é
EM: ficou bacana a foto do Elizandro hein
EC: /nossa/ legal
MS: ah: : MG
MG: o quê
MS: o: per-so-na-li-da-de com novo tes-ta-men-to...
maravilha
EM: aqui nas palavras cruzadas...
MS: é
EM: [feitas por personagens do
MS: [maravilha
MS: maravilha
EM: muito legal né...
MS: muito
EM: dá pra fazer temático... personagem nessa história
MS: isso
EM: personagem...
MS: maravilha
EM: essa reportagem... essa essa matéria também do
conselho nacional de habilitação tá bem legal também...
olha...
MS: [ex: excelente

EM: [é o jeito... o cara falô assim e é útil... eu falei tá no jornal

MS: ((risos))

EM: sabe... eu fiquei muito... +volta-se para NS+ eu tô falando do M... funcionário da pós-graduação

NS: aham

EM: que é o funcionário da pós-graduação +volta-se e toca em SP+

SP: +finge que assusta+ aham

EM: ele ficou interessado na dica de vinhos seu SP entendeu... ele ficou interessado na dica de vinho... é

JM: sabe o que é legal também a parte do manjericão lá dos usos

EM: do manjericão

JM: essa é muito legal essa

EM: é...sobretudo algumas partes... cada uma gostou mais de algumas coisas... uns gostaram das continhas... tosses... já outro por mal hálito

EC: ((risos))

MS: vi: ver com ar ma: ravelha é é...é

EM: essa reportagem também /VM/ +mostrando no jornal+

MS: excelente

NS: [eu gosto de novela cê num gosta +dirigindo-se a EC +

EC: [eu num gosto

EM: [você viu aqui a sua matéria? Hein VM um pouco da sua biografia...depois...hein VM... VM... aqui tem um pouco da sua biografia... depois as fotos... também foi bastante... \elogiado\ eu achei que esse.. .que esse cinema para o público... cultura assim... ficou assim um pouco pequeno... não sei... na página... veja ai página três +volta-se para MS+

MS: é isso

EC: mas três ele ele pertado
EM: ficou apertado
EC: pertado é... pertado
EM: tudo isso porque a gente não tem muito dinheiro
entendeu... se a gente tivesse daria pra fazer uma coisa
colorida... maior... e tal
EC: entendi
EC: marriá é Rizandro... pera aí ele grandão
hein...Lizandro olha grandão hein... olha ixi
EM: que página que é ES?
EC: seis
EM: seis?
EC: seis
EM: pera aí... seis não
EC: seis
EM: a foto do Elizandro tá onde?
NS: aqui
EM: página
EC: sete
NS: xô vê
ES: sete
EM: sete... ah tá ai
EC: sete
EC: mais olha aqui oh legal
EM: muito boa a foto heim...
EC: é: :
EM: também tem a ver com a qualidade da foto né?... aqui
tá escuro... a da graça ficou boa tamém... podia ter uma
coisa de vinhos aqui... uma foto né... não sei se a gente
na próxima vez também incrementa mais as fotos né HM
HM: é pode ser
EC: /nossa/

EM: como a história dos chapéus também podia botá as fotos heim dos vários chapéus... não sei... aí a gente tem que arrumar os patrocinadores

MS: isso

EC: verdade né

EM: nós temos por enquanto o Reginaldo o que cês acham

EC: ((risos))

MS: eu te: nho um pa: trocinador

EC: /tem/

MS: ah: : :

EM: mas é por vias lícitas... honestas

MS: então

EC: ((risos))

MS: muito honesta

EM: tá

MS: °xxx°

EM: tá eu sei é... então a gente planeja e fala com quem... eu também devo conhecer algumas pessoas... além do diretor dá pra tirar um dinheiro((risos))

EC: ((risos))

MS: ma: rivilha

EC: ah... eu dorei.../nossa/

MS: maravilha

EM: agora efeito esteira... a sua narrativa é LM né... a sua narrativa também é lida ficou contando um pouco da tua vida... ficou legal... bem legal também... aqui... falando sobre a vida profissional tal... essa história do LM tá na página dois

HM: minha... a vida profissional

EM: é... quer dizer... essa parte toda de informação de compartilha de instrução de curiosidade cultural... aliás

também de serviços né como essa de... como faz pra tirar uma carteira de habilitação especial

MS: maravilha maravilha

EM: muita gente não sabe não sabe aí a tramitação ou ah ou assim aos segredos né... corte e costura... de costura o caso aqui... muito bacana... é claro tem que ter novela né a NS... tem que ter sempre uma coisinha de novela aqui

NS: é

EM: então a NS salvou a onda aí né?

NS: é

EM: parte de televisão... aqui tem jornal

EV: le bom le bom

NS: ah eu gosto de novela

EM: oi?

HM: ah eu tô aqui... apareceu o nome aqui apareceu em baixo da fotografia na reportagem °xxxxx°

EM: é... aí tem... se o nome aparece num lugar tem que ficar no lugar porque as vezes aparece na frente as vezes aparece de lado

NS: a tá

EM: mas enfim tem gente que estuda quatro anos para montar um jornal

EC: verdade

MS: e eu a:: esqueci

EM: tá... mas a gente vai aprimorando... eu acho que realmente tá muito bacana

EC: adorei

ES: gostei

EM: eu acho que

MS: [ex: celente

EM: é?

MS: é... tu: do excelente e: você fazê... ah ah ma:
rivilha

EM: nos que fizemos... agora... outra arte que temos pra
pensar é a distribuição né... nós temos aí uns... o que uns
trezentos jornais... trezentos... quatrocentos jornais...
uma ideia é a gente... por exemplo... dar um tanto pro
pessoal da prefeitura para distribuir na própria cidade

MS: isso

EM: eles tem como deixar nos postos de saúde... depois
para grupos de afásicos já conhecidos... aqueles da França
eu vou mandar um... explicando... é lembra aqueles que a
gente sempre manda... vou mandar um também... tem em
Portugal

HM: tem o grupo da AT

EM: tem um grupo em São Paulo do qual participa o seu M...
lembra do seu M

MS: eu valer mui: : to

HM: tem o da PUC

EM: isso... tem da PUC em São Paulo também lá na
Universidade... PUC lá em São Paulo... um grupo também de
pessoas afásicas... a gente pode compartilhar aos tantos...
pra algumas faculdades... de fonoaudiologia... curso de
neuropsicologia que trabalham também com pessoas afásicas
que fica pensando... bom... como fazer né pra melhorar a
comunicação pra ter rotinas de vida... é é social... tá
aqui uma proposta... essa é uma atividade que a gente
faz... tem outras... tem o cinema tem... a própria reunião
semanal né... que mais?

HM: tem aquela pessoa que a JV tá...

EM: na Alemanha?

HM: +balança afirmativamente a cabeça+ que faça contato...acho que eu vou mandar pra JV pedir pra ela entrar em contato

EM: é como é que eles chamam aí... da da fiver

HM: é fiver... [eu acho bacana

EM: eles falam [português também...inglês... e a gente instrui e sugere coisas pra as pessoas fazerem

HM: eu vou pedir pra as pessoas na capa que a gente mandar... pras pessoas escreverem para gente por meio de e-mail uma apreciação do jornal para que a gente possa incluir num próximo número

EM: ah ah ah: : : uma sessão de leitores... de cartas de leitores

MS: ma: rivilha

EM: tem e-mail aqui... é o jeito né...aliás tem que ter e-mail + folheando o jornal+

HM: tem os nossos

EM: também os nossos

EC: o nosso é le dois um e dois né...colocar não né

EM: ah: mais... por que... ficou assim dramático... mas na próxima a gente arruma

EC: formarto é dois... le dois né

EM: oh... o que a gente viu aqui ES

ES: oi

EM: cê pode marcar aí pra gente num esquecer... por favor

ES: tá... tô marcando

EM: primeiro... tem que botar o número

EC: é

EM: que mais... acertar a: : o nome da do autor né... ou na frente ou atrás mais

ES: padronizar

EM: padronizar

MS: e: :

ES: aonde vai o nome né

EM: obrigada ES... [padronizar

EC: é:

HM: [a gente pode escolher... a gente pode escolher um e-mail depois... também pra ser

EM: ah é: um e-mail só... a gente vai montar assim um e-mail daqui do grupo CCA... um e-mail...aquele correio eletrônico do computador pra que eles possam mandar cartas pra nós no computador

HM: porque do mesmo jeito que veio essa reportagem do grupo de afásicos da prefeitura... a gente pode ter outras sessões com outros grupos

MS: i: sso

HM: a gente pode escolher isso como uma uma sessão né... também a gente pode ter né... na próxima teve o da boca pra fora... a gente pode

EM: eles pode... as pessoas podem entrar em contato inclusive não só... sei lá... comigo e com HM e tal mas com cada um que escreveu a matéria... se alguém se interessar... onde cê pegou essa foto de Kioto? pra comparar a degradação ecológica completa... muito bacana

MS: mu: ito o: brigado

SL: ((risos))

MS: mu: ito o: brigado

EM: a pessoa quê perguntar aonde é que você descolou essa foto... aí descreve pessoalmente

HM: obter mais informações a respeito... você pode ter ou por exemplo criar alguma outra... alguma outra receita de crochê... pode pedir pra dona MN... então aí vai... uma outra dica de vinho...

MS: hum

HM: se for vinhos nacionais... então pode pedir... ter alguém que queira saber de vinhos franceses... italianos chineses

SL: ((risos))

HM: seria interessante né

EM: beleza então... que mais

MS: ah: : : um... ma: is ou menos...a: : do: is... ex: celente

HM: você acha que esse segundo tá melhor do que o primeiro

HM: tá bem melhor né

HM: eu acho que sim... nada como a gente aprender... uma coisa tem que ser depois da outra... o terceiro tem que ser ainda melhor... a gente vai aperfeiçoando... é sempre assim não é

EM: agora oh EC... vamo vê se vai surtir efeito o bazar né?

HM: se vai ter gente que vai te procurar

MS: ma: ravelha

HM: tomara né

EM: página sete +volta-se para EC+ você viu aqui +apontando para o jornal+

EC: +balança afirmativamente a cabeça+

HM: aí você fala pras pessoas ah viu... a pessoa fala eu... viram seu bazar no jornalzinho... /opa/

EC: ((risos))

HM: vai fazer um cadastro de clientes... e daí você fica sabendo o quanto as pessoas te procuram pelo jornal

EM: dona MN pode levar lá pro pessoal lá também do centro pra divulgar o jornal né... pra conhecer... pra não só conhecer o grupo aqui do CCA... pra se entreter e se informar como as coisas ocorrem aqui dentro... verdade

EM: oi +volta-se para EC+

MS: não é:: co: :

EC: colorido... é colorido
EM: tem Xerox lá também
MS: isso isso
HM: faz Xerox preto e branco e colorido
EM: conforme for a gente pode fazer o jornal lá sabe
MS: /isso/ isso
EM: sabe a gente arrumar patrocínio e rodá lá
EC: é verdade... leva e coloca aqui uai né leva xerox aqui uai né
EM: a gente arruma... sincretiza... arruma verbas e tudo
HM: precisa ver se ela tem máquina para rodar esse tipo de papel
EM: esse papel +mostra o papel+ ele é assim desse tamanho... não aquele do tamanho normal é outro papel sabe
HM: é... é que provavelmente a máquina dela é de papel A4
EM: ah: : no geral esse é A4... esse aqui é especial... aqui eu não tenho
HM: esse é A3
EM: só em algumas que tem sabe... não sei por que é A3
MG: /iche/
EM: não... mas o que mais sai é esse que cê tem né
HM: é... muito bem é: :
EM: a dona a dona é: : S podia levar lá lá no trabalho dela lá os secretários...
HM: eu vou levar lá pra São Paulo também onde a minha irmã trabalha
MS: ó-cu-los es-cu-ros +olhando para LM+
EC: o quê
MS: na: não não na: não
EC: o que é ((risos))
EM: não tira? tira tira
MS: isso isso na-não tira

EC: mas ele é bonito le bonito le bonito

MS: não ma: rivilha maravilha

EM: ele não tira os óculos

HM: e aí escreveram o bilhete do amigo secreto mudando completamente de assunto

EC: certinho EC coloquei... coloquei coloquei coloquei + cantando+

EM: vamos ver o que tem aí +apontando para caixa+

HM: vamos ver se tem algum bilhete + pegando a caixa sobre a mesa+

Hm: MG

MG: ah e: e: eu num sei não

EC: ah... na: ão

EM: oh... semana que vem a gente vai fazer o amigo secreto heim...

EC: han... han é: oh

EM: todo mundo tá lembrando quem pego

EC: é: :

NS: °xx° né

EM: [a JM sempre ganha

HM: [para JM... calcular quantas coisas boas pra dois mil e nove... seu amigo sua amiga secreto secreta seja lá o que for" /nossa/

EM: a JM já ganhou presente

EC: nossa é le o: : nze

HM: nossa eu quero essa amiga da... olha isso +mostrando o presente+

EM: nossa

EC: /opa/

EM: mas já deu ah: :

ES: olha que linda

HM: na semana passada a T também ganhou presente essa semana ganhou presente... o bilhete é presente... também tem presente aqui dentro (se referindo ao envelope que está na mão)

JM: uau eu também ganhei a minha /nos: : sa/

EM: +volta-se para JM+ o que você ganhou aí

JM: uma maquininha de calcular

EC: a a a o: : : ia

HM: aqui só tem aquelas... continua as listas de ES de HM... de NS...

EM: ah então vamo ver aí

EC: [EC num tem não le EC le triste EC +quase chorando+

HM: de LM... da MG... [do JM... /MS/ bilhete para você... tem pouco aqui ainda gente...

EM: +passa a lista para MS+ pode passar para a °xxx° primeiro + olhando para EC+

EC: ((risos))

MS: is: : so

HM: SP também tem a lista... só ficaram as listas aqui...

MN dona NM também tem bilhete para senhora

JM: olha que lindo

HM: no: : ssa bonitinha... uma calculadora

EC: ai li: : nda + continua fingindo que está chorando+

HM: nossa depois tem que chamar pela AL e a T +AL e T são fonoaudiólogas, mostra os presentes + Gente... tem gente que

EM: para para... o que tem aí? + HM estava fechando a caixa+

HM: o que tem aqui é o da semana passada ainda

EM: tem aí para para EM

HM: olha esse é o que a ES escreveu que a que NS escreveu eu escrevi que seu SP escreveu [LM escreveu

ES: [°xxx° escrever lista de presente

SP: +faz gesto com as mãos sobre o bilhete+ lista

HM: lista... então é o que o senhor gostaria de ganhar...eu vou fazer o seguinte já que ninguém pegou tá todo mundo sem graça de pegar aqui as listas... eu vou ler... o que o seu SP gostaria de ganhar... amigo secreto de seu SP que tiver escutando anote

EC: ai: : : : essa nos: : : a ((risos))

HM: uma passagem para Paris... ida e volta

EC: /nos: : : a/ rsrsrs ((risos))

HM: a passagem deve incluir visita a Carcassone de Luz Marselha

EC: ah caâ

HM: mas aí ele falou... uma caneta... um perfume... um vinho... seco... seco... seco... vinho quem for dar vinho... se alguém for dar vinho pra seu SP... vinho seco

EC: le seco sa: : : :

MS: seco... seco ((risos))

EM: bem seco... garrafa vazia

NS: muito seco

EC: ((risos))

MS: ((risos))

EM: super seca ((risos))

HM: MG... +volta-se para MG+ o que você quer ganhar MG?

MG: +balança negativamente a cabeça dando a entender que não sabe+

HM: qualquer coisa?

EM: um carro ((risos))

HM: um carro

EC: ((risos))

EM: olha... olha... eu tava sem tempo... eu passei numa lojinha uma loja e tinha um monte de carrinho não pude parar... não tinha lugar pra parar também... mas vou comprar... comprar um pra cada um

NS: ((risos))

HM: podia ter comprado... depois...

EM: mas eu não consegui lugar para parar... o meu carro né

HM: o J... se alguém for o amigo do J... o J quer DVD... CD ou chocolate... \qualquer umas dessas coisas\

EM: a: é tá... o que mais vamos ver

HM: HM... o que eu pedi...chô lê aqui ó... agenda... creme... camiseta... mocro-colar... CD... caneta

EM: fácil né

NS: mais o meno

HM: LM... eu já li a semana passada... eu vou ler de novo... ele quer um carro... pode ser um carro pode ser um carro é: : ele é modesto ele é modesto

SP: +faz sinal com a mão de carro de brinquedo+

EM: +volta-se para SP+ e: : eu vou dar um lá da loja que tem lá ((risos))

[um daquele + mostrando quatro dedos da mão a SP+

HM: ele fala assim [olha... pode ser um corsinha... ele exige a cor heim... olha vejam bem... amig... amig do... quem for amigo do LM... veja bem... não é um corsinha qualquer... tem que ser cinza prata

VM: ((risos))

EM: bom... pedir não é pecado né

EC: há: : ele é bebecinho né ((risos))

HM: a ES... a ES... a ES também sugere... agenda... CD... bijuteria... caneta... frasqueira... nécessairezinha... né é isso aí frasqueira nécessaire.../a NS também quer um

carro/... esse povo... acho que a EM tá certa EM +falando o apelido de EM+

EM: pode deixar gente... eu vou fazer sortidos de carrinhos

EC: ((risos))

IHM: primeiro eu vou deixar aqui pra quem quiser lembrar aí

EM: não tem da EM aí

NS: é mentira °xxx°

HM: não tem... alguém já levou... a da EM... levaram

EM: /oba/

EC: é: : : : :

HM: alguém escreveu pra senhora +falando com MN+

HM: o que tá escrito?

MS: eu olha nu nu: falar uma coisa

HM: o que a senhora quer?

MN: mas eu num sei pra quem

HM: não a senhora vai ler o que tá escrito

MN: querida amiga secreta você não respondeu a pergunta que te fiz na semana passada... o final afinal o que gostaria de ganhar +lendo o bilhete+

EM: boa conversação

MN: não tenho o mesmo dote da senhora para o bordado a costura o crochê... portanto não posso prometer fazer um presente... mas poço comprar algo que lhe agrade de seu de sua

EC: é: : :

HM: então... alguém tá falando que pode comprar alguma coisa pra senhora se a senhora disser o que a senhora quer

MN: eu não quero nada

((todos a: : : : : : : : : : : : : : : :))

HM: quem for amigo secreto da dona MN não precisa comprar nada... ela não quer nada ((risos))

EC: le nada ((risos))
NS: só só um abraço ((risos))
MN: só... só abraço
EC: le braço
HM: a senhora só vai saber a semana que vem
EM: semana que vem
EC: le batom le num sei
MN: e... eu num num num podia comprar também aman...
amanhã...
HM: a senhora vai comprar pra pra senhora mesmo
EM: +volta-se para MN+ é pro seu amigo que a senhora tirou
no papelzinho
EC: le migo
HM: a senhora vai comprar pra quem a senhora tirou
EM: não vai contar aqui... vai entregar [só na semana que
vem
HM: [só na semana que vem e a pessoa que tirou a
senho...
MN: mas eu eu num sei quem é
HM: é
EC: /nossa/ ai... num sabe ((risos))
EM: a HM lembra... ela sabe
HM: essa pessoa que escreveu pra senhora que eu não sei
quem é... ela tá perguntando pra senhora o que que a
senhora quer ganhar porque a pessoa que tirou esse...
tirou o nome da senhora no bilhetinho... a pessoa que
escreveu... [e ela quer saber o que que compra pra senhora.
EC: [cê pego EC tá com EC? + EC pergunta
para MS+ ((risos))
SP: isso
MS: [é é ...é LM +aponta para LM+

EM: é esse o jogo dona MN... [bem... no fundo... a pessoa pode ter tudo... mas é só uma lembrança... um agrado

EC: [aham... muito bem °xx° tudo aê ((risos))

HM: um sabonete um creme um bôn

EM: [se se eu ganho...eu já tenho um monte de caneta... se eu ganho uma caneta colorida... uma lembrança daquela... me agrada isso é é só isso... não é pra dar o que precisam... o que precisa mesmo é amizade amor

NS: [amizade mesmo tá certo amizade mesmo amizade mesmo

MS: [muito bem muito bem

EC: é bôn é: :

HM: pode dizer... se tá todo mundo aqui... a senhora pode dizer o que a senhora gostaria de ganhar

EM: mas não vai falar o nome da pessoa que a senhora tirou

HM: na na na na não... na não... [ela vai responder pro amigo secreto

EM: [só vai revelar o segredo na semana que vem

EM: o que?

HM: pra responder o bilhete

EM: +volta-se para MN+ ah o que então a senhora gostaria?

Pode ser eu... pode ser o LM pode ser qualquer

EC: linha... linha... linha bordar linha num sei né

EM: é pode ser... de repente

EC? é: : : linha... novelo

EM: uma agenda dois mil e nove

EC: nove é: : : :

MS: maravilha... ex: celente

EC: le quê esse aí é bom...genda genda lê genda

MN: uma agenda pequinina

EM: uma agenda pequenina ah... pode ser
MS: grande... grande
EC: ah lê genda grandão... EC... ah lê genda grandão... EC
EM: já entendi
EC: le que seja grandão
EM: gente... é o seguinte... se você pegou ela tem que dar
uma agenda grandona
HM: e a dona MN uma agendinha
EC: ((risos))
HM: e a NS está com essa carinha
MN: pela letra num é... num é +volta-se para EM+
HM: sabe quem pode ser... sabe quem?
EM: você acha quem é quem escreve... que sabe escrever?
MN: é
EM: a letra é bonita? +volta-se para MN+
MN: é bonita mas num é assim de +faz sinal com as mãos+
EM: com dificuldade
MN: di: dificuldade
VM: ((risos))
EM: a senhora acha que é um homem ou uma mulher... a
senhora acha que um homem ou mulher
EC: le homem le homem
NS: parece que... muiê eu
EC: le homem
NS: muiê
HM: mas sabe de uma coisa
HM: ah lá
HM: tem pessoas... por exemplo... quem disse que dona SI
num pediu pra alguém escrever o bilhete pra ela
EM: pode ser
EC: é: : : :

HM: quem disse que a NS não pediu pra uma das filhas escreverem pra ela

EM: [essa letra parece de moça... mas pode ser o LM

HM: [a MG num pediu

EC: /LM LM/

HM: o LM tem filha... pode ser de uma filha do LM... pode ser a dona SI pode ser uma das mini...

EM: é... é segredo... só mesmo a pessoa contando a semana que vem +volta-se para MN+

HM: e... pode ser qualquer um dos.. pode ser qualquer um dos alunos lá...dos alunos de fono... pode ser qualquer um de nós... qualquer

MN: eu num sei... co-com quem seja

HM: então

EM: ótimo

HM: essa é a brincadeira

MN: é é o que é que eu vô pedi

EM: uma agenda a senhora falou... uma agenda pequenina

LM: ((risos))

EC: [((risos))]

MN: dá trabalho

HM: num dá trabalho dona MN

EC: uma genda grandão

NS: nada

HM: dá opções dona MN... fala uma agenda ou... que mais?

EC: CD... ele procura... procura... achá... não perdido...

HM: CD

EC: CD CD... isso... le procura EC... le campinho procura achá

VM: +volta-se para EM + alguém mais+

EM: fala... alá gente a VM

HM: horário... a VM tá preocupada com horário pra fazer as pipocas

VM: isso mesmo

MS: maravilha

HM: tá bom... eu vou ver se as pipocas chegaram tá bom

EM: tá... é o seguinte... o filme é dez e meia... aí umas dez e dez... vou pedir pra alguém ir lá... certo... na sala do telão... viu JM... pra ver se tá tudo em cima

HM: o bilhete o MS viu o bilhete... lê... lê o bilhete

MS: é: : : :

HM: amigo

MS: isso... amigo sei que [você tem um um CD

HM: [gosta de...

EM: ele tá perguntando qual?

MS: não é: : : : ma: ravilha

EC: CD?

MS: é: : mais...

HM: mais

MS er: tanejo... não

EM: qualquer CD

MS: /não NÃO/ ((risos))

HM: qual... mas qual... dá uma ideia de algum artista

EM: qualquer CD... menos de música sertaneja

HM: por exemplo

MS: ó: pera

EC: é: : nossa muito bom le ópera

MS: Clássicos

HM: música clássica

MS: NPB

HM: MPB

EM: mas sertaneja não né

JM: Zezé de Camargo e Luciano

EC: ((risos))
MS a: : : : +coloca a mão no nariz sinalizando que não gosta+
EM: mas tem a democracia... o LM já gosta... NS gosta também
NS: ah eu gosto
EM: gosta MG... de sertanejo
MG: +balança negativamente a cabeça+
EM: e você EC?
EC: gosta... gosta aqui ah ah... +faz sinal no nariz como fez o MS+
MS: CD... sertanejo +volta-se para SP+
EM: gostaria de ganhar um CD de música sertaneja +volta-se para SP+
HM: pode entrar +alguém entrando pela porta+
EM: claro...pode
SL: °xxxx°
EM: mas o senhor gostaria de ganhar ou não... ou prefere música clássica
SP: [° xxx°
HM: [dá para sua mãe levar + entregando alguns jornais a VM+
NS: [nossa senhora...limpano oh +conversando com MG+
JM: [° xxxxxx° +conversa com EM+
EM: [ahm...
EC: [o: : : ia le bom
HM: juntar as coisas pro café +falando com NS+
MS: eu te falei do CD que eu ganhei lá no... gostô dele... é legal né +conversando com a JM+
EM: agora...
MS: JM...é: : JM ser: : tanejo ou...
JM: não gosto não de sertanejo... prefiro MPB

EM: forró +olhando para MS+

MS: isso

JM: forró... eu gosto de forro

MS: clássica não

JM: gosto de música clássica

EM: clássica... forró... MPB

HM: café... se não não vai dar tempo

NS: se não não dá tempo... gente agora... café agora

EM: ES

MS: ES

NS: [guarda guarda isso aqui

EM: [Es

ES: oi

MS: +volta-se para ES+ é: : clássico

ES: eu gosto... clássico... músicas italianas eu gosto

EM: italiana?

ES: eu gosto de MPB... gosto das músicas dos anos oitenta

EM: sertaneja não

ES: sertaneja... eu num gosto também não... sertaneja não dá

EM: é... então tá avisado heim

ES: algumas mas

EM: tá...beleza...agora a gente podia distribuir aqui pro pessoal...SI leva lá tá +entregando o jornal+ dona MN... tem mais por gentileza ai +referindo-se à JM+

JM: +entrega os jornais+

Fonoaudióloga: [cê viu que legal

MG: nossa/

EM: [pro senhor leva né

EC: eu quero cinco

SP: é: : : na na na na tem tem

EM: tem...tem mais aqui...

EM: aqui...distribuir... você recebeu o seu... Elizandro tá

JM: [num serve pra homem +conversando com SP+
EC: [Elizandro /opa: : / ... /nossa/ dexa chegá
Elizandro...uchi
EM: MG MG... quantos jornais? três
MG: u: um +levanta o dedo sinalizando que é apenas um+
EM: não
EM: não vai dá pra ninguém...aquela sua sobrinha
EC: não
MG: ah tá
MS: na não... e: : eu vou dá para sobrinha dela...eu
EM: é
MS: é
EM: viu MG... você conhece o pessoal °xxxxxxxx° que gosta
de ler jornal... é isso
Fonoaudióloga: ah... quem... eu... obrigada +olhando para
SP que sinalizou alguma coisa+
HM: olha a JM trouxe o bolo de rolo
NS: SI... aqui senta aqui vai SI
MS: é: : isso +olhando para EM+ ((risos))
VM: café
EM: cê que um cafezinho
HM: vou entregar o bilhete da AL e da T
Fonoaudióloga: posso pegar o meu lá?
HM: pode
EM: qual desses cê quer... cês viram °xxxxx° lá... pegou
tudo tudo
Fonoaudióloga: tudo aquilo que tava com a gente sim
EM: fala +olhando para SP+
SP: °xxxx°
EM: isso... tá... tá bom... deixa eu ver... .dá esse aqui se
SP... se precisar a mais a gente pega mais... vamos ver se
dá pra todo mundo aqui... oh pega esse +entregando o jornal

para VN+ olha... vai mostrar a reportagem sua também viu né... +volta-se para SI+ você pegou SI o jornal?

SI: peguei

EM: NS... cê pegou já?

NS: aham

EM: pegou quantos?

NS: só um

EM: pega mais

NS: ah... é

EM: sim... quem quiser conhecer assim

NS: ah tá

EM: você ... mostra lá o que se fez da novela... tudo

NS: é

EM: pegou já dona MN... pegou já talvez no centro tem alguém que se interesse né...é...mostra também para o seu filho... se quiser levar lá na na escola

MN: +balança afirmativamente a cabeça+

EM: LM já pegou já

LM: já

EM: quantos cê pegou quantos?

LM: +faz sinal de dois com os dedos+

EM: mais LM...se alguém se interesse deixa com a pessoa...

[se alguém se interessar você pode dar... é essa a ideia

LM: tá

EM: [quer mais? né

HM: [olha as bananas... quem quiser... olha tem até um saquinho aqui para por a casca

EC: le banana é meu...calma aí +olhando para MS+

MS: banana minina que tem vitamina lalalala

EM: quer café + olha para SP+

SP: na-não

EM: quem trouxe a banana?

EC: é meu

EM: ah é... olha só

MS: [ah é

HM: [então a gente não tem prato pra comer

EC: ah... lê prata

EM: é?

EC: / lê prata/

HM: então... a gente não sabe se tem prato pra dá pra comer

LM: banana prata é bom né? +aponta para a banana
sinalizando a EM para ela passar a banana+

EM: é boa... é boa pra saúde né... todo mundo pegou aqui...
bom... se cês quiserem pegar mais aqui °xxxxxxx° pegou o
suficiente EC?

EC: seis +faz sinal com a mão+

EM: pegou o suficiente MS... pegou o suficiente?

MS: ma: is ou menos

EM: é depois cê pega...

MS: é

JM: oh HM tem aqui ó

HM: ah... então tá bom... brigada

EM: tem saquinho também VM de pipoca aí tem... o suficiente
aí... sobrou ou nada

EC: tem

HM: o seu A...

EM: [nada

HM: [nada

EM: olha... a dona MN trouxe... é... foi pra EC né... quem
me pediu o livrinho foi ela

EC: é meu é meu... pega um

MN: °xxxx° que os documentos chegassem

EM: ah tá

EC: le LM levô

EM: ah...o seu tá

ES: °xxxx°

EM: olha... eu trouxe aqui pro pessoal da prefeitura... aqui uns vinte pra eles levarem mas eles não vieram hoje... vem hoje? quem é a: :

HM: não vem

EM: ham

HM: num vem

EM: tá aqui pra eles

HM: é até o seguinte eles vão fazer no dia dezesseis °xxxxxxx°

EM: lá pra... escuta gente... lá pra coordenadora do curso de fono... a professora...

HM: Francisca

EM: Francisca... eu vou levá manda pelo malote... né... para ela também... vocês vão levá... mas pra ela distribuir lá... né

T: ah: : você quer que a gente °xxxx°

EM: eu mando pelo malote pra ficar um troço sabe assim... né entendeu... eu mandei uma carta eu mandei uma carta padrão... cá está o jornal de sexta-feira... olha pro Benito... /a:/ falei com Benito seu SP... eu queria dar uma informação assim °xxxx°... ele falô... é o seguinte né... ele falô... veja lá com seu SP... não sei se entendi direito... ele falô viu o: : HM

HM: to ouvindo

EM: não que não funciona a ideia... não que não funciona... cadê o LM... mas é que ele encaminha a ao... a informação... avaliação neurológica e tudo pro ambula/ambulatorio de botox especialmente pra ver se aplica ou não... ai eu falei com o médico que é do ambulatorio de

botox... ai ele me disse... ai que tá... quando o Benito chamar de novo pra ver se o ambulatório de botox... achô que é... ele sozinho... ele médico neurologista não... ele sozinho °xxxxxxxx° e funciona muito pra quem nem tem movimento... onde mais se aplica e você tem... você tem movimento... onde mais se aplica é quando a pessoa tem uma lesão cerebral... sabe como se fosse uma paralisia cerebral... por exemplo... que tá totalmente °xxx° e não funciona... aquelas pessoas que... é mais nesses casos... é mais nesses casos é muito muito paralisado do que a gente que tem movimento como você tem... [o senhor tem... o LM também tem... entendeu... então essa que é a questão... então quando não se aplica a uma pessoa "emiparalisia" que é uma paralisia atenuada... talvez não se aplique... entendeu... mas ele vai encaminhar o caso pro ambulatório... entendeu... essa que é a questão... mas em geral a aplicação com a licença médica é pra quem tá muito muito... tem muita incapacidade... lesões mais °xx°

SP: é é é sim sim sim

EM: não é que não se aplica... você pode ter um tipo da lesão que a pessoa não mexe nunca nada... mas não é o seu caso né...entendeu

EC

[comê

NS:

[vão

comê SI... cê tá veno né... comê não

SP: °xxx°

EM: então é isso gente... beleza °xx° ES

NS: LM cê num qué pavê

EM: isso aqui é o quê?

HM: é bolo de rolo que a: :

EM: batemos com a comida estrangeira hoje

HM: esse é salgado... esse é a: : a VM que trouxe
EM: diretamente de Pernambuco
JM: é
HM: salgado primeiro
VM: o: : :
HM: o que você quer... o seu salgado
VM: isso
SP: isso isso
HM: deixa eu pegar uma...
HM: eh... menina °xxx°
JM: gostou NS
NS: gostei gostei... maravilhoso
JM: bom né
NS: nossa
HM: quem fez VM?
MG: mãe
VM: é: : não
HM: °xxxxxx° gostoso... bom né
SP: +segura o copo para MS comer+
MS: muito obrigado
HM: vamos provar um pavezinho do /MS/... gostoso
MS: pró: xima se: mana... o quê...
HM: hummmmm
NS: oh MS
HM: podia aproveitar a situação com vocês pra combinar o
que cada um quer trazer
EC: levar levar
NS: ah é isso
HM: então vamo lá... a EC salgado... NS
NS: ah num sei
HM: doce ou salgado... salgado... SI
SI: num sei ((risos))

NS: salgado qual
HM: qualquer um... MG o que você quer... doce ou salgado
MG: [sinaliza dois dedos
LM: [ah é +conversa com a sua fono+
Fonoaudióloga: [aqui foi a MG
HM: salgado
MG: na: não
HM: você vai levar dois refrigerantes... refrigerante
refrigerante... salgado salgado +apontando o dedo para os
componentes+
HM: vai levar dois refrigerantes... tá bom... e dona
Natália o que a senhora vai levar
MN: na: não... do: dois +mostra dois dedos+
HM: doce e refrigerante... e dona MN o que a senhora vai
levar
MN: °xxx°
HM: não... a senhora que escolhe... a senhora vai levar
doce ou salgado... por enquanto tem mais salgado... salgado
aqui... salgado e salgado
EC: [le salgado le ponche
HM: [refrigerante refrigerante
Fono: [ah é a sua lista... cê quer um carro é
LM: [na: não ((risos))
Fono: [seu amigo tá perdido então ((risos))... num vai
comer
LM: [comer sim
EC: [le bolo grandão né... le carro num tem carro
ES: não... não tem
EC: ah... tendi
HM: pronto
NS: o:: onze... muita gente muita gente num dá se... toma
água +dá água para SI+

HM: então... o ideal que a gente leve sempre coisas que sejam fáceis de comer... servir... que dê pra cortar... pode ser um sanduichinho... pode ser... pode ser sanduichinho

EC: e: uai né

HM: fica uma coisa fácil de trazer no ônibus?

NS: é no onze

HM: então... é então traz uma... num quer trocar com ela... você traz alguma outra dessas que cê tinha pra trazer e ela traz o refrigerante +aponta para MG+

ES: pra ela é mais fácil

EC: o: : oh: : mais minina...isso aqui ah: : : deixa pra lá

HM: o quê

NS: falô é: : isso aqui

EC: oh le nada

NS: oh escuta... qual... heim fia

EC: o: isso aqui aqui banana ali ali... isso aqui... le EC comprô isso aqui... guaraná

HM: alguém quer suco

NS: eu quero suco

HM: eu tô achando forte esse suco heim

NS: tá memo

HM: vou por um pouco mais de água

EC: gostoso né... o: : : ia... chique o: : : ia +MS descasca a banana+

MS: muito obrigado

HM: será que a sua mãe quer tomar um café... o seu A... quer falar... não

VM: não

HM: vocês num tão comendo nada... tá comendo VM

VM: não... tô

HM: então tá bom... toma ES +entrega o suco+ alguém quer que eu sirva o suco
MG: quer
VM: você... quer café
HM: se ainda tem? café acabou +pergunta ES+ num sei... tá sem gelo né... qué... num tinha água gelada
ES: cê engasga sempre quando come
MS: por favor por favor
SI: °xxxx°
ES: é... sempre quando come... alguma coisa... aí tosse né
MS: e: : °xx°
ES: café... café
EM: tem café ainda gente... quer café +pergunta a mãe da VM ela responde eu quero me convidaram ...o senhor quer um café +pergunta ao seu A+ °xxxxxxxx ° é uma brincadeira metalinguística +seu A é motorista de VM+
EC: eh: : é né °xxxxxxxxxxxx° São Paulo né +mostrando o jornal para EM
HM: pavê... aqui é um bolo de rolo que a JM trouxe lá de Recife +servindo a mãe e o motorista da VM +esse eu não deixo de comer... de Recife olha seu SP+
EM: diretamente de Recife heim
EC: ah le qui...
MS: a: : bibi°xxx°
SP: ah ba ba ba bababa
MS: /ooooh/
EC: oh achei +mostrando o jornal para a mãe da VM+ é São Paulo
EM: dona S dança bolero
SP: é: : : :
MS: maravilha...eh °xx° ex: celente.... morreu tem semana
EM: gostou SI

SI: gosto gosto

EM: vem cá... na semana que vem como é que vai ser então...
nós vamos fazer na sua casa mesmo seu SP? +volta-se para
SP+

SP: na: : não ((risos))

MS: na: : ao ((risos))

EM: desistiu

NS: ah: e agora

SP: tudo tudo presente...tudo tudo +mostrando para os
colegas+

EM: todo mundo deixa o presente lá e vai embora ((risos))
então quem quiser...

ES: bem pensado

EM: o CD sertanejo do LM... o creme da HM... vai deixar
tudo lá... já viu né

visitante: pastel

HM: e... é... todos os presentes

MS: pastel... ma: : ravelha

Visitante: pastel... pastel

HM: a VM já sabe é salgado... a gente tava fazendo a
lista... doce por enquanto quem quer trazer? +conversa com
a fono que vai trazer o doce+

EM: ah... é.... nossa.... os pasteis já famosos

Hm: então tudo bem... panetone

NS: mas é é salgado

HM: não tudo daí cê faz um doce... panetone... mais básico
alguma coisa °xx°

EM: ah é... ah dá...deve dar você sabe

HM: panetone natal afinal cê quer panetone

EM: quem vai trazer bebida?

HM: então a bebida ficou assim oh...a MG...[a SI... o LM

EM: [a coca

NS: panetone aham panetone
HM: a C a C disse que vai trazer o suco + Fonoaudióloga+
MS: C... C +canta+
HM: pronto... a Dona MN... NS panetone e doce... MS
salgado... alguma coisa salgada... o que a senhora quiser
MN: é por que°xxx°
HM: ótimos... perfeitos... ótimos perfeito perfeito
EM: eu levo o violão ou não HM
EC: /leva/
MS: violão... cantora
EM: trazer a cantora AP vou perguntar pra ela se ela pode
vir.. .a AP que cantava no grupo... vou ver se ela pode vir
tá bem... agora só musicas natalinas né
MS: não
EM: ah: : :
MS: ca: na-val ah: : : : ((risos))
EM: não vai ser ó repertório natalino
HM: não... mais é pouquinho +conversa com a AL+
Visitante: forró serve... forró tamem serve
EM: anoiteceu né +cantando+
MS: car-na-val lalalalalala
EM: esse é o espírito natalino
JM: pode deixar aberto JM
EM: e aí tava lá... e aí
JM: tudo certo... tava lá
HM: uma bananinha... vocês não querem comer alguma coisa...
o pavê foi todo /heim MS/ prepara só pra vê né foi pra
comê... foi todo
NS: é então
EC: eu num comi não
HM: queimaram as pipocas né... num comeu não.. .até parece
EC: eu vô pegá

MG: ah ba ba ba

NS: come não °xx°

Visitante: tá aqui o seu copo +mãe de VM entrega o copo a ela+

HM: você viram o jornal... já pegaram o jornal... precisam pegar o jornal... olha é... vamo lá... cês...

EM: bom gente... tá tudo pronto lá pro filme... é um filme brasileiro não... falado em português

MS: i: : sso

EM: [com a música e com a dança... chega de saudade

Visitante: [é... tudo seu... ah tudo isso é seu

HM: [ela pegou pra vocês também

MS: Ma: : ria Flor... ma-ra-vi-lho-a

SP: e: em casa

EM: sim... na semana que vem... nós vamos levar viu... comes e bebes

SP: na na na não é: : é na na ão °xxx°

EM: a gente vai se encontrar aqui... a gente distribui os carros e vai atrás do senhor... então o senhor vem viu

SP: na não

EM: na semana que vem o senhor vem... nós vamos atrás do senhor depois

SP: aham

EM: porque a gente não sabe onde é... pode ser assim

SP: é: na na na + aponta para HM+

MS: HM

EM: cê sabe onde é a casa dele

HM: sei

SP: na não

EM: então o senhor não vem... a gente vai

HM: não é: eu vô... ele me deu o endereço

EM: ah... muito bem... então nós vamos aqui... alguém tem carro de vocês meninas

HM: tem... a D tem... a D

EM: a gen... a gente distribui os carros... eu tenho carro... quem tem a D

Fonoaudióloga: eu

EM: então um carro lá... dois aqui... MS cê vai com a MG

MS: a: :

EM: tá

HM: tem o meu

EM: então pronto... um caminhãozinho... acho que dá... a gente distribui e vai

HM: a JM também... tem carro... cê não precisa +fala com alguém+

EM: é um... é um lugar aqui

HM: é: eu já expliquei pra ele

ES: eu venho de carro também

Visitante: então ele vai na frente... tem que preparar as coisas pra deixar pronto pra só comer

NS: ah é memo

SP: não senhor... não sou °xxxx°

Visitante: prepara tudo lá... a hora que chegar já tá pronto só nois comê

EM: pois é pron... é isso aí olha... nos vamos então né... o senhor não tinha pensado nisso

SP: na na não °xxxx° +explica a EM+

EM: ele quer que... os comes e bebes e os presentes e que a gente vai embora

Visitante: ele quer que a gente só leva vai então.. .ai ele reúne a família dele lá depois

EM: é: : ((risos))

SP: ((risos))

EM: doido... legal... então a gente se encontra as nove...
certo dona MN °xxxx° ah... outra coisa gente... o presente
do amigo secreto heim

EC: e: le °xx° EC

NS: vô compra

EC: le comprá

EM: né... todo mundo pegou o jornal

EC: peguei EC... peguei... num sabia não

HM; olha... tem o meu carro... o da EM... o da VM... o da
JM... o da ES... pode vir... tá bom... o da MG... +conversa
com LM+

SP: [tá: : :

EM: [sei... tá esburacado

HM: [tem um pedaço sim... é: : porque é: : vai lá pro
guará... sabe ali em direção ao via roça... tem que ir lá
°xxx° +conversa com LM+

EM: [então a gente presta atenção

SP: [va va la la La °xxxx°

EM: tá... ah é... mas será... mas será que eles vão
arrumar... então tem um trecho assim de uns cem metros que
ele disse que está meio esburacado

HM: seu SP... como chama mesmo o bairro do senhor?

SP: o que... o bairro

HM: como chama o bairro... onde o senhor mora... no guará é

SP: é no no Guará

HM: no Guará... pra cima é...

SP: na na não

HM: é no Guará ainda

Visitante: bom... a gente vai em comboio num é

HM: isso é... vai

JM: vou desligar a câmera lá também

ES: é

SP: é ai ai ai +se levanta+